

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

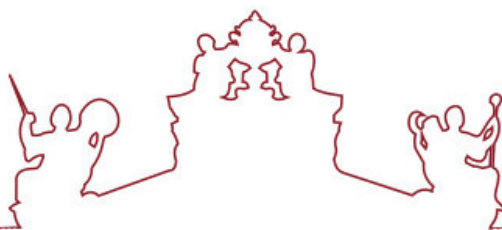
**Perceção da Violência Psicológica entre Parceiros Íntimos e
Disponibilidade para Ajudar: Impacto da Reação da Vitima
Masculina**

Miriam Filipa Caeiro Bicho

Orientador(es) | Maria de Fátima Bernardo

Évora 2026





Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

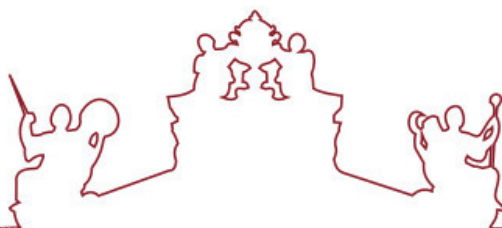
Dissertação

**Perceção da Violência Psicológica entre Parceiros Íntimos e
Disponibilidade para Ajudar: Impacto da Reação da Vitima
Masculina**

Miriam Filipa Caeiro Bicho

Orientador(es) | Maria de Fátima Bernardo

Évora 2026



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Heldemerina Samutelela Pires (Universidade de Évora)

Vogais | Maria de Fátima Bernardo (Universidade de Évora) (Orientador)
Samuel Filipe Pereira Domingos (Universidade de Évora) (Arguente)

Agradecimentos

Os agradecimentos constituem-se como aquela secção que não parece importante, que ninguém quer, na verdade, saber, afinal, não é aqui que está o trabalho. Sou obrigada a discordar. Para mim, este trabalho não existiria, sequer, sem as pessoas aqui mencionadas.

Aprendi que o percurso académico não é um percurso que se faça sozinho, como tantas outras coisas nas nossas vidas e não teria chegado até aqui sem este conjunto especial de pessoas que tanto contribuíram para o meu trabalho e para a minha vida. Posto isto, gostaria de começar por agradecer ao Ivan, que além de um grande amigo de longa data pelo qual tenho imenso carinho, me ajudou e guiou os meus primeiros passos na Universidade.

Ao “Pipo” e à “Bea”, por serem grandes amigos e por me terem ajudado imenso com todas as minhas questões em torno da Dissertação, e acompanhado todos os meus desesperos.

Ao Miguel Pombinho, cujas circunstâncias de vida nos aproximaram e pelo qual tenho um grande carinho. Obrigada por toda a tua disponibilidade em ajudar-me!

À Rute e à Filipa, as minhas «miguxas», por todo o vosso apoio, todos os nossos cafés e longas tardes de conversa que facilitaram todo este processo!

Ao Luís, por me ter acompanhado todo este processo de perto, por nunca ter saído do meu lado mesmo nos momentos mais difíceis, por nunca ter desistido de mim, por nunca ter desistido de nós, e por me ter mostrado que sou capaz de fazer isto e muito mais.

Um especial agradecimento ao Afonso Esteves e à Júlia Soares, os meus queridos atores! Sem vocês, esta Dissertação perdia um brilho especial!

Aos meus pais, por me terem incentivado a seguir o meu percurso académico.

Por fim, mas não menos importante, à Professora Fátima, pela partilha de conhecimentos, pela sua ínfima paciência na análise dos dados, e pela ajuda dispensada durante todo este processo!

**Percepção da Violência Psicológica entre Parceiros Íntimos e Disponibilidade para
Ajudar: Impacto da Reação da Vítima Masculina**

Resumo

As investigações em torno da violência entre parceiros íntimos são vastas, mas poucas investigações se têm concentrado na violência psicológica exercida por mulheres nos seus parceiros, homens, e quais as diferenças da percepção de um espetador face a uma vítima masculina reativa e uma vítima masculina passiva. Pretende-se – recorrendo-se a dois vídeos como instrumento de manipulação das variáveis - compreender a percepção do espetador quanto a uma vítima do sexo masculino, passiva e reativa, compreendendo como a percepção da gravidade, a atribuição de culpa à vítima e agressor, a responsabilidade percebida, e as experiências passadas de vitimação impactam a resposta do espetador e contribuem para a sua disponibilidade em ajudar. Os resultados desta investigação revelaram que a condição passiva atribui mais culpa ao agressor, do que a condição reativa. A responsabilidade percebida revelou-se o melhor preditor de várias formas de disponibilidade de ajuda.

Palavras-chave: violência psicológica, violência no namoro, violência contra o homem, percepção da vítima, estudantes universitários

Perception of Psychological Violence Between Intimate Partners and Willingness to Help: Impact of the Male Victim's Reaction

Abstract

Investigations into intimate partner violence are extensive; however, few studies have focused on psychological violence perpetrated by women against their male partners, or on the differences in observers' perceptions of a reactive male victim versus a passive male victim. This study aims—using two videos as data collection instruments—to understand observers' perceptions of a male victim, whether passive or reactive, examining how perceptions of severity, attribution of blame to the victim and the aggressor, perceived responsibility, and past experiences of victimization influence observers' responses and contribute to their intention to help. The results of this investigation revealed that passive condition attributed more blame to the aggressor than the reactive condition. Perceived responsibility proved to be the strongest predictor of several forms of helping intention.

Keywords: psychological violence, dating violence, violence against men, victim perception, university students

Índice

Introdução	6
Parte I – Enquadramento Teórico.....	10
1. Violência Psicológica entre Parceiros Íntimos	10
1.1. A Vítima Masculina.....	12
2. Estereótipos de Género.....	14
3. Impacto da Reposta da Vítima Masculina na Perceção da Gravidade, Responsabilidade Percebida, Atribuição de Culpa à Vítima e Agressor e Disponibilidade para Ajudar.....	15
3.1. Impacto das Experiências Prévias do Espetador na Perceção da Gravidade, Responsabilidade Percebida, Atribuição de Culpa à Vítima e Agressor e Disponibilidade para Ajudar	23
Parte II – Estudo Empírico.....	26
1. Método	26
1.1. Participantes	26
1.2. Instrumentos	27
1.2.1. Variáveis da Responsabilidade Percebida, Perceção da Gravidade, Atribuição de Culpa, Disponibilidade para Ajudar, Experiências de Vitimação do Espetador e Fatores Situacionais da Vida do Agressor	27
1.2.2. Escala de Atitudes relativas à Violência no Namoro (EAVN) de Saveedra (2010)	29
1.2.3. Instrumento Audiovisual: Vídeo	31
1.3. Procedimento de Recolha de Dados.....	32
1.4. Procedimento de Análise dos Dados	33
2. Resultados.....	34
3. Discussão	44
4. Conclusão	53
Referências.....	56
Anexos	69
Anexo I – Questionário Sociodemográfico	69
Anexo II – Guião Vídeo: Agressor do Género Feminino (Vítima Masculina Passiva) ..	72
Anexo III - Agressor do Género Feminino (Vítima Reativa).....	74
Anexo IV – Link para Visualização dos Vídeos	76

Índice de Tabelas

Tabela 1. Subescala da Violência Psicológica perpetrada pelas Raparigas (VPF)

Tabela 2. Teste t para a Diferença das Médias

Tabela 3. Disponibilidade para Ajudar com Intervenção Direta

Tabela 4. Disponibilidade Para Ajudar Falando Diretamente com a Vítima

Tabela 5. Disponibilidade para Ajudar através de Denúncia Identificada

Tabela 6. Disponibilidade para Ajudar através de Denúncia Anónima

Tabela 7. Disponibilidade para Ajudar através de Falar com a Agressora

Introdução

A violência entre parceiros íntimos é uma área de investigação bastante vasta (Bobato et al., 2021; Costa et al., 2018; Caridade & Machado, 2013; Machado et al., 2003; Neves et al., 2022). Existe uma elevada prevalência de comportamentos violentos no seio das relações íntimas e a sua prevalência tem aumentado, especialmente, em populações mais jovens (Bobato et al., 2021; Machado et al., 2014; Neves et al., 2022), nomeadamente, nas relações íntimas de estudantes universitários (Bobato et al., 2021; Duarte & Lima, 2006; Santos & Rezende, 2021).

A violência psicológica configura-se como a forma de violência mais exercida nas relações íntimas (Bobato et al., 2021; Neves et al., 2022; Silva et al., 2007). As causas subjacentes a este facto, podem estar relacionadas com a dificuldade em identificar a violência psicológica pois, contrariamente à violência física, não existem marcas físicas ou visíveis, mas antes feridas emocionais que vão sendo disfarçadas e justificadas como atos de amor e preocupação (Bobato et al., 2021; Neves et al., 2022).

Exemplos da violência psicológica são os ciúmes e/ou comportamentos de controlo do(a) parceiro(a), que surgem disfarçados como atos de preocupação, de medo e/ou de insegurança face à possibilidade de perder o(a) parceiro(a) e, sendo justificados como uma expressão de amor, a sua incidência no seio relacional aumenta, contribuindo para a perpetuação destes comportamentos no seio das relações íntimas (Bittar & Nakano, 2018; Bobato et al., 2021; Santos & Rezende, 2021).

Ao debruçarmo-nos na prevalência de comportamentos violentos nas relações íntimas, investigações mais datadas reforçam que os principais agressores seriam do género masculino, enquanto as principais vítimas seriam do género feminino (Archer, 2000). A violência praticada por mulheres e raparigas, exercida em homens e rapazes seria, do ponto

de vista social e judicial, desvalorizadas, apoiadas na crença de que não conferiam uma verdadeira ou severa ameaça à integridade física e psicológica do homem (Armond et al., 2020). Investigações mais recentes têm apontado para a progressiva incidência de casos de vitimação masculina e como esses casos são encarados, ainda, como pouco relevantes ou significativos (Armond et al., 2020; Tosta & Cassepp-Borges, 2021). Alertando-se para esta crescente problemática, e verificando-se que ainda existe pouca investigação neste âmbito, compreende-se de que existe uma necessidade de aprofundar este fenómeno.

Parece existir uma multiplicidade de fenómenos e variáveis que podem estar por detrás da prevalência de comportamentos abusivos nas relações íntimas (e.g., estereótipos de género), mais precisamente, da violência psicológica exercida por mulheres e raparigas, nos seus parceiros, de sexo oposto, merecendo este fenómeno uma maior compreensão e investigação.

A percepção da gravidade configura-se como uma variável pertinente para a compreensão deste fenómeno, uma vez que influencia a responsabilidade percebida do espetador e, conseqüentemente, a disponibilidade de ajudar a vítima (Delgado-Alvarez & Sánchez-Prada, 2021). A percepção da gravidade face à violência exercida nas relações íntimas pode variar dependendo de vários aspetos como, por exemplo, o género do agressor e o género da vítima, julgando-se a violência exercida por rapazes e homens mais grave do que a violência exercida por raparigas e mulheres (Herrero et al., 2017; Lippert et al., 2024). O motivo que melhor parece explicar este facto, são os estereótipos de género, pois parece existir consenso de que o género masculino é mais agressivo e violento, comparativamente ao género feminino (Armond et al., 2020; Souza et al., 2022; Silva & Fernandes, 2018).

A percepção de gravidade também influencia a atribuição de culpa que, por sua vez, também é importante na responsabilidade percebida e na disponibilidade de ajuda, pois se o

espetador perceber a vítima como culpada da situação de vitimação, a percepção de gravidade e responsabilidade percebidas serão menores e, assim, também será a disponibilidade em ajudar (Kirby et al., 2022). Por outro lado, se o espectador perceber o agressor como culpado da situação, a percepção da gravidade e responsabilidade percebidas serão maiores, por conseguinte, será a disponibilidade em ajudar também será superior (Gracia et al., 2008; Nardi-Rodríguez et al., 2024).

Outro fator importante na percepção da gravidade, é a visão construída da vítima, quer isto dizer, as vítimas podem ser reativas – assumindo um papel mais ativo nas agressões - ou passivas – assumindo um papel mais passivo e inativo nas agressões, normalmente, apenas aceitam os abusos - e parece que as vítimas reativas são percebidas como “menos” vítimas (Torre Laso & Rodríguez-Díaz, 2022), por este motivo, a percepção da gravidade aumenta quando a vítima assume um papel mais passivo e diminui quando a vítima apresenta um papel mais reativo, considerando-se a vítima reativa como mais capaz de lidar com a situação e de se autonomizar da mesma (Delgado-Alvarez & Sánchez-Prada, 2021).

As investigações em torno da vitimação masculina permanecem escassas, especialmente as investigações que comparam diferenças na percepção da gravidade, responsabilidade percebida e disponibilidade para ajudar, perante estas duas condições: vítima reativa e vítima passiva. Considerando estas circunstâncias, o presente trabalho visa contribuir para o conjunto de investigações que alertam para o aumento de casos de vitimação masculina e para as investigações relativas à violência no namoro de forma global, direcionando-se para uma forma de violência pouco explorada: a violência psicológica. Pretende-se compreender, mais precisamente, a percepção do espectador quanto a uma vítima do sexo masculino, passiva e reativa, compreendendo como estas duas condições influenciam a percepção da gravidade, responsabilidade percebida, atribuição de culpa e disponibilidade para ajudar. Considerou-se, também, se experiências anteriores de vitimação

do espectador, poderiam contribuir para a disponibilidade em ajudar (Nardi-Rodríguez et al., 2024).

Desenvolveu-se uma investigação quantitativa, transversal, que utiliza a exposição a dois vídeos como método de manipulação das variáveis. Os vídeos retratam uma cena de violência psicológica e diferem, apenas, na resposta da vítima: num dos vídeos a vítima, do sexo masculino, reage às formas de violência psicológica (condição reativa) e, no outro vídeo, a vítima não reage (condição passiva).

O recurso a cenários hipotéticos é uma estratégia para manipulação de variáveis, visando despertar no participante algum tipo de emoção e/ou reação (Möller & Husemann, 2006). Embora os cenários lidos possam provocar uma reação no participante, é uma experiência diferente estar de forma presencial, ou se o espectador ouvisse e/ou visualizasse a situação, conforme se pretendeu com os vídeos. Acredita-se que com os vídeos, que se apresentam como aparentemente reais, a percepção da gravidade possa ser superior do que se o espectador lesse um cenário ou história (Barter & Renold, 2000; Cheah et al., 2022; Möller & Husemann, 2006).

Optou-se por elaborar uma situação de violência psicológica entre um casal de estudantes universitários, pois é uma população onde a violência no namoro surge de forma exacerbada (Duarte & Lima, 2006; Santos & Rezende, 2021). A violência psicológica foi a configuração escolhida pois é a mais verificada nas relações íntimas, principalmente, na população universitária (Neves et al., 2022). Ademais, é interessante incluir também a população universitária, pois literatura postula que além de ser uma população onde a violência no namoro surge com frequência, é também a população que mais intervém em situações de violência no namoro (Burn, 2009; Palmer et al., 2016).

Serão aplicadas, após a exposição aos vídeos, as questões desenvolvidas através dos trabalhos de Turgeon & Chamberland (1994, como citado em Chamberland & Laporte, 2010) e Gracia e Colaboradores (2008) e aplicadas no contexto português por Tojo (2017), e a Escala de Atitudes Acerca da Violência Psicológica Perpetrada pelas Raparigas, adaptada para Portugal por Saveedra (2010).

Parte I – Enquadramento Teórico

1. Violência Psicológica entre Parceiros Íntimos

Entende-se por violência o conjunto de comportamentos reativos e proativos que variam em intensidade e duração (Duarte et al., 2014) e que têm a intenção de prejudicar outrem (Costa, 2005).

A violência entre parceiros íntimos é uma expressão da violência doméstica, do ponto de vista da legislação portuguesa, que se traduz na perpetuação de comportamentos violentos exercidos numa relação íntima de afeto, independente da existência, ou não, de coabitação (Bobato et al., 2021). Pode assumir várias configurações, entre as várias manifestações de violência, as mais comuns são a violência física, a violência psicológica e a violência sexual (Neves et al., 2022).

A violência psicológica será alvo de estudo na presente dissertação, uma vez que aparenta ser a mais dominante nas relações conjugais (Costa et al., 2015; Machado et al., 2010; Neves et al., 2022) nomeadamente, nas relações íntimas de estudantes universitários (Bobato et al., 2021; Duarte & Lima, 2006; Santos & Rezende, 2021).

Procedendo à caracterização de violência psicológica, esta corresponde ao ato intencional, não físico, de causar dano a outrem (Duarte & Lima, 2006). Esta forma de violência caracteriza-se pelos atos de desprezar, menosprezar, insultar e/ou humilhar outrem,

em privado ou em público, através de palavras ou de comportamentos como, por exemplo, destruir pertences com valor para a vítima (Manita et al., 2009), impedir ou limitar o acesso da vítima a informações ou a assistência médica (Bobato et al., 2021), o ato deliberado de deixar de falar ou interagir com o(a) parceiro(a), a limitação intencional da ação do(a) parceiro(a) (por exemplo, não deixar o(a) parceiro(a) sair de casa, a proferição de insultos, a humilhação (Duarte & Lima, 2006), a chantagem, discriminação, limitação financeira (impedir que o(a) parceiro(a) utilize o seu próprio dinheiro), entre outras (Silva et al., 2007). Os ciúmes desmedidos e a desconfiança no(a) parceiro(a) são também exemplos de violência psicológica (Santos & Rezende, 2021).

A violência psicológica é a expressão da violência mais difícil de identificar (Silva et al., 2007) e talvez seja por isto que a sua prevalência atinja valores desproporcionais nas relações amorosas, existindo uma multiplicidade de investigações que sustentam este facto: um estudo desenvolvido por Machado e colaboradores (2014) com o objetivo de comparar a prevalência dos comportamentos violentos em casais de namorados e em parceiros casados, verificaram que é nas relações de namoro que se verificam níveis mais elevados de violência física. A violência psicológica é, por outro lado, mais prevalente nos parceiros casados (26%), comparativamente aos casais de namorados (21.1%). Já Costa e colaboradores (2015) constataram que a violência psicológica é a mais preponderante nas relações íntimas dos jovens portugueses, verificando-se que os valores desta incidência rondam os 43.1%, nas mulheres, e os 37.8%, em homens.

Um outro estudo realizado em Portugal, sobre a Violência no Namoro, realizado pela Associação Plano i., entre 2017 e 2020, evidenciou, no que concerne a violência psicológica, cerca de 49.9% ($N = 579$) das mulheres, e 49.7% ($N = 76$) dos homens já sofreram violência psicológica no seio das suas relações, e constatou-se que cerca de 30.8% ($n = 357$) das mulheres e 33.3% ($n = 51$) dos homens admitiram já ter exercido atos de violência

psicológica contra o/a seu/ua parceiro/a. Um estudo conduzido por Neves e colaboradores (2022), revelou que a violência psicológica é a forma de violência mais preponderante nas relações íntimas dos jovens, nomeadamente, em estudantes universitários, seguida da violência sexual, e da violência física.

Além das várias investigações que têm vindo a ser realizadas nas últimas décadas (e.g., Machado et al., 2014; Neves et al., 2022) também nos podemos debruçar nas estatísticas nacionais dos casos de violência doméstica (cf. Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), 2024; Relatório Anual de Segurança Interna (RASI), 2024) compreendendo-se, através dos dados disponibilizados, que a incidência de casos de violência no namoro, nomeadamente, de violência psicológica, têm aumentado ano após ano, surgindo a necessidade de desmistificar o porquê deste fenómeno (cf. Machado et al., 2010; Caridade, & Machado, 2013).

Em suma, compreende-se de que existe, efetivamente, uma grande prevalência de comportamentos violentos nas relações íntimas dos jovens portugueses e, em especial, de formas de violência psicológica (Bobato et al., 2021; Costa et al., 2018; Caridade & Machado, 2013; Duarte & Lima, 2006; Machado et al., 2003; Neves et al., 2022).

1.1. A Vítima Masculina

Investigações iniciais enfatizavam que a vítima era, frequentemente, do sexo feminino, e o respetivo agressor, do sexo masculino (Archer, 2000) e as estatísticas nacionais ao longo dos últimos anos, traçam o homem como o agressor habitual (por exemplo, cf. APAV, 2025), no entanto, algumas investigações neste âmbito começaram a ser conduzidas tanto a nível nacional (e.g., Machado et al., 2014) como internacional (e.g., Archer, 2000; Toscano et al., 2022), reforçando de que os homens também são vítimas de violência por parte das suas parceiras, do sexo feminino.

A escassez, porém, de investigações direcionadas somente às questões da vitimação masculina, têm dificultado a compreensão da dimensão real deste fenómeno, o que dificulta delinear um perfil da vítima masculina, assim como compreender todas as *nuances* relativamente à mesma (por exemplo, quais seriam as diferenças entre uma vítima masculina reativa com uma vítima masculina passiva) (Machado et al., 2016).

O homem, enquanto vítima por parte da sua parceira, mulher, é um assunto relativamente novo na investigação (Machado et al., 2016; Machado et al., 2014), porém, as poucas investigações efetuadas nesta área, revelam alguns pontos em comum: o homem é desvalorizado enquanto vítima (Ambrozewicz et al., 2024; Armond et al., 2020; Archer, 2000), e os motivos parecem ligar-se diretamente aos estereótipos de género, acreditando-se que o homem, pelas suas características físicas e psicológicas, não pode efetivamente ser uma vítima (pois é creditado como mais forte fisicamente e mais resistente mentalmente) (Herrero et al., 2017; Lippert et al., 2024). Por conseguinte, o facto de se caracterizar o homem enquanto mais forte e resistente, origina que as situações de vitimação sejam percecionadas como menos graves, aliadas à crença de que o homem se consegue defender. Sendo a situação de vitimação desvalorizada, a perceção de gravidade é reduzida, assim como a responsabilidade e disponibilidade em ajudar a vítima (Ambrozewicz et al., 2024).

Nos capítulos seguintes, irei aprofundar de forma mais detalhada como os estereótipos de género e como variáveis como a perceção da gravidade, responsabilidade percebida, atribuição de culpa à vítima e agressor, e experiências passadas de vitimação, afetam a perceção de um espetador e, consequentemente, a sua disponibilidade para ajudar a vítima masculina.

2. Estereótipos de Género

O mundo, como o ser humano o conhece, é um lugar repleto de possibilidades, de interações sociais dinâmicas e complexas. Perante esta exigência e, também, complexidade, generalizar torna-se a ferramenta cognitiva predileta para a adaptação do ser humano ao mundo que o rodeia (Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2003).

Com Lippman (1922), conforme explicitado por Garcia-Marques & Garcia-Marques (2003) surgiu, pela primeira vez, o conceito de estereótipo, como resultado de um processo cognitivo, através qual reduzimos o nosso ambiente social ao nível da nossa escala e capacidade cognitiva. Segundo Allport (1954), os estereótipos seriam resultado, de um processo cognitivo básico denominado processo de categorização, possibilitando a organização do mundo interno e externo do indivíduo (Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2003).

Os estereótipos seriam partilhados socialmente, correspondendo a uma parte integrante dos valores sociais de uma determinada cultura ou grupo social (Boira et al., 2017; Fishman, 1956; Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2003). Esta contingência acarreta, porém, um problema: mantém a perpetuação do estereótipo, mesmo quando este se prova errado o que, conseqüentemente, origina uma categorização potencialmente errónea do ser humano (Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2003). Neste sentido, quando falamos em estereótipos de género, falamos na interpretação dos comportamentos dos sujeitos de acordo com o seu género, sendo atribuídas, assim, características distintas a homens e mulheres tendo como fundamentação a sua constituição genital e as crenças sociais profundamente enraizadas numa dada comunidade, conferindo estas as orientações de como cada sexo se deve apresentar e de como se deve comportar (Toscano et al., 2022).

No âmbito das relações íntimas, o estereótipo, pode explicar, pelo menos em parte, a manutenção de comportamentos violentos (Méndez & Lisette, 2023). Literatura científica nesta área tem identificado que as crenças acerca dos papéis de género aparentam justificar a perpetuação de comportamentos violentos em relações íntimas (Delgado-Alvarez & Sánchez-Prada, 2021; Méndez & Lisette, 2023; Souza et al., 2021).

Os estereótipos de género e as características atribuídas a cada sexo explicam, em parte, os contornos da perceção da gravidade, na medida em que o espetador perceciona as situações de vitimação mais graves quando a vítima é do sexo feminino, comparativamente a uma vítima do sexo masculino, estabelecendo como base desta diferenciação, as características estereotipadas de cada género (Herrero et al., 2017; Lippert et al., 2024). Por conseguinte, a disponibilidade em ajudar nestas duas circunstâncias difere, o espetador sente-se mais coagido a ajudar a vítima do sexo feminino, do que a vítima do sexo masculino, considerando a vítima do sexo masculino como mais capaz de se autonomizar, devido à consideração social de que o sexo masculino é mais forte ou, por outro lado, sendo o sexo masculino superior em físico e força, as agressões do sexo oposto não conferem uma verdadeira ameaça (Archer, 2000; Duarte et al., 2014). Todavia, aprofundarei estas questões com maior detalhe no capítulo seguinte.

3. Impacto da Reposta da Vítima Masculina na Perceção da Gravidade, Responsabilidade Percebida, Atribuição de Culpa à Vítima e Agressor e Disponibilidade para Ajudar

Os estereótipos de género, conforme constatado no capítulo anterior, podem funcionar como uma justificação para a manutenção de comportamentos violentos nas relações íntimas (Méndez & Lisette, 2023) e podem explicar, em parte, os contornos da perceção da gravidade, da responsabilidade percebida, atribuição de culpa e

consequentemente, da disponibilidade em ajudar o espectador, conforme explicado (Herrero et al., 2017; Lippert et al., 2024). É, porém, relevante compreender a influência destas variáveis - percepção da gravidade, responsabilidade percebida, atribuição de culpa à vítima/agressor, e disponibilidade em ajudar em determinados cenários – e como, consequentemente, estas variáveis são influenciadas, no espectador, pelo tipo de resposta da vítima. Também se pretendeu averiguar como as experiências de vitimação do espectador impactam a sua percepção e, consequentemente, a sua resposta.

A investigação em torno das diferenças de percepção de uma vítima, entre vítimas do sexo feminino e do sexo masculino, e o impacto das suas respostas, têm-se focado, essencialmente, na violência física (Landstrom et al., 2015; Sorenson & Taylor, 2005), pouco se sabe acerca da violência psicológica ou da diferença entre as respostas de uma vítima e outra, quando a vítima é um homem (Taylor et al., 2022).

As investigações na área da compreensão de respostas de vítimas, na ótica do espectador, postulam que a resposta da vítima masculina não parece ser muito relevante pois, seja esta vítima de violência física (excetuando-se casos muito severos), seja esta vítima de violência psicológica, é menos valorizada enquanto vítima comparativamente a uma vítima feminina (Capezza et al., 2017; Kujiperes et al., 2017).

Parece que a investigação científica direcionada à diferença entre sexos em situações de vitimação, destacam um conjunto de variáveis que pretendem explicar o porquê dessas mesmas diferenças, entre as quais, a percepção da gravidade e responsabilidade percebida, a atribuição de culpa à vítima ou agressor, e a disponibilidade em ajudar (e.g., Bosma et al., 2018; Lippert et al., 2024; Mainwaring et al., 2023; Nardi-Rodríguez et al., 2024). As experiências passadas de vitimação também parecem influenciar a percepção dos espectadores,

face a situações de violência entre parceiros íntimos (Kirby et al., 2022; Mainwaring et al., 2023).

A forma como um sujeito interpreta uma situação é crucial, pois na sua interpretação encontra-se os contornos que justificam o que motiva o sujeito a intervir, ou a não intervir, numa determinada situação (Pilati et al., 2008). No que concerne a violência entre parceiros íntimos, as situações de vitimação feminina são consideradas como mais graves, comparativamente às situações de vitimação masculina. Isto deve-se, por um lado, à prevalência da violência, compreendendo-se de que existem mais casos de violência exercida sob as mulheres e, por estes motivos, a situação é inevitavelmente considerada mais grave (Hohendorff et al., 2015; Taylor et al., 2022).

A configuração da violência perpetrada também influencia a perceção do espetador quanto à gravidade da situação, nomeadamente, as situações de violência física são consideradas mais graves, comparativamente a situações de violência psicológica (Badenes-Sastre et al., 2024), neste sentido, a responsabilidade percebida seria mais elevada e, consequentemente, assim seria a disponibilidade em ajudar.

Curiosamente, quando comparamos a incidência de cada configuração de violência nos sexos opostos, compreende-se de que a mesma não é relevante quando a vítima é do sexo feminino, a situação é sempre considerada como grave. Porém, quando a vítima é do sexo masculino, parece que só formas muito severas de violência é que são consideradas pelo espetador, enquanto severas (Kujiperes et al., 2017).

A violência psicológica, e outras formas menos severas de violência física exercidas sob um homem, não parecem ser alvo de grande valorização. De facto, a vítima do sexo masculino acaba por ser percecionada, pelo espetador, como uma vítima menos legítima e menos credível (Kujiperes et al., 2017). Crê-se que este aspeto se apoie na ideia de que as

agressões exercidas sob homens continuam, socialmente, pouco reconhecidas (Armond et al., 2020; Tosta & Cassepp-Borges, 2021), existindo uma dissonância no espectador perante uma vítima masculina (Kujiperes et al., 2017). Por outras palavras, não existindo muitos casos socialmente reconhecidos de situações de vitimação masculina, quando o espectador é confrontado com uma situação deste género, existe uma sensação de estranheza que o impede de valorizar a situação na íntegra, considerando, por estes motivos, a vítima como menos credível.

Por outro lado, acredita-se que o facto de existirem estereótipos de género inerentes às questões de vitimação acarreta contingências, em particular, os homens vítimas de violência são desacreditados enquanto vítimas pois existe a consideração social de que uma mulher não é fisicamente superior a um homem, pelo que não pode efetivamente constituir um risco à integridade física do homem (Archer, 2000; Sorenson & Taylor, 2005). Porém, ao debruçarmo-nos nas questões da violência psicológica, parece não existirem motivos para a sobrevalorização de um género sob o outro pois, na lógica do estereótipo, a dimensão física não é significativa na violência psicológica (Capezza et al., 2017), mas aquilo que a literatura nos revela é que, independentemente do género e dos estereótipos associados, a violência psicológica exercida sob o homem, perpetrada pela mulher é considerada, pelos espectadores, como pouco ou nada severa (Capezza et al., 2017; Kujiperes et al., 2017).

Capezza e colaboradores (2017), defendem que devido aos estereótipos de género, espera-se que o homem assuma uma postura de maior força e resistência psicológica, pelo que este aspeto pode justificar os resultados da sua investigação, onde a situação de violência psicológica exercida sob o homem, pela sua parceira, foi percecionada, pelos espectadores, como menos graves. Porém, quando inverteram os papéis e era o homem o agressor, embora a situação fosse exatamente a mesma, o espectador considerou a situação mais grave. Crê-se que a ideia de que o homem apresenta uma maior resistência emocional

e psicológica, justifica o porquê de, mesmo enquanto vítima de violência psicológica, o espectador ter considerado a situação como pouco grave e, conseqüentemente, a responsabilidade percebida e a disponibilidade em ajudar serem reduzidas (Capezza et al., 2017).

As emoções da vítima também influenciam a percepção do espectador. Se, por um lado, a vítima se mostrar angustiada, magoada ou lacrimosa, é percebida como mais credível. Considerando a dimensão das emoções apresentadas, inferências são feitas pelo espectador: se, por exemplo, uma vítima masculina apresentar emoções negativas como chorar ou mostrar-se angustiada, existe uma quebra naquilo que é o estereótipo do homem (uma vez que é esperado que este seja austero, frio, que não chore...) e, conseqüentemente, isto provoca dissonância no espectador (Landstrom et al., 2015), existindo uma desidentificação com a vítima.

O espectador identifica-se, tipicamente, mais com a vítima se esta apresentar características pertencentes ao *in-group* do espectador como, por exemplo, o sexo (Ermer et al., 2017). Compreendeu-se que, por este motivo, os participantes do sexo feminino identificam-se com as vítimas do sexo feminino, atribuindo, por isso, mais severidade à situação, comparativamente à vítima do sexo masculino.

A investigação de Kujiperes e colaboradores (2017) revelou que os níveis mais graves de violência física exercidos na vítima masculina, foram percebidos, pelos espectadores femininos, como severos, enquanto as outras formas de violência foram consideradas como pouco ou nada severas. Esta identificação ou desidentificação justificam, em parte, os contornos da disponibilidade em ajudar. Ademais, o facto de as mulheres se encontrarem, estatisticamente, mais propícias a sofrerem violência no namoro, também

aumenta a identificação destas com a vítima, pois reside a ideia de que o mesmo poderia acontecer com as próprias (Walker et al., 2024).

Os espetadores podem também interpretar a expressão da vítima como um indicio do seu comportamento durante a vitimação se, por consequência, considerarem a vítima calma e serena, podem assumir que a mesma não merecia a agressão, se por outro lado, a vítima se mostrar muito enraivecida, pode significar que esta teve influência no surgimento da própria situação de vitimação e, por consequência, a empatia é menor, assim como a disponibilidade em ajudar. Sugere-se que os efeitos da expressão emocional da vítima nas reações negativas dos observadores dependem das expectativas concretas dos próprios observadores e de fatores contextuais, como as circunstâncias da vitimação (Bosma et al., 2018). Salienta-se, neste sentido, a pertinência de evitar ao máximo que, no vídeo apresentado aos espetadores - conforme será aprofundado no método - nesta investigação, os atores a protagonizar vítima e agressor, não revelassem as suas faces de ambos.

O facto de a vítima se apresentar mais ou menos reativa é também importante na disponibilidade em ajudar o espetador pois, se por um lado, o espetador percecioner a situação como se a vítima estivesse em controlo da mesma, a percepção da gravidade seria menor, e assim seria também a disponibilidade em ajudar, pois o espetador perceberia que a vítima, na verdade, pode modificar a sua situação sem auxílio de outrem, despertando, no espetador, sentimentos de desidentificação para com a vítima. Por outro lado, se o espetador interpretar a situação como se a vítima não tivesse hipóteses de escapar da situação sem auxílio, a disponibilidade de ajuda seria maior, pois seriam desencadeados, no espetador, sentimentos de empatia e de maior responsabilidade para com a vítima (Pilati et al., 2008).

A percepção de que a vítima apresenta controlo sobre a sua situação, pode levar à culpabilização da vítima, sendo esta responsabilizada pelo que aconteceu (Weiner, 1980).

Em contraste, quando a situação é percebida como estando fora do controlo da vítima, o indivíduo pode ser visto como menos merecedor dessa situação, despertando simpatia no espectador (Wijaya et al., 2021).

Parece que a forma como a vítima reage influencia a disponibilidade em ajudar, não obstante, as suas emoções também influenciam a percepção do espectador e, consequentemente, a percepção da gravidade e disponibilidade de ajuda deste. Se uma vítima se mostrar mais angustiada e menos calma, poderá despertar no espectador uma maior disponibilidade de ajuda, por este perceber a vítima como menos capaz de agir. Se, por outro lado, a vítima se mostrar mais enraivecida, menos angustiada ou calma, a disponibilidade de ajuda é menor, pois o espectador percebe a vítima como capaz de se autonomizar (Pilati et al., 2008; Wijaya et al., 2021).

Autores como Burn (2009) ou Levine e colaboradores (2002) defendem que o facto de existir algum tipo de relação entre o espectador e a vítima, aumenta, no sujeito, uma maior percepção de gravidade e sentimento de responsabilidade pessoal o que, consequentemente, aumenta a probabilidade de o espectador intervir e ajudar a vítima (Weisz & Black, 2008). Por outro lado, Nicksa (2014) postula que o facto de o espectador conhecer o perpetrador dos atos, o/a agressor/a, reduzem as probabilidades de intervir e ajudar a vítima. Outra investigação, porém, revelou o contrário, demonstrando que os espectadores se mostram mais disponíveis em intervir se conhecerem tanto a vítima como o agressor (Palmer et al., 2016).

O Modelo do Cálculo do Observador de Piliavin, Piliavin & Rodin, fornecem uma explicação para a disponibilidade de ajuda do espectador que pode ser influenciada, por um lado, pela percepção da gravidade, quer isto dizer, o espectador visualiza a situação e analisa se é, ou não, uma emergência. Depois, o espectador assume a responsabilidade de, potencialmente, agir, analisando qual o comportamento a adotar e, para tal, quais as suas

competências e recursos disponíveis. Para esta decisão, o espetador analisa, também, quais os custos ou benefícios de intervir diretamente ou indiretamente na situação. A decisão de ajudar pode também ser influenciada pela presença (real ou inferida) de outras testemunhas, nomeadamente, quantos mais espetadores estiverem presentes, menor será a probabilidade de ajuda, pois a responsabilidade de agir não residirá no espetador, mas será antes distribuída por este e os restantes espetadores (Latané & Darley, 1968).

Situações de maior gravidade são reconhecidas, pelo espetador, de forma mais rápida e, quanto mais grave for a situação, maior será a probabilidade de o espetador intervir. Por outro lado, quanto menos grave for a situação, menor será a probabilidade do espetador intervir (Latané & Darley, 1968). Esta atribuição é influenciada por diversos fatores, não só a resposta da vítima influencia a perceção do espetador, se é mais reativa ou mais passiva (Pilati et al., 2008), como as emoções por esta demonstradas (Landstrom et al., 2015; Wijaya et al., 2021).

Um outro fator que poderá influenciar a disponibilidade em ajudar ou, neste caso, a não disponibilidade no sexo masculino, é o facto de não existirem tantas situações de vitimação masculina, o que reduz a responsabilidade social, pois as situações são interpretadas como pouco frequentes e, como tal, pouco importantes (Felson, 2010; Rhatigan et al., 2011). Por outro lado, sendo as situações de vitimação feminina superiores em proporção e gravidade, a responsabilidade social é sentida pelo espetador como maior e, por conseguinte, maior é a disponibilidade do espetador em intervir na situação e ajudar a vítima (Rhatigan et al., 2011).

Para finalizar, uma outra variável que parece influenciar a perceção de gravidade, responsabilidade percebida e disponibilidade em ajudar, é o facto de o espetador ter passado por alguma situação de vitimação, o que parece aumentar a probabilidade de ajudar a vítima

(Beeble et al., 2008). Na investigação de Kirby e colaboradores (2022), porém, os resultados são contrários. Parece que os participantes que vivenciaram situações de vitimação, estigmatizaram os sobreviventes, normalizando a situação.

3.1. Impacto das Experiências Prévias do Espetador na Percepção da Gravidade, Responsabilidade Percebida, Atribuição de Culpa à Vítima e Agressor e Disponibilidade para Ajudar

Uma variável que parece influenciar a Percepção de Gravidade, Responsabilidade Percebida e Disponibilidade de Ajuda, é o facto de o espectador ter passado por alguma situação de vitimação, o que parece aumentar a probabilidade de ajudar a vítima (Beeble et al., 2008). Na investigação de Kirby e colaboradores (2022), porém, os resultados são contrários, parece que os participantes que vivenciaram situações de vitimação, estigmatizaram os sobreviventes, normalizando a situação de violência, desconsiderando, neste sentido, intervir. Os autores atribuíram estes resultados como uma forma de proteção dos espectadores, isto é, estas crenças funcionariam como uma forma dos próprios participantes que sofreram violência no namoro, se protegerem da realidade e do sofrimento que vivenciaram, desvalorizando a situação como forma de amenizar a sua própria dor e angústia.

Numa outra investigação, compreendeu-se de que os participantes do sexo feminino que sofreram violência no namoro, perceberam as situações de violência como mais severas, comparativamente às participantes que não sofreram violência nas suas relações, mostrando-se mais empáticas e dispostas a intervir (Badenes-Sastre et al., 2024). Outra investigação revelou que, por exemplo, os rapazes tendem a atribuir mais facilmente a violência como culpa das mulheres vítimas (quando o agressor se trata de um homem) ou a

consequências extrínsecas aos envolvidos na situação (e.g., consumo de álcool ou a pobreza) minimizando a violência (Caridade & Machado, 2006).

Também parece que mulheres com crenças estereotipadas em relação aos tradicionais papéis de género, não denunciavam situações de vitimação. Estas mesmas crenças também legitimam a prática de violência em relacionamentos amorosos, normalizando a situação de vitimação o que impacta, consequentemente, a disponibilidade em ajudar (Badenes-Sastre et al., 2024).

As vítimas ou os sujeitos que têm comportamentos violentos, fruto de uma relação familiar marcada por episódios de violência entre os pais ou fruto de uma violência exercida diretamente sob o próprio sujeito enquanto jovem, como forma de punição, apresentam conceções enviesadas de conceitos como a violência e aquilo que é correto ou incorreto numa relação, consequência da sua própria experiência, por exemplo, algumas situações podem ser interpretadas por estes como ameaçadoras ou inapropriadas e o sujeito responde com violência, como forma de se defender ou ripostar. Claro que, em vários contextos, como numa relação íntima, esta forma de resposta é inadequada (Cardia, 1999).

Através destes exemplos, compreende-se como as experiências passadas de vitimação podem interferir na perceção do espetador, face à violência entre parceiros íntimos (Kujiperes, 2017). Como consequência, o entendimento das experiências passadas de um espetador é importante para, precisamente, compreender como a gravidade e responsabilidade percebidas, a atribuição de culpa e a disponibilidade em ajudar são influenciadas.

Considerando os aspetos mencionados ao longo deste enquadramento, o seguinte estudo visa compreender a perceção do espetador quanto a uma vítima do sexo masculino, passiva e reativa, compreendendo como estas duas condições influenciam a perceção da

gravidade, responsabilidade percebida, atribuição de culpa à vítima/agressor, e disponibilidade para ajudar. Pretendeu-se, também, compreender se as experiências passadas de vitimação influenciam a percepção do espectador, assim como fatores contextuais da vida do agressor. Desta forma, estabelecem-se como hipóteses:

- **Hipótese 1:** Espera-se que existam diferenças significativas na percepção da gravidade entre as condições reativa e passiva, sendo a condição reativa percebida como menos grave, comparativamente à passiva.
- **Hipótese 2:** Espera-se que existam diferenças significativas entre as condições reativa e passiva, na responsabilidade percebida, espera-se uma maior responsabilidade percebida na condição passiva, comparativamente à vítima da condição reativa.
- **Hipótese 3:** Espera-se que existam diferenças significativas entre as condições reativa e passiva, na atribuição da culpa à vítima, espera-se uma maior atribuição de culpa na condição reativa em comparação à condição passiva.
- **Hipótese 4:** Espera-se que existam diferenças significativas entre as condições reativa e passiva, na atribuição da culpa ao agressor, espera-se uma menor atribuição de culpa na condição reativa em comparação à condição passiva.
- **Hipótese 5 :** Espera-se que existam diferenças significativas entre as condições reativa e passiva, na disponibilidade para ajudar, esperando-se uma maior disponibilidade para ajudar a vítima da condição passiva, comparativamente à vítima da condição reativa.
- **Hipótese 6:** Espera-se que existam diferenças nas atitudes do espectador face à resposta da vítima reativa e vítima passiva.
- **Hipótese 7:** Espera-se que a percepção de gravidade, a responsabilidade percebida, atribuição de culpa à vítima ou ao agressor, as situações

de vida do agressor, o sexo do respondente, a experiência anterior com situações de violência (como vítima ou espetador, incluindo o facto de o espetador ter, ou não, observado uma situação de violência) contribuam para a disponibilidade para ajudar.

Parte II – Estudo Empírico

1. Método

1.1. Participantes

Para este estudo recorreu-se a uma amostra de estudantes universitários, voluntários. A amostra resultou em 250 inquiridos ($N=250$), 125 participantes na condição reativa e 125 participantes na condição passiva. Não existiram critérios de exclusão para conduzir esta investigação, apenas se pretendia que os participantes fossem estudantes universitários.

A maioria dos estudantes ($n=240$), cerca de 96% da amostra, pertencem à Universidade de Évora, enquanto cerca de 4% dos participantes ($n=10$) pertencem a outras universidades portuguesas.

A maioria dos estudantes ($n=108$) frequenta o curso de Psicologia (Licenciatura e Mestrado), correspondendo a cerca de 43.2% da amostra, enquanto os restantes estudantes pertencem a cursos, maioritariamente, da área da Educação ($n=76$) (viz., Ciências da Educação, Educação Básica ...), correspondendo a cerca de 30.4% da amostra, e os restantes ($n=65$), cerca de 26%, pertencem a outros cursos (viz., Gestão, Bioquímica, Arquitetura...). Um dos participantes não respondeu à questão “Curso que Frequenta”, integrando 0.4% da amostra.

Cerca de 93.6% dos participantes são naturais de Portugal ($n=234$), enquanto cerca de 6.4% ($n=16$) provêm de outros países (Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Equador).

Em relação à experiência passada de vitimação dos participantes, cerca de 68.8% dos participantes admitem não ter sofrido ou perpetrado violência no namoro, na condição reativa. Cerca de 31.2% admitem ter sofrido ou perpetrado comportamentos violentos no âmbito das suas relações.

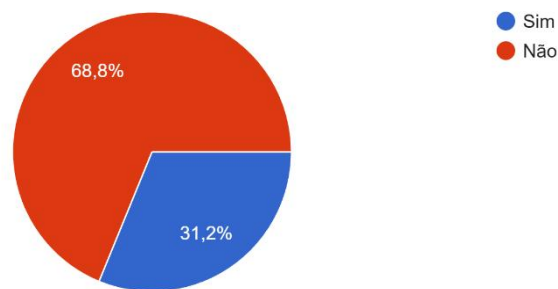


Fig. 1. Experiência Passada de Vitimação: Condição Reativa

Quanto aos participantes da condição passiva, cerca de 74.7% admitem não ter passado ou perpetrado violência no namoro, enquanto 25.6% admitem ter passado ou perpetrado.

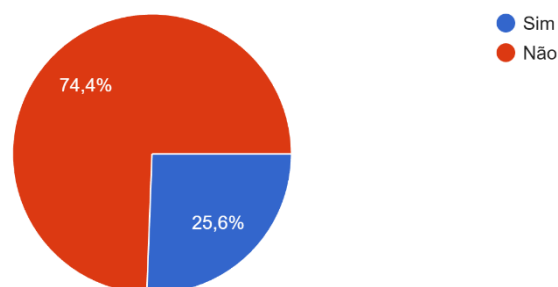


Fig. 2. Experiência Passada de Vitimação: Condição Passiva.

1.2. Instrumentos

1.2.1. Variáveis da Responsabilidade Percebida, Perceção da Gravidade, Atribuição de Culpa, Disponibilidade para Ajudar, Experiências de Vitimação do Espetador e Fatores Situacionais da Vida do Agressor

Para avaliar as variáveis, utilizaram-se as questões desenvolvidas com base nos trabalhos de Turgeon & Chamberland (1994, como citado em Chamberland & Laporte, 2010) e Gracia e Colaboradores (2008) e aplicadas no contexto português por Tojo (2017). Estas questões integram uma escala de resposta de tipo *likert* de 10 pontos, em que 1 significa “Nada” e 10 significa “Muito”.

O *Sentimento de Responsabilidade Pessoal* foi avaliado através de três questões, “Até que ponto é que a pessoa se sentiria responsável por intervir se a vítima fosse seu familiar/sua vizinha/ ou uma pessoa desconhecida”.

A *Percepção de Severidade* foi avaliada através de uma única questão: “Até que ponto esta situação lhe parece grave?”.

A *Atribuição de Culpa* foi também avaliada de três formas, com três questões diferentes: “Em que medida concorda que a culpa da situação seja da vítima?”; “Em que medida concorda que a culpa da situação seja do/da agressor/a?” e “Em que medida concorda que a culpa da situação se deva a outras situações de vida (ex.: divórcio dos pais de Maria, *stress*, etc.)?”.

A *Disponibilidade para Ajudar* foi avaliada através de cinco questões que pretendiam compreender qual a probabilidade de o respondente intervir considerando cinco opções: realizar uma denúncia anónima; realizar uma denúncia identificada; falar/aconselhar a vítima; e falar/aconselhar o/a agressor/a.

Os *Fatores Situacionais da Vida do Agressor* foram avaliados através de uma única questão, “Em que medida concorda que a culpa da situação se deva a outras situações de vida (ex.: divórcio dos pais de Maria, *stress*, etc.)?”.

As *Experiências de Vitimação do Espetador* foram avaliadas através de duas questões que não integravam as questões desenvolvidas por Turgeon & Chamberland (1994,

como citado em Chamberland & Laporte, 2010) e Gracia e Colaboradores (2008) e aplicadas no contexto português por Tojo (2017): “Já alguma vez observou alguma situação de violência no namoro?” e “Já alguma vez passou por alguma situação de violência no namoro como vítima e/ou agressor/a?”.

1.2.2. Escala de Atitudes relativas à Violência no Namoro (EAVN) de Saveedra (2010)

A Escala de Atitudes relativas à Violência no Namoro (EAVN) foi adaptada para Portugal por Saveedra (2010), ajustada da *Attitudes Toward Dating Violence Scales* de Price & Byers (1999).

A EAVN é constituída por 76 itens, distribuídos em seis subescalas: “Violência Psicológica Masculina” (com 13 Itens); “Violência Física Masculina” (com 12 Itens); “Violência Sexual Masculina” (com 12 Itens); “Violência Psicológica Feminina” (com 12 Itens); “Violência Física Feminina” (com 13 Itens) e “Violência Sexual Feminina” (com 12 Itens).

Procedeu-se ao cálculo consistência interna da subescala EAVN recorrendo-se, para este efeito, ao α de *Cronbach*, adquirindo-se um valor de $\alpha = .698$. Na escala original, adaptada por Saveedra (2010), o alfa da escala total é de $\alpha = .94$.

Considerando que este estudo se debruça na vitimação masculina e em formas de violência psicológica, utilizou-se a subescala “Violência Psicológica Masculina” (Tabela 1), também denominada “Atitudes Acerca da Violência Psicológica Perpetrada por Raparigas (VPF)”, cujos itens podem ser consultados em seguida:

Tabela 1. Subescala Atitudes Acerca da Violência Psicológica perpetrada pelas Raparigas (VPF).

Itens da Subescala Atitudes Acerca da Violência Psicológica perpetrada pelas

Raparigas (VPF)

É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a rapariga quer.

Por vezes as raparigas têm de ameaçar os namorados para eles as ouvirem.

As raparigas têm o direito de dizer aos namorados o que fazer.

Um rapaz deve fazer sempre o que namorada lhe diz para fazer.

Uma rapariga pode dizer mal do namorado.

É normal uma rapariga gritar com o namorado quando fica furiosa.

As raparigas têm direito de dizer aos namorados o que devem vestir.

Um rapaz deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos.

Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado.

Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados.

Se uma rapariga gritar e berrar com o namorado, não o magoa a sério.

Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado.

Uma rapariga não deve controlar o que o rapaz veste.

Nota. Escala de Resposta: 1= Concordo Totalmente; 2= Concordo; 3= Não Concordo

Nem Discordo; 4= Discordo; 5=Discordo Totalmente.

Por fim, os participantes responderam ao Questionário Sociodemográfico que visa recolher informações sociodemográficas que permitam caracterizar a amostra (cf. anexo I).

O valor da subescala, “Atitudes Acerca da Violência Psicológica perpetrada pelas Raparigas (VPF)”, utilizada neste estudo, é $\alpha = .79$.

1.2.3. Instrumento Audiovisual: Vídeo

O recurso a cenários hipotéticos é uma estratégia para manipular variáveis ou recolher dados, visando despertar no participante algum tipo de emoção e/ou reação (Möller & Husemann, 2006).

Considerou-se que seria interessante desenvolver uma situação hipotética protagonizada por dois atores e proceder à gravação da situação, como se tivesse sido gravada por um observador anónimo. Pretendia-se, com isto, que a situação aparentasse o mais real possível, como se alguém percebesse a discussão entre o casal e procedesse à sua gravação, discretamente.

O vídeo foi gravado com um dispositivo móvel (Telemóvel Samsung Galaxy S24 Ultra) ainda que existam limites ao nível da imagem e da captura do som, pois considerou-se que levaria a situação a ser interpretada como mais plausível. Um vídeo claramente encenado poderia levar os respondentes a alterar as suas respostas, respondendo o que considerariam como mais correto para aquele cenário, ao invés de responder o que realmente sentiam em relação à cena apresentada (Barter & Renold, 2000; Cheah et al., 2022; Pinheiro et al. 2005).

Num primeiro momento, concebeu-se o guião do vídeo para ser interpretado e encenado pelos atores. Teve-se em consideração a opinião dos colegas que estudam, na área da sua formação, a construção de guiões cinematográficos. Realizou-se um ensaio com os atores para se avaliar a veracidade do guião e se procedeu ao estudo de vários enquadramentos, de forma a encontrar o enquadramento mais realista. Após as gravações e edições, ambos os vídeos ficaram com a duração de cerca de 1 minuto e 30 segundos.

Os dois vídeos eram exatamente iguais, divergindo apenas na reação da vítima: num vídeo a vítima reagia às formas de violência psicológica, enquanto no outro, a vítima não reagia (cf. anexos II e III e cf. anexo IV para *link* de visualização dos vídeos).

1.3. Procedimento de Recolha de Dados

A recolha de dados teve lugar em vários edifícios da Universidade de Évora, mediante as turmas cujos professores aceitaram colaborar na investigação. As salas escolhidas em cada edifício foram previamente equiparadas com dois computadores com um *set* de *headphones*. Os computadores foram colocados lado a lado, mas separados de forma a evitar que cada participante conseguisse ver a reação do/a colega ao vídeo, ou ver/ler as suas respostas ao questionário e subescala.

Os participantes tiveram acesso ao Consentimento Informado, dando a sua autorização ao início da experiência. Primeiramente, assistiram ao vídeo, sendo instruídos de que dúvidas relativas ao mesmo deveriam ser reservadas para o final, e que durante o processo de visualização do vídeo e resposta ao questionário deveriam manter o silêncio.

Cada participante visualizou um dos vídeos onde constava uma situação de violência entre um casal, com formas de violência psicológica (insultos, humilhações, controlo da ação/comportamento do parceiro e ciúmes desmedidos). Após a visualização do vídeo, os participantes responderam ao conjunto de questões adaptadas dos trabalhos Turgeon & Chamberland (1994, como citado em Chamberland & Laporte, 2010) e Gracia e Colaboradores (2008) e aplicadas no contexto português por Tojo (2017), à Escala de Atitudes Sexuais em Relação à Violência no Namoro (adaptada por Saveedra, 2010) e, por fim, ao Questionário Sociodemográfico.

Após o Questionário Sociodemográfico, foram colocadas duas questões de resposta dicotómica (“Sim” ou Não”) aos participantes: “Já alguma vez observou alguma situação de

violência no namoro?” e “Já alguma vez passou por alguma situação de violência no namoro como vítima e/ou agressor/a?”, averiguando a experiência prévia dos participantes em relação ao tópico uma vez que, conforme explicado no enquadramento teórico, esta contingência poderia alterar a perceção dos estudantes.

Antes dos participantes enviarem as suas respostas, constava no documento de resposta uma nota explicativa acerca do vídeo, explicitando que o mesmo foi encenado e criado para atingir os objetivos da investigação vigente com a colaboração de dois estudantes da Licenciatura em Teatro. Ademais, foram incluídos contatos de várias Linhas de Apoio a Vítimas de Violência Doméstica (uma vez que casos de violência no namoro são integrados, de acordo com a legislação portuguesa, no crime de violência doméstica) e Violência no Namoro, ressaltando a necessidade e a pertinência dos participantes pedirem ajuda no caso de se encontrarem em relações abusivas ou de conhecerem alguém que se encontre em designada situação. Todo o procedimento descrito foi aceite pela Comissão de Ética da Universidade de Évora.

1.4. Procedimento de Análise dos Dados

Primeiramente, efetuou-se a exportação das respostas dos participantes da plataforma *Google Forms*, transferindo e convertendo as mesmas para um ficheiro *Excel*.

O ficheiro *Excel* foi limpo, e procedeu-se à sua codificação, preparando o ficheiro para ser introduzido no *IBM SPSS Statistics™ 24 (SPSS)*. No *SPSS*, procedeu-se ao cálculo do teste *t* para amostras independentes, a fim de verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre as condições um e dois (reativa e passiva, respetivamente), considerando-se um nível de significância de $\alpha = .05$. Efetuaram-se, também, Regressões Lineares Múltiplas para averiguar a hipótese sete.

2. Resultados

Para testar as primeiras seis hipóteses, isto é, para testar a diferença entre as duas condições experimentais e as variáveis dependentes, foi realizado um teste de diferença de médias de *t-Student*, cujos resultados são apresentados na Tabela 2.

O teste *t* não permitiu constatar diferenças significativas para as hipóteses 1, 2 e 3, não se verificam diferenças significativas entre as duas condições para as variáveis percepções da gravidade da situação, responsabilidade percebida e atribuição causal à vítima. Em contrapartida, verifica-se a hipótese 4, isto é, verificam-se diferenças significativas para as duas condições na atribuição de culpa pela situação ao agressor. A condição passiva atribuiu significativamente mais culpa da situação ao agressor do que a condição reativa.

Tabela 2. Teste *t* para a Diferença das Médias.

	Condição Reativo (Média)	Condição Passivo (Média)	<i>T</i>	<i>Sig.</i>
Quão grave lhe parece a situação que visualizou?	7.21	7.34	-.565	.573
Até que ponto se sentiria responsável por fazer alguma coisa se estivesse na sala a assistir?	3.81	3.90	-.752	.453
Até que ponto se sentiria responsável por fazer alguma coisa se o João fosse seu familiar?	7.32	7.76	-.1119	.264
Até que ponto se sentiria responsável por fazer alguma coisa se o João fosse uma pessoa desconhecida?	3.65	3.50	-.267	.790

E que medida concorda que a culpa da situação seja do João?	3.21	2.45	1.863	.064
Em que medida concorda que a culpa da situação seja da Maria?	6.42	7.09	-2.064	.040
Em que medida concorda que a culpa da situação se deva a outras situações de vida (ex.: divórcio dos pais de Maria, stress, etc.)?	5.60	5.77	-.296	.767
Qual a probabilidade de intervir diretamente na situação?	3.43	2.99	.572	.568
Qual a probabilidade de falar/aconselhar João?	5.89	5.89	-.199	.843
Qual a probabilidade de realizar uma denúncia identificada (não anónima)?	2.49	2.44	-.051	.960
Qual a probabilidade de realizar uma denúncia anónima?	3.37	3.67	-.892	.373
Qual a probabilidade de falar/aconselhar Maria?	5.78	5.33	.541	.589
<i>Escala de Atitudes relativas à Violência Namoro (EAVN)</i>	5.27	5.88	.362	.718

No que concerne a hipótese cinco, em que se esperavam diferenças significativas entre as condições reativa e passiva na disponibilidade para ajudar, esperando-se uma maior disponibilidade para ajudar a vítima da condição passiva, comparativamente à vítima da condição reativa, o teste *t* não apresentou diferenças significativas entre a condição passiva e a condição reativa.

Quanto à hipótese seis, não se encontraram diferenças significativas nas atitudes do espectador entre as condições passiva e reativa, medidas pela escala EAVN.

No que concerne à hipótese sete, foram conduzidas uma série de Regressões Lineares Múltiplas, com o modelo *stepwise*, para prever as variáveis que contribuíam para os diferentes tipos de disponibilidade para ajudar (variável dependente) para as duas situações estudadas, condição ativa e condição passiva. Foram consideradas as seguintes variáveis: a percepção de gravidade, percepção de responsabilidade, atribuição causal da culpa à vítima e à agressora, sexo do participante e experiência anterior como vítima ou agressor (variáveis independentes).

No que concerne a Disponibilidade para Ajudar com Intervenção Direta, a Tabela 3 apresenta os resultados das análises de regressão linear múltipla para as duas condições distintas: reativa e passiva. Os resultados revelam que o principal preditor da intervenção direta é a responsabilidade percebida ($R^2 = 0.561$), ($\beta = 0.749$), no Modelo 1, tanto na condição reativa como na condição passiva. Na condição reativa (no Modelo 2), a atribuição da culpa à vítima ($\beta = -0.118$), apresenta poder explicativo adicional ($R^2 = 0.574$), quando combinada com a responsabilidade percebida, assim, parece que quanto maior a atribuição de culpa à vítima, menor é a disponibilidade para intervir diretamente. Em ambas as condições, a responsabilidade percebida é elevada e tem um efeito forte e consistente sobre a disponibilidade para ajudar.

Tabela 3. Disponibilidade para Ajudar com Intervenção Direta

Condição		Modelo 1				Modelo 2		
		B	Erro Padrão	Beta	Sig.	B	Erro Padrão	Beta
Reativa	(Constante)	.451	.271			.754	.308	
	Responsabilidade percebida se estivesse na sala a assistir?	.776	.062	.749	.000*	.791	.062	.763
	Percepção de Culpa da Vítima					-.116	.059	-.118
	R ²	.561				.574		
	R ² ajustado	.557				.567		
Passiva	(Constante)	.500	.241					
	Responsabilidade percebida se estivesse na sala a assistir?	.669	.053	.754				
	R ²	.568						
	R ² ajustado	.565						

Nota. * indica valores significativos considerando $p < .05$.

Os resultados da Tabela 4 revelam que o principal preditor de falar diretamente com a vítima é, também, a responsabilidade percebida ($R^2=0.101$). Na condição reativa e passiva, a responsabilidade percebida apresenta um efeito positivo sobre a disponibilidade para ajudar, portanto, quanto maior a responsabilidade percebida, maior a probabilidade de falar diretamente com a vítima. Este efeito é mais acentuado na condição passiva ($\beta = .514$). No modelo 2, a responsabilidade percebida mantém-se como um preditor positivo e significativo ($\beta = .358$), enquanto a culpa atribuída à vítima surge como um preditor negativo ($\beta = -.337$), quer isto dizer que quanto mais a vítima é percebida como culpada, menor é a disponibilidade do espectador para ajudar. O efeito negativo da culpa é mais acentuado na condição reativa, do que na condição passiva.

Tabela 4. Disponibilidade Para Ajudar Falando Diretamente com a Vítima

Condição		Modelo 1				Modelo 2			
		B	Erro Padrão	Beta	Sig.	B	Erro Padrão	Beta	Sig.
Reativa	(Constante)	4.53	.400			5.43	.434		
	Responsabilidade percebida se estivesse na sala a assistir?	.341	.092	.318	.000*	.384	.087	.358	.000*
	Percepção de Culpa da Vítima					-.343	.082	-.337	.050
	R ²	.101				.213			
	R ² ajustado	.094				.200			
Passiva	(Constante)	3.48	.423			4.08	.494		
	Responsabilidade percebida se estivesse na sala a assistir?	.612	.092	.514	.000*	.602	.091	.505	
	Percepção de Culpa da Vítima					-.225	.100	-.171	
	R ²	.264				.293			
	R ² ajustado	.258				.282			

Nota. * indica valores significativos considerando $p < .05$.

A Tabela 5 mostra os resultados da disponibilidade para ajudar através da denúncia identificada, e verifica-se que a responsabilidade percebida permanece forte em ambas as condições reativa e passiva, contudo, o efeito é mais pronunciado na condição passiva ($B = .488$; $\beta = .519$). Com a inclusão da variável atribuição de culpa da vítima no Modelo 2, observa-se um aumento considerável do poder explicativo ($R^2 = .400$; R^2 ajustado = .390), este resultado indica que, neste tipo de ajuda, uma maior percepção de culpa atribuída à vítima está associada a uma ligeira tendência de aumento da disponibilidade para agir.

Tabela 5. Disponibilidade para Ajudar através de Denúncia Identificada

Condição		Modelo 1				Modelo 2			
		B	Erro Padrão	Beta	Sig.	B	Erro Padrão	Beta	Sig.
Reativa	(Constante)	.778	.366						
	Responsabilidade percebida se estivesse na sala a assistir?	.457	.084	.441	.000*				
	R^2	.195							
	R^2 ajustado	.188							
Passiva	(Constante)	.303	.314			-1.76	.714		
	Responsabilidade percebida se estivesse na sala a assistir?	.557	.068	.591		.488	.069	.519	.000*
	Percepção de Culpa da Vítima					.317	.099	.235	.027*
	R^2	.350				.400			
	R^2 ajustado	.344				.390			

Nota. * indica valores significativos considerando $p < .05$.

Os resultados da Tabela 6 revelam que a responsabilidade apresenta um efeito positivo ($B = 0.558$; $\beta = 0.463$) na disponibilidade para ajudar, assim, quanto maior a percepção de responsabilidade, maior a predisposição para intervir anonimamente numa situação de violência. No Modelo 1, na condição passiva e reativa, apenas a responsabilidade percebida foi incluída como variável preditora, revelando novamente um efeito positivo e

forte ($B = 0.692$; $\beta = 0.599$). No Modelo 2, foi acrescentada a variável gravidade da situação, observando-se um aumento no poder explicativo do modelo ($R^2 = 0.404$; R^2 ajustado = 0.427). A responsabilidade percebida manteve-se como o preditor mais relevante ($B = 0.612$; $\beta = 0.530$), enquanto a gravidade apresentou um contributo positivo ($B = 0.368$; $\beta = 0.223$). Estes resultados indicam que, mesmo que a percepção da gravidade influencie a disponibilidade para ajudar, a responsabilidade permanece o principal preditor da disponibilidade em ajudar, denunciando anonimamente. No Modelo 3, foi introduzida a variável já passou por situação de violência no namoro, que mostrou um efeito negativo sobre a disponibilidade para ajudar ($B = -1.044$; $\beta = -0.156$), sugerindo que quem vivenciou situações de violência tende a sentir-se menos propenso a intervir anonimamente. Em resumo, tanto na condição reativa como na passiva, a responsabilidade percebida surge como o principal fator explicativo da disponibilidade para ajudar. No entanto, enquanto na condição reativa o efeito é mais direto e isolado, na condição passiva o comportamento de ajuda mostra-se influenciado pela gravidade da situação pela experiência pessoal de violência.

Tabela 6. Disponibilidade para Ajudar Através de Denúncia Anônima.

Condição		Modelo 1				Modelo 2				Modelo 3			
		B	Erro Padrão	Beta	Sig.	B	Erro Padrão	Beta	Sig.	B	Erro Padrão	Beta	Sig.
Reativa	(Constante)	1.20	.421										
	Responsabilidade percebida se estivesse na sala a assistir?	.558	.096	.463	.000*				.000*				.000*
	R ²	.463											
	R ² ajustado	.214											
Passiva	(Constante)	.891	.382			-1.51	.873			.129	1.135		
	Responsabilidade percebida se estivesse na sala a assistir?	.692	.083	.599		.612	.085	.530	.000*	.583	.085	.505	.000*
	Gravidade					.368	.121	.223	.003*	.339	.120	.205	.006*
	Já passou por situação de violência no namoro									-1.04	.473	-.156	.029*
	R ²	.359				.404				.427			
	R ² ajustado	.354				.427				.413			

Nota. * indica valores significativos considerando $p < .05$.

Tabela 7. Disponibilidade para Ajudar através de Falar com a Agressora

Condição		Modelo 1				Modelo 2				Modelo 3			
		B	Erro Padrão	Beta	Sig.	B	Erro Padrão	Beta	Sig.	B	Erro Padrão	Beta	Sig.
Reativa	(Constante)	3.72	.437			6.260	.894			4.21	1.281		
	Responsabilidade percebida se estivesse na sala a assistir?	.445	.100	.372	.000*	.379	.099	.317	.000*	.346	.098	.289	.001*
	Sexo					-1.94	.604	-.265	.002*	-1.90	.595	-.260	.002*
	Gravidade									.294	.134	.177	.030
	R ²	.139				.206				.237			
	R ² ajustado	.132				.193				.218			
Passiva	(Constante)	3.37	.465										
	Responsabilidade percebida se estivesse na sala a assistir?	.456	.101	.376	.000*								
	R ²	.141											
	R ² ajustado	.134											

Nota. * indica valores significativos considerando $p < .05$.

Por fim, no que concerne os resultados da Tabela 7, verificado em cima, a variável responsabilidade percebida permanece o principal preditor da disponibilidade em ajudar ($B = 0.445$; $\beta = 0.372$; $R^2 = 0.139$), neste caso, através de falar diretamente com a agressora. No Modelo 2, verifica-se que a variável sexo apresenta um efeito negativo na variável da disponibilidade para ajudar ($B = -1.94$; $\beta = -0.265$), o que parece indicar que os participantes da condição reativa, do sexo masculino, apresentam menor disponibilidade para ajudar. Por fim, no Modelo 3, a responsabilidade percebida permanece positiva e o sexo negativo, o modelo melhora ligeiramente com a inclusão da gravidade ($\beta = 0.177$), o que parece indicar que quanto maior a gravidade, maior a disposição para ajudar.

Em conclusão, a responsabilidade percebida é o preditor mais consistente em todas as formas de ajuda, quanto mais as pessoas se sentem responsáveis, mais estão dispostas a intervir, tanto na condição reativa como passiva. Desta forma, a hipótese 7 é parcialmente corroborada, pois verificou-se, efetivamente, a influência da responsabilidade percebida, em todas as formas de ajuda, o que nos indica que a responsabilidade é, efetivamente, o maior preditor da disponibilidade em ajudar. Quanto à percepção da gravidade, parece que quanto maior é a percepção de gravidade, maior é a disponibilidade em ajudar, nas situações de falar diretamente com a agressora e de denúncia anónima.

No que concerne a atribuição de culpa à vítima, parece que quanto maior a atribuição de culpa à vítima, menor é a disponibilidade para intervir diretamente, na disponibilidade para ajudar com intervenção direta e ao falar diretamente com a vítima, - verificando-se, neste caso, que este efeito é mais acentuado na condição reativa do que na condição passiva. Já na denúncia identificada, a atribuição de culpa apresenta um efeito

positivo, sugerindo que, neste tipo de ajuda, a percepção de culpa atribuída à vítima está associada a uma ligeira tendência de aumento da disponibilidade para agir.

Quanto ao sexo do respondente, parecem existir diferenças significativas entre homens e mulheres na disponibilidade para ajudar, falando diretamente com o agressor. Os homens, na condição reativa, apresentam menor disponibilidade em ajudar.

Por fim, a variável já passou por situação de violência no namoro, revelou um efeito negativo sobre a disponibilidade para ajudar, sugerindo que quem vivenciou situações de violência tende a sentir-se menos propenso a intervir anonimamente. O facto de o espetador ter observado alguma situação de violência no namoro não surgiu como significativa, assim como as situações de vida do agressor.

3. Discussão

Este estudo visa compreender como uma vítima masculina, reativa e passiva, influencia a percepção de gravidade, a responsabilidade percebida, a atribuição de culpa à vítima e/ou agressor e a disponibilidade para ajudar do espetador. Pretendeu-se compreender, adicionalmente, se as experiências passadas de vitimação do espetador, influencia as suas respostas.

Proceder-se-á à discussão dos resultados obtidos considerando-se cada hipótese. No que concerne a primeira hipótese, em que se esperavam diferenças significativas na percepção da gravidade entre as condições reativa e passiva, esperando-se que a condição reativa fosse percecionada como menos grave, o teste *t* para amostras independentes não detetou diferenças entre as duas condições.

Parece que a resposta reativa não influenciou a percepção de gravidade dos espetadores, pois esperava-se, de acordo com a literatura, que a percepção de gravidade fosse menor, aliada à crença de que a vítima reativa apresenta controlo sob a situação

onde se encontra, contrariamente a uma vítima passiva (Delgado-Alvarez & Sánchez-Prada, 2021; Torre Laso & Rodríguez-Díaz, 2022). Sugere-se que os espetadores sentiram tanta empatia pela vítima da condição reativa como da condição passiva, o que vai contra a literatura encontrada, pois esperava-se que a empatia fosse menor para com a vítima reativa (Pilati et al., 2008), pelos motivos explicados acima.

Crê-se que os resultados da H1 se possam dever a três aspetos: primeiramente, talvez o recurso ao vídeo tenha facilitado que a situação fosse considerada grave, pois criou-se a ideia de que se tratava de uma situação real, a que alguém assistiu e gravou, e que poderia, neste sentido, ter acontecido até mesmo com o próprio espetador (Barter & Renold, 2000; Cheah et al., 2022; Möller & Husemann, 2006).

Em segundo lugar, tanto na condição reativa como na condição passiva, cerca de 58.2% dos participantes admitiu já ter assistido a uma situação de violência no namoro. Este aspeto, considerando também que alguns participantes também já sofreram violência no namoro (31.2% dos participantes na condição reativa e 25.6% na condição passiva) pode ter contribuído para que a situação fosse percecionada como grave, o que é coerente com literatura encontrada, portanto, o facto de o participante ter passado por situações de vitimação como vítima ou como observador, parece contribuir para uma menor tolerância a situações de violência e, por conseguinte, a uma maior perceção de gravidade (Kujiperes, 2017).

Por último, ainda que este aspeto também possa ser considerado uma limitação, é facto que grande maioria dos participantes pertence à área das Ciências Sociais, existindo a crença de que estes estudantes tendem a ser mais empáticos e menos benevolentes a situações de violência, pelo que se crê que este aspeto possam ter influenciado as respostas dos estudantes e, consequentemente, os resultados desta hipótese (Ferreira, 2018).

Relativamente à hipótese dois, esperavam-se diferenças significativas entre as condições reativa e passiva, na responsabilidade percebida em intervir, se o espetador estivesse na sala, se a vítima fosse familiar do espetador ou se fosse uma pessoa conhecida, mais precisamente, esperava-se uma maior responsabilidade percebida na condição passiva, mas não se verificaram diferenças entre as duas condições.

Sugere-se que não tenham existido diferenças entre as duas condições porque a situação foi percebida como grave, conforme constatado através dos resultados da H1, assim, não existindo diferenças na percepção de gravidade entre as duas condições, seria expectável que não existissem diferenças na responsabilidade percebida, uma vez que a percepção afeta a responsabilidade (Delgado-Alvarez & Sánchez-Prada, 2021).

Quanto à hipótese três, esperava-se que existissem diferenças significativas entre as condições reativa e passiva, na atribuição da culpa à vítima, esperando-se valores elevados de culpa atribuída à vítima na situação reativa, no entanto, não se verificaram diferenças entre as duas condições. Seria de esperar que a vítima, tratando-se de um homem e reativa, seria considerada como mais culpada não só porque a vítima respondia (Delgado-Alvarez & Sánchez-Prada, 2021) mas também devido aos estereótipos de género do homem enquanto uma figura mais forte ou agressiva, comparativamente a uma mulher (Archer, 2000; Duarte et al., 2014). Por outro lado, podemos também hipotetizar que não existiram diferenças nas duas condições porque, precisamente, esperava-se que uma vítima masculina respondesse.

Não se verificando esta atribuição, crê-se que os participantes desta investigação tenham interpretado a resposta da vítima reativa como uma forma de proteção, talvez, a resposta da vítima reativa não foi agressiva o suficiente para provocar no espetador dúvida em se a vítima reativa seria também culpada pela sua própria situação (Pinciotti & Orcutt, 2019).

No que concerne a hipótese quatro, constatou-se que existem diferenças significativas na atribuição da culpa do agressor, na condição passiva, os participantes atribuíram mais culpa da situação ao agressor, na condição passiva. Este aspeto vai de encontro com a revisão de literatura efetuada, nas situações onde a vítima não reage (vítima passiva) a atribuição de culpa é efetivamente direcionada ao agressor (Torre Laso & Rodríguez-Díaz, 2022), pois a vítima, ao não reagir, é percecionada como incapaz de se defender, de se autonomizar, contrariando a situação onde se encontra, assim, a culpa é direcionada ao agressor. Não obstante, este resultado é importante, pois o homem é tipicamente desvalorizado enquanto vítima e, no polo oposto, é também relevante que a culpa tenha sido atribuída ao agressor feminino pois as infrações cometidas pelas mulheres são desvalorizadas, apoiadas na ideia de que não conferem uma séria ameaça à integridade física e psicológica do homem (Armond, 2020).

Crê-se que os espectadores tenham empatizado mais com a vítima passiva, por um lado, porque esta não manifesta os estereótipos típicos do homem, enquanto indivíduo austero, forte ... O que poderá ter despertado, nos espetadores, sentimentos de empatia. Por outro lado, ainda que as práticas de violência no namoro exercidas por mulheres, sejam desvalorizadas (Archer, 2000), talvez os espetadores, ao depararem-se com a situação, consideraram que, mesmo se tratando a agressora de uma mulher, os seus atos eram severos. Ademais, algumas investigações suportam que as mulheres empatizam mais facilmente com as vítimas em situações de violência no namoro (Grigorova, 2020) e, uma vez que a amostra foi essencialmente constituída por mulheres, talvez o sexo do espetador tenha impacto os resultados desta investigação e, mais precisamente, desta hipótese.

Quanto à hipótese cinco, esperavam-se diferenças significativas entre as condições reativa e passiva, na disponibilidade para ajudar, considerando vários tipos de

ajuda. Esperava-se que os tipos de ajuda fossem superiores na condição passiva, isto é, esperava-se uma maior disponibilidade para ajudar a vítima da condição passiva. Os resultados do teste t para amostras independentes, não revelaram diferenças estatisticamente significativas entre as duas condições. Estes resultados parecem indicar que a situação foi interpretada, por ambas as condições, como merecedora de intervenção por parte de um espectador, independentemente de a vítima ser do sexo masculino e da resposta reativa ou passiva.

O facto de os participantes se sentirem mais predispostos em ajudar a vítima passiva, é coerente com literatura na área (Pilati et al., 2008), porém, não se esperava esta disponibilidade em ajudar na condição reativa, pois existe a crença de que a vítima reativa apresenta maior controlo sob a situação, e é capaz de se defender e autonomizar mais facilmente (Weiner, 1980).

Crê-se que estes resultados se alinhem com a percepção da gravidade, quer dizer que, independentemente de a vítima ser masculina, a situação foi percecionada como grave o suficiente em ambas as condições para merecer ser alvo de intervenção por parte dos espectadores. De facto, literatura científica suporta que quanto maior a percepção de gravidade e responsabilidade percebida, maior a disponibilidade em ajudar (Latané & Darley, 1968).

Também se crê que os participantes consideraram mais pertinente falar com a vítima e/ou agressor acreditando ser esta a melhor opção para ajudar sem, em simultâneo, gerar prejuízos para o próprio como poderiam existir se, por exemplo, interviessem durante a situação (Latané & Darley, 1968). Para melhor justificar este resultado, podemos-nos debruçar no Modelo do Cálculo do Observador, à análise de custo-benefício, onde o espectador analisa quais as consequências individuais de vários cursos de ação (Latané & Darley, 1968). Normalmente, apenas uma pequena percentagem de espectadores

intervém diretamente na situação, a grande maioria age de forma indireta, esperando, por exemplo, que o conflito termine para abordar uma das partes (vítima ou agressor) envolvidas, no sentido de aconselhar e ajudar (Lippert et al., 2024).

Por último, é de destacar que a amostra é unicamente constituída por estudantes universitários, e existe literatura que enfatiza que esta população apresenta, normalmente, índices de disponibilidade em ajudar mais elevados comparativamente a outras populações, nomeadamente, em situações de violência no namoro (Palmer et al., 2016).

Quanto à hipótese seis, esperavam-se diferenças nas atitudes nos espetadores da condição reativa e passiva, face à resposta da vítima, o teste *t* para amostras independentes não mostrou diferenças entre as duas condições.

Várias investigações se debruçaram nas diferenças de género entre homens e mulheres, no que concerne situações de vitimação verificando, na sua maioria, diferenças. Normalmente, as mulheres sentem-se mais predispostas em agir e revelam mais empatia para com as vítimas, independentemente do género (Franklin et al., 2020; Savage et al., 2017). Outras investigações revelam que as mulheres revelam mais empatia com outras mulheres e menos com os homens, demonstrado empatia para com estes apenas em situações de violência física muito grave (Capezza et al., 2017; Kujiperes, 2017).

Quanto aos homens, algumas investigações revelam que estes se sentem mais predispostos em ajudar vítimas femininas do que masculinas. Em termos da gravidade da situação, os homens tendem a interpretar situações de violência contra as mulheres mais graves do que contra os homens (Bosma et al., 2018), porém, curiosamente, algumas investigações também apontam que os homens culpam mais facilmente as vítimas femininas, especialmente, em cenários de violência sexual (Alleyne et al., 2014 cit. por Torre Laso & Rodríguez-Díaz, 2022). Nesta investigação, compreendemos que os

participantes de ambas as condições interpretaram a situação de vitimação como grave, atribuindo a culpa da situação ao próprio agressor.

Sugere-se que os participantes desta investigação não apresentem, na sua maioria, crenças estereotipadas dos papéis de género que pudessem conduzir à normalização da violência, conforme alguns estudos enfatizam (e.g., Afonso & Teixeira, 2015). Por conseguinte, isto justificaria, em parte, os resultados anteriores, quer isto dizer, o facto de a situação ter sido interpretada como grave a culpa ser atribuída ao agressor.

Crê-se que isto possa dever-se a dois motivos: pode dever-se à área de formação dos espetadores, cuja grande maioria é da área de Psicologia, existindo o estereótipo de que os estudantes das áreas das Ciências Sociais se revelam menos benevolentes a situações de violência (Ferreira, 2018); e ao facto de os participantes da investigação terem passado por situações de vitimação, hipotetizando-se que, à semelhança do encontrado na literatura, este aspeto origina que os espetadoras se sintam mais predispostos em agir e a não legitimar a situação de violência (Nardi-Rodríguez et al., 2024).

No que concerne a hipótese sete, espera-se que a perceção de gravidade, a responsabilidade percebida, a atribuição de culpa à vítima ou agressor, o sexo do respondente e a experiência anterior em situações de violência (como vítima ou espetador), contribuam para a disponibilidade para ajudar, as regressões lineares múltiplas efetuadas para todos os tipos de ajuda (intervenção direta; falar diretamente com a vítima; denúncia identificada; denúncia anónima; e falar diretamente com o agressor) revelaram a influência comum da responsabilidade percebida, quer isto dizer, parece que os espetadores se sentem mais dispostos em ajudar quando percebem que são ou que teriam responsabilidade na situação, porém, outras variáveis também apresentaram um efeito significativo, consoante o tipo de ajuda.

Na intervenção direta e na condição de falar diretamente com a vítima, além da responsabilidade percebida que apresentava um efeito positivo na disponibilidade em ajudar, a percepção de culpa da vítima apresentava, nestes dois cenários, um efeito negativo, o que nos parece indicar que quanto maior a percepção de culpa da vítima, menor a disponibilidade de ajuda. Este resultado é congruente com a literatura científica encontrada (Pilati et al., 2008; Wijaya et al., 2021; Weiner, 1980).

Na disponibilidade para ajudar através de denúncia identificada, a atribuição de culpa à vítima também surge, porém, apenas na condição passiva e com um efeito positivo na disponibilidade de ajuda, contrariamente aos resultados anteriores, assim, parece que quanto maior a percepção de culpa da vítima, maior a disponibilidade para ajudar. Face a este resultado, crê-se que o espectador se sentiria compelido em intervir, pois ainda que a vítima seja interpretada como culpada, o facto de se mostrar passiva poderá ter despertado nos espectadores empatia, e a ambiguidade circundante à própria situação de violência, poderá ter despertado dúvidas suficientes no espectador para que, ainda que a vítima seja considerada culpada, exista também a possibilidade de inocência, tornando-se a situação de violência injusta para esta. Com efeito, o espectador efetua a denúncia identificada, como forma de amenizar a sua própria angústia face à situação e trazer clareza à situação.

No que toca à disponibilidade para ajudar através de denúncia anónima, duas variáveis surgem como significativas, na condição passiva, a percepção da gravidade e a experiência prévia em vivências de situações de violência no namoro. Enquanto a gravidade apresenta um efeito positivo na disponibilidade em ajudar, isto é, quanto mais grave a situação, maior a disponibilidade em ajudar, através de denúncia anónima, as experiências prévias do espectador em situações de violência no namoro apresenta um efeito negativo, isto é, quanto maior a experiência do espectador em situações de violência no namoro, menor a disponibilidade.

A influência da gravidade na condição passiva é coerente com literatura encontrada nesta área, parece que quanto mais a situação for percebida como grave, maior a disponibilidade em ajudar (Pilati et al., 2008). Ademais, o facto de a vítima se mostrar passiva, isto é, não reagir ao abuso do seu agressor, desperta no espectador mais empatia (Landstrom et al., 2015; Wijaya et al., 2021).

Quanto às experiências de vitimação do espectador, de acordo com a literatura na área, seria expectável que o fato do espectador ter passado por situações semelhantes à da vítima, despertaria sentimentos de empatia que motivariam o espectador a agir (Nardi-Rodríguez et al., 2024). Uma vez que este resultado não se verificou, crê-se que os espectadores poderão ter considerado que agir de forma anónima não iria conferir realmente uma grande ajuda, mas antes se interviessem diretamente (Beeble et al., 2008). Por outro lado, também existe literatura que sustenta de que sujeitos com crenças enraizadas acerca dos tradicionais papéis de género nas relações íntimas, se mostram mais benevolentes a situações de violência, o que não parece ser o caso destes espectadores devido a resultados anteriores. Porém, é de ressaltar que outro corpo de literatura sustenta que o facto de um sujeito ter passado por situações de vitimação parece permitir que este normalize a própria violência (e.g., Kirby et al., 2022), desvalorizando-a e, considerando que grande parte dos participantes sofreu violência no namoro, poderá esta ser a justificação para os resultados.

Por fim, no que concerne a disponibilidade para ajudar através de falar com a agressora, o sexo do respondente e a percepção da gravidade surgiram como variáveis significativas adicionais, na condição reativa. O sexo do respondente apresenta um efeito negativo na disponibilidade em ajudar, mais precisamente, o sexo masculino, isto é, os homens sentiram-se menos predispostos em ajudar, falando diretamente com a agressora. Sugere-se que, por um lado, os participantes masculinos consideraram que intervir na

situação poderia ser pior (Gustafson, 1998), por outro lado, considera-se que, uma vez que nos estamos a referir à condição reativa, os espetadores masculinos podem ter considerado de que a vítima aparentava estar em controlo da situação, pelo que falar com a agressora poderia não fazer sentido (Pilati et al., 2008).

Já a perceção da gravidade apresenta um efeito positivo, portanto, quanto maior a perceção de gravidade, maior a disponibilidade em ajudar, na condição reativa. Literatura nesta área sustenta que as situações de reatividade são percecionadas, efetivamente, como menos graves, e a disponibilidade em ajudar a vítima é inferior, devido à crença de que a mesma apresenta capacidades para se defender (Pilati et al., 2008), porém, crê-se que a disponibilidade em ajudar o espetador, falando diretamente com o agressor, vise garantir que o conflito não escale, evitando-se consequências para ambas as partes.

4. Conclusão

A investigação vigente pretendeu contribuir para o conjunto de investigações na área da violência no namoro, mais especificamente, de formas de violência psicológica em casais heterossexuais de estudantes universitários, cuja vítima é do sexo masculino e cujo agressor é do sexo feminino. Pretendeu-se compreender se a resposta de uma vítima reativa e de uma vítima passiva, masculina, influencia a perceção de gravidade, a responsabilidade percebida, a atribuição de culpa à vítima e/ou agressor e a disponibilidade para ajudar, do espetador. Averiguou-se, ainda, se as experiências passadas de vitimação do espetador, influenciam as suas respostas.

Em conformidade com as hipóteses desta investigação, os resultados permitiram compreender que as situações de vitimação psicológica, cuja vítima é do sexo masculino, e cujo agressor é do sexo feminino, foram percecionadas pelos espetadores como graves, não se verificando diferenças na perceção dos espetadores face às condições reativa e

passiva. É de ressaltar, porém, considerando-se a dimensão da amostra desta investigação ($N=250$) e existindo uma discrepância entre os participantes do sexo feminino e do sexo masculino, que os resultados desta investigação não podem ser generalizados à população, para tal, seria necessário aumentar a dimensão da amostra e homogeneizar os participantes em termos das suas características sociodemográficas, como o sexo. Não obstante, é um resultado que deverá ser considerando e posteriormente aprofundado em estudos futuros.

No que concerne a disponibilidade em ajudar, em determinadas formas de ajuda, a responsabilidade percebida revelou-se o melhor preditor para intervir em todas as formas de ajuda, porém, à medida que os tipos de ajuda mudavam, surgiram outras variáveis significativas. O sexo do respondente parece ter sido significativo no que concerne falar com o agressor diretamente, apresentando um efeito negativo sob a disponibilidade em ajudar. Já as experiências passadas de vitimação apresentaram também um efeito negativo. Ainda que estes resultados se alinhem em conformidade com os resultados de outras investigações, é pertinente desenvolver mais investigações que englobem todas as variáveis utilizadas nesta investigação e que permitam evidenciar o peso da responsabilidade percebida na disponibilidade em ajudar considerando vários géneros de ajuda.

Não obstante, estes dados merecem atenção, pois a literatura científica na área postula que as situações de vitimação masculina não são tão valorizadas como as situações de vitimação feminina (Herrero et al., 2017; Lippert et al., 2024). Sugere-se que a área de curso dos participantes possa ter influenciado os resultados, uma vez que a maioria dos participantes são do curso de Psicologia, constituindo cerca de 43.2% da amostra. Consequentemente, este aspeto pode ter influenciado os resultados pois existe a conceção de que os estudantes de Psicologia, ou de áreas das Ciências Sociais e

Humanistas (como os estudantes da área da Educação), no geral, se mostrem menos benevolentes à aceitação de situações de violência, independentemente da sua configuração (Ferreira, 2018).

Uma outra limitação desta investigação, é o tamanho da amostra e o desequilíbrio entre participantes do sexo feminino e do sexo masculino. Sugere-se que investigações futuras amplie a dimensão da amostra e procure expandir o número de participantes do sexo masculino, equilibrando ambos os grupos, para melhor compreender diferenças entre os sexos.

Uma vez que esta investigação foi elaborada com o recurso a dois vídeos, crê-se que seria interessante reproduzir a investigação, mas recorrendo a uma encenação cujos participantes assistem diretamente à situação, para melhor avaliar a disponibilidade em ajudar, pois ainda que o uso do vídeo estimule a reação dos participantes, uma situação real e assistida em primeira pessoa estimularia ainda mais a percepção da gravidade, a responsabilidade percebida e, como consequência, disponibilidade em ajudar.

Sugere-se que, para também melhor compreender os resultados desta investigação, seria interessante desenvolver um estudo igual, mas utilizando a vítima feminina e o agressor masculino, para averiguar se existe uma interação entre a reação da vítima e o sexo da vítima.

Seria também pertinente averiguar se as respostas dos participantes mudariam face à presença de um cenário de violência física, pelo que se sugere que estudos futuros incluam outras formas de violência, como a física, compreendendo se existiriam diferenças nas variáveis utilizadas nesta investigação, comparando os vários tipos de violência com as duas condições de resposta, reativa e passiva.

Também se sugere que esta investigação seja replicada com casais homossexuais como protagonistas, para compreender se existem diferenças na perceção da gravidade, na responsabilidade percebida e na disponibilidade em ajudar, compreendendo-se potenciais estereótipos de género.

Para finalizar, crê-se que seria interessante desenvolver um estudo qualitativo que procurasse desenvolver um *focus group* com o objetivo de discutir o motivo das respostas dos participantes, visando-se compreender as variáveis pertinentes através da ótica do espetador.

Em suma, compreende-se que os resultados desta investigação destacaram níveis elevados na perceção de gravidade e disponibilidade em ajudar, utilizando uma vítima masculina e agressor feminino. Em outros estudos, que utilizavam como vítima uma mulher, o estereótipo é mais passivo, enquanto nesta investigação a vítima é um homem, assim, o estereótipo é mais ativo. Neste sentido, a resposta ativa da vítima enquadra-se mais no estereótipo e este facto pode justificar a não existência de diferenças entre as condições passiva e reativa. Por conseguinte, é pertinente estudar a mesma situação com uma vítima feminina, para melhor compreender esta situação.

Referências

- Afonso, J., & Teixeira, F. (2015). Olhares sobre a violência no namoro: um projeto com adolescentes do ensino secundário. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 10(2), 504-523.
- Ambrozewicz, P., Hammond, C., & Fido, D. (2024). Ending the stigma of male domestic violence and abuse victims: A mixed-methods study. *Journal of Criminal Justice*, 93, 1-9. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2024.102222>

- Archer (2000). Sex differences in aggression between heterosexual partners: meta analytic review. *Psychological Bulletin*, 26(5). 651-680.
- Armond, J., R., da Silva, C. V. F., Rodrigues, C. L., & de Oliveira, J. C. (2020). Uma visão geral de um país em desenvolvimento sobre homens vítimas de violência física e sexual. *Nursing Edição Brasileira*, 23(269), 4741-4750.
- Associação Plano i. (2020). *Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro em Contexto Universitário: Crenças e Práticas – 2017/2020*. Secretaria de Estado para a Cidadania e Igualdade; Fundo Social Europeu no âmbito do Programa Operacional Inclusão Social e Emprego (POISE) do Portugal 2020. <https://www.associacaoplanoi.org/estudo-nacional-violencia-no-namoro/>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). (2025). *Estatísticas APAV | Violência no Namoro 2024*. <https://apav.pt/wp-content/uploads/2025/02/Estatisticas-APAV-2024-Violencia-no-Namoro-1.pdf>
- Ayala, E. E., Kotary, B., & Hetz, M. (2018). Blame attributions of victims and perpetrators: Effects of victim gender, perpetrator gender, and relationship. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(1), 94-116.
- Badenes-Sastre, M., Spencer, C. M., Alonso-Ferres, M., Lorente, M., & Expósito, F. (2024). How severity of intimate partner violence is perceived and related to attitudinal variables? A systematic review and meta-analysis. *Aggression and Violent Behavior*, 76.
- Barter, C., & Renold, E. (2000). *Once upon a time [...]”: Stimulating management research through vignettes*. *Contextus –Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 21. <https://doi.org/10.19094/contextus.2023.83246>

- Beeble, M. L., Post, L. A., Bybee, D., & Sullivan, C. M. (2008). Factors related to willingness to help survivors of intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(12), 1713-1729.
<https://doi.org/10.1177/0886260508314333>
- Bittar, D. B., & Nakano, A. M. S. (2018). Violência simbólica entre adolescentes nas relações afetivas do namoro. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 51
<https://doi.org/10.1590/S1980-220X2017003003298>
- Bobato, S. T., Alves, B., de Novaes Benvenuti, J., & Becker, A. P. S. (2021). Violência nos relacionamentos amorosos de estudantes universitários. *Psicologia Argumento*, 39(107), 1199-1219.
<http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.39.107.AO10>
- Boira, S., Chilet-Rosell, E., Jaramillo-Quiroz, S., & Reinoso, J. (2017). Sexismo pensamientos distorsionados y violencia en las relaciones de pareja en estudiantes universitarios de Ecuador de áreas relacionadas con el bienestar y la salud. *Universitas Psychologica*, 16(4), 1-12.
<https://doi.org/10.11144/Javeriana.upsy16-4.spdv>
- Bosma, A. K., Mulder, E., Pemberton, A., & Vingerhoets, A. J. (2018). Observer reactions to emotional victims of serious crimes: Stereotypes and expectancy + violations. *Psychology, Crime & Law*, 24(9), 957-977.
- Burn, S. (2009). A situational model of sexual assault prevention through bystander intervention. *Sex Roles*, 60, 779- 792.
- Capezza, N. M., D'Intino, L. A., Flynn, M. A., & Arriaga, X. B. (2021). Perceptions of psychological abuse: The role of perpetrator gender, victim's response, and sexism. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(3-4), 1414-1436.

- Cardia, N. (1999). *Os impactos da exposição à violência: Aceitação da violência ou horror continuado? O caso de São Paulo*. Núcleo de Estudos da Violência, Universidade de São Paulo.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na Intimidade Juvenil: Da Vitimação à Perpetração. *Análise Psicológica*, 24(4), 485-493.
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 27(1).
- Chamberland, C. & Laporte, L. (2010). Spontaneous and Reflexive Cognitions Related to Spousal Abuse: The Role of Experiences of Violence. *Journal of Applied Social Psychology*, 40(9), 2170-2200.
- Cheah, C. W., Cheah, K. Y., & Koay, K. Y. (2022). Knowing the Unknown: Application of Qualitative-Vignette Method in the Social-Political Sensitive Business Environment. *International Journal of Qualitative Methods*, 21. 1-12.
<https://doi.org/10.1177/16094069221074495>
- Costa, A. M., Costa, M. C. O., & Nascimento, O. C. (2018). Percurso amoroso e eventos violentos nas relações de namoro de jovens. *Revista Saúde Coletiva*, 8, 39-45. doi:
<https://doi.org/10.13102/rscdauefs.v8.297>
- Costa, D. M. S. G. (2005). Percepção social de mulher vítima de violência conjugal. *Estudo exploratório realizado no Concelho de Lisboa*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto de Ciências Sociais e Políticas.
- Costa, D., Soares, J., Lindert, J., Hatzidimitriadou, E., Sundin, Ö., Toth, O., ... & Barros, H. (2015). Intimate partner violence: a study in men and women from six

- European countries. *International journal of public health*, 60(4), 467-478.
<https://doi.org/10.1007/s00038-015-0663-1>
- Delgado-Alvarez, C., & Sanchez-Prada, A. (2022). Stereotypes about battered women and victim's self-defense: Legal implications. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(21-22). <https://doi.org/10.1177/08862605211055154>
- Duarte, A. P., & Lima, M. L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologica*, 105-124.
- Duarte, V., Cunha, M. I. P. D., & Silva, M. C. (2014). *Violências e Delinquências Juvenis Femininas: Género e (in) visibilidades sociais*. Edições Húmus.
- Ermer, A. E., Roach, A. L., Coleman, M., & Ganong, L. (2017). Deconstructing attitudes about intimate partner violence and bystander intervention: The roles of perpetrator gender and severity of aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(2), 1-21.
- Felson, R. (2010). Academic apartheid: segregation in the study of partner violence. *Partner Abuse*, 1, 61-81.
- Ferreira, B. B. (2018). *Crenças sobre violência nas relações íntimas: Relação com sintomatologia depressiva na população universitária* (Dissertação de mestrado, Universidade da Beira Interior). Universidade da Beira Interior.
- Fishman, J. A. (1956). An Examination of the Process and Function of Social Stereotyping. *The Journal of Social Psychology*, 43(1), 27-64.
<https://doi.org/10.1080/00224545.1956.9919199>
- Franklin, C. A., Brady, P. Q., & Ashworth, L. M. (2020). Bystander behaviors following an accusation of rape: The effect of relational distance and participant sex on

- victim-centered intervention. *Journal of School Violence*, 19(3), 292-308.
<https://doi.org/10.1080/15388220.2019.1680558>
- Garcia-Marques, T., & Garcia-Marques, L. (2003). *Estereótipos e Cognição Social*. Lisboa: ISPA.
- Governo de Portugal. (2024). *Relatório Anual de Segurança Interna 2024*.
https://www.portugal.gov.pt/download_ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBQAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNDExwYAs4WfKQUAAAA%3d
- Gracia, E., García, F., & Lila, M. (2008). Public responses to intimate partner violence against women: The influence of perceived severity and personal responsibility. *The Spanish Journal of Psychology*, 12(2), 648-656.
- Grigorova, M. (2021). *Gender Differences in Bystanders' Intention to Help Towards Female and Male Victims of Domestic Violence: A Web-Based Online Survey* (Tese de Doutoramento, Universidade de Essex).
<https://repository.essex.ac.uk/30120/>
- Gustafson, P. E. (1998). Gender Differences in risk perception: Theoretical and methodological perspectives. *Risk Analysis*, 18(6), 805-811.
- Herrero, J., Torres, A., & Rodríguez, F. J. (2017). Gender Differences in Perceptions of Intimate Partner Violence: A Cross-Cultural Study. *Violence and Victims*, 32(5), 789-806.
- Hohendorff, J. V., Santos, S. S., & Dell'Aglio, D. (2015). Estudo de caso sobre a revelação da violência sexual contra meninos. *Contextos Clínicos*, 8, 46-54.
<https://doi.org/10.4013/ctc.2015.81.05>

- Kirby, C. M., Jarnecke, A. M., Leone, R. M., & Flanagan, J. C. (2022). A preliminary exploration of the influence of intimate partner violence victimization on perceptions of others' intimate partner violence experiences. *Partner Abuse, 13*(3), 2-19.
- Kuijpers, K. F., Blokland, A. A., & Mercer, N. C. (2017). Gendered perceptions of intimate partner violence normality: An experimental study. *Journal of interpersonal violence, 36*(3-4),
- Kuijpers, K. F., Blokland, A. A., & Mercer, N. C. (2021). Gendered perceptions of intimate partner violence normality: An experimental study. *Journal of interpersonal violence, 36*(3), 1-29. <https://journals.sagepub.com/home/jiv>
- Landström, S., Ask, K., & Sommar, C. (2015). The emotional male victim: Effects of presentation mode on judged credibility. *Scandinavian Journal of Psychology, 56*(1), 99-104. <https://doi.org/10.1111/sjop.12176>
- Landström, S., Ask, K., & Sommar, C. (2015). The emotional male victim: Effects of presentation mode on judged credibility. *Scandinavian Journal of Psychology, 56*(1), 99-104.
- Latané, B., & Darley, J. M. (1968). Group inhibition of bystander intervention in emergencies. *Journal of Personality and Social Psychology, 10*(3), 215-221.
- Lee, J. (2019). *Examining the intersection of gender and age in victim blaming* (Doctoral dissertation, West Virginia University).
- Levine, M., Cassidy, C., Brazier, G., & Reicher, S. (2002). Self- categorization and bystander non-intervention: Two experimental studies. *Journal of Applied Social Psychology, 32*(7), 1452-1463.

- Lippert, A., Baker, D., Hawk, G., Gongora, N., & Golding, J. (2025). Whom would you help? The impact of perpetrator and victim gender on bystander behavior during a sexual assault. *Violence Against Women*, 31(11), 1-24. <https://us.sagepub.com/en-us/journals-permissions>
- Lippert, A., Baker, D., Hawk, G., Gongora, N., & Golding, J. (2025). Whom would you help? The impact of perpetrator and victim gender on bystander behavior during a sexual assault. *Violence Against Women*, 31(11), 3000-3023.
- Machado, A., Santos, A., Graham-Kevan, N., & Matos, M. (2016). Exploring help seeking experiences of male victims of female perpetrators of IPV. *Journal of Family Violence*, 32(5), 513-523. <https://doi.org/10.1007/s10896-016-9853-8>
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in Juvenile Dating Relationships Self-Reported Prevalence and Attitudes in a Portuguese Sample. *Journal of Family Violence*, 25, 43-52.
- Machado, C., Martins, C., & Caridade, S. (2014). Violence in intimate relationships: A comparison between married and dating couples. *Journal of Criminology*, 2014(1), 1-9. <http://dx.doi.org/10.1155/2014/897093>
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. (2003). Violência nas Relações Amorosas: Comportamentos e Atitudes na População Universitária. *Psychologica*, 33, 69- 83.
- Mainwaring, C., Gabbert, F., & Scott, A. J. (2023). A systematic review exploring variables related to bystander intervention in sexual violence contexts. *Trauma, Violence, & Abuse*, 24(3), 1727-1742. <https://us.sagepub.com/en-us/journals-permissions>

- Manita, C., Ribeiro, C. & Peixoto, C. (2009). *Violência Doméstica: Compreender para Intervir. Guia de Boas Práticas para Profissionais de Instituições de Apoio a Vítimas*. Sersilito: Empresa Gráfica, Lda. Portugal (Lisboa).
- Méndez & R., Lisette. (2023). Violencia basada en género en relaciones de pareja adolescentes: una revisión integral. *Revista Ciencias Humanas*, 16, 17-30.
<https://doi.org/10.21500/01235826.6357>
- Möller, J., & Husemann, N. (2006). Internal comparisons in everyday life. *Journal of Educational Psychology*, 98(2), 342–353. <https://doi.org/10.1037/0022-0663.98.2.342>
- Nardi-Rodríguez, A., Sánchez-Prada, A., Delgado-Álvarez, C., Bosh-Fiol, E., Vázquez González, L. I., & Ferrer-Pérez, V. A. (2024). *Willingness to help women victims of intimate partner violence in a Spanish context: Differential factors, interactions and predictors*. *PLoS One*, 19(7), 1-23.
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0307274>
- Neves, S., Correia, A., Borges, J., Rocha, H., Costa, S., Peixoto, S., Rodrigues, C., Duarte, A., & Allen, P. (2022). *Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro no Ensino Superior: Crenças e Práticas –2020/2021*. Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. <https://www.cig.gov.pt/2022/02/estudo-nacional-demonstra-dados-de-violencia-no-namoro-no-ensino-superior/>
- Nicksa, S. C. (2014). Bystander’s willingness to report theft, physical assault, and sexual assault: The impact of gender, anonymity, and relationship with the offender. *Journal of Interpersonal Violence*, 29(2), 217-236.

- Ontiveros, G., Cantos, A. L., & O'Leary, K. D. (2023). Differences among perpetrators of intimate partner violence utilizing proactive versus reactive aggression. *Behavioral Psychology/Psicología Coconductual*, 31(3), 501-523.
- Palmer, J. E., Nicksa, S. C., & McMahon, S. (2016). Does who you know affect how you act? The impact of relationships on bystander intervention in interpersonal violence situations. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(17), 2623-2642. <https://doi.org/10.1177/0886260516628292>
- Pilati, R., Leão, M., Vieira, J. N., & Fonseca, M. D. M. (2008). Efeitos da atribuição de causalidade e custo pessoal sobre a intenção de ajuda. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 13, 213-221.
- Piliavin, I. M., Piliavin, J. A., & Rodin, J. (1975). Costs, Diffusion, and Stigmatized Victim. *Journal of Personality and Social Psychology*, 32(3), 429-438.
- Pinciotti, C. M., & Orcutt, H. K. (2020). It won't happen to me: An examination of the effectiveness of defensive attribution in rape victim blaming. *Violence Against Women*, 26(10), 1-21. <https://doi.org/10.1177/1077801219853367>
- Pinheiro, E. M., Kakehashi, T. Y., & Angelo, M. (2005). O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13(5), 717-722. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692005000500016>
- Rhatigan, D. L., Stewart, C., & Moore, T. M. (2011). Effects of gender and confrontation on attributions of female-perpetrated intimate partner violence. *Sex Roles*, 64, 875-887.

- Saavedra, R. M. M. (2010). *Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis* (Tese de Doutoramento). Universidade do Minho (Portugal).
- Santos, J., & Rezende, M. M. (2021). Violência psicológica entre jovens parceiros íntimos: uma revisão bibliográfica. *Revista Uniandrade*, 21(1), 11-22.
<http://dx.doi.org/10.5935/1519-5694.20200002/revuniandrade.v21n1p-11-22>
- Savage, M. W., Menegatos, L., & Roberto, A. J. (2017). When do friends prevent friends from hooking up intoxicated? An examination of sex differences and hypothetical intoxication in peer interventions. *Archives of Sexual Behavior*, 46(6), 1819-1829.
- Silva, L. L. D., Coelho, E. B. S., & Caponi, S. N. C. D. (2007). Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface Comunicação, Saúde, Educação*, 11, 93-103.
- Silva, M. (2017). Violência no Namoro: Estudo com Adolescentes de uma Escola Secundária de Bragança. Bragança: Relatório de Estágio para obtenção do grau de Mestre, Instituto Politécnico de Bragança.
- Silva, R. S., & Fernandes, A. I. (2018). *Estereótipos de género na publicidade em Portugal: Uma análise de conteúdo*. Instituto Politécnico de Lisboa.
<https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/9530>
- Sorenson, S. B., & Taylor, C. A. (2005). Female aggression toward male intimate partners: An examination of social norms in a community-based sample. *Psychology of Women Quarterly*, 29(1), 78-96.

- Sorenson, S. B., & Taylor, C. A. (2005). Female aggression toward male intimate partners: An examination of social norms in a community-based sample. *Psychology of Women Quarterly*, 29(1), 78-96.
- Souza, V. M. P. D., Larocca, L. M., Chaves, M. M. N., Fialla, M. D. R. P. M., Durand, M. K., & Lourenço, R. G. (2021). Violência de gênero no espaço universitário. *Cogitare Enfermagem*, 26, 1-23.
- Taylor, J. C., Bates, E. A., Colosi, A., & Creer, A. J. (2022). Barriers to men's help seeking for intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(19-20), <https://us.sagepub.com/en-us/journals-permissions>
- Tojo, R. A. G. F. (2017). *Para além do silêncio: Responsabilidade social e intenção de agir em situações de violência entre parceiros íntimos* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Évora (Évora, Portugal).
- Torre Laso, J., & Rodríguez-Díaz, J. M. (2022). The relationship between attribution of blame and the perception of resistance in relation to victims of sexual violence. *Frontiers in Psychology*, 13.
- Toscano, A.; Gutiérrez, R., Hernández Chang, E. A., Barreto, A., & Blanquicet, R. (2023). Estereotipos de Sexo como Predictores de Sexismo Hostil y Benevolente en Hombres y Mujeres Heterosexuales. *Psicología desde el Caribe*, 40(1), 115-132.
- Tosta Souza, A., & Cassepp-Borges, V. (2021). Understanding Intimate Relationships with Abusive Behavior through Attachment Theory. *Revista Interamericana de Psicología*, 55(1), 1-17.
- Van Gelder, J. L., de Vries, R. E., Demetriou, A., Van Sintemaartensdijk, I., & Donker, T. (2019). The Virtual Reality Scenario Method: Moving from imagination to

immersion in criminal decision-making research. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 56(3), 451–480. <https://doi.org/10.1177/0022427818819696>

Walker, J., Kelty, S. F., & Ng Tseung-Wong, C. (2024). Bystander intervention in coercive control: Do relationship to the victim, bystander gender, and concerns influence willingness to intervene? *Journal of Interpersonal Violence*, 39(15-16), 3791–3815. <https://doi.org/10.1177/08862605241234350>

Weiner, B. (1980). A cognitive (attribution)-emotion-action model of motivated behavior: An analysis of judgments of help-giving. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39(2), 186–200. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.39.2.186>

Weisz, A. N., & Black, B. M. (2008). Peer intervention in dating violence: Beliefs of African-American middle school adolescents. *Journal of Ethnic & Cultural Diversity in Social Work*, 17(2), 177-196.

Wijaya, C. N., Roberts, L. D., & Kane, R. T. (2022). Attribution theory, bystander effect and willingness to intervene in intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 37, 13-14.

Anexos

Anexo I – Questionário Sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico

Sexo

Feminino ☐

Masculino ☐

Outro. Qual: _____

Idade

Nacionalidade

Naturalidade

Estado Civil

Solteiro/a

União de Facto

Casado/a

Divorciado/a

Viúvo/a

Outro. Qual: _____

Universidade que Frequenta

Curso que Frequenta

Ano do Curso

Licenciatura 1º Ano

Licenciatura 2º Ano

Licenciatura 3º Ano

Mestrado 1º Ano

Mestrado 2º Ano

Doutoramento

Pós-Graduação

Já alguma vez observou alguma situação de violência no namoro?

Sim

Não

Já alguma vez passou por alguma situação de violência no namoro como vítima e/ou agressor/a?

Sim

Não

Anexo II – Guião Vídeo: Agressor do Género Feminino (Vítima Masculina Passiva)

- **João** (*Confuso*): Como assim?
- **Maria** (*Levantando ligeiramente o tom*): Eu vi-te com aquela gaja!
- **João** (*Perplexo*): Mas que gaja?
- **Maria**: Já te disse.
- **João**: Mas do que é que estás a falar?
- **Maria** (*Em tom acusador*): Na Receção ao Caloiro. Disseste que ias ter com o Miguel e o Marco, mas eu vi-te com a Marta.
- **João** (*Confuso*): Mas... Tu disseste que não ias à receção!
- **Maria** (*Desviando o olhar, fria*): Fui, e não tens nada a ver com isso. O que interessa é que me mentiste.
- **João** (*Tentando controlar a voz*): Mas eu não te menti!
- **Maria**: Eu sabia que ias fazer porcaria e fui lá ver ... E tinha razão!
- **João**: Mas eu não fiz nada! Fala mais baixo ...
- **Maria** (*Encarando-o, furiosa*): Já estou a perder a paciência ... E tu não queres que me passe já aqui!
- **João** (*Baixando a cabeça, quase em sussurro*): Desculpa... Mas eu não fiz nada!
- **Maria** (*Aumentando a agressividade no tom*): Epah, vi-te com a Marta e isso já é fazer muito!
- **João**: Mas nós só trocámos meia dúzia de palavras!

- **Maria** (*Rindo sarcasticamente*): Ah, claro ... Só a falar... Com uma imperial na mão e às gargalhadas ... Achas que sou parva?
- **João** (*Quase implorando*): Era só uma conversa, juro-te...
- **Maria** (*Balançando a cabeça*): Eu não posso confiar em ti.
- **João** (*Tentando se justificar, nervoso*): Mas eu não fiz nada!
- **Maria** (*Silêncio*).
- **João** (*Tocando no ombro de Maria*): Por favor, acredita em mim...
- **Maria** (*Olhando-o com raiva*): Não percebes que ela se está a atirar a ti?
- **João** (*Baixa a cabeça, derrotado*): Não foi isso, Maria...Ela só queria falar comigo acerca do Miguel ...
- **Maria** (*Interrompendo com autoridade*): Não quero falar mais nisto ... E não quero que voltes a falar com ela!
- **João** (*Em sussurro, sem levantar o olhar*): Desculpa...

Anexo III - Agressor do Género Feminino (Vítima Reativa)

- **João** (*Confuso*): Como assim?
- **Maria** (*Levantando ligeiramente o tom*): Eu vi-te com aquela gaja!
- **João** (*Perplexo*): Mas que gaja? Estás te a passar?
- **Maria**: Já te disse.
- **João**: Mas do que é que estás a falar? Não estou a gostar desse teu tom.
- **Maria** (*Suspira*): Na Receção ao Caloiro. Disseste que ias ter com o Marco e o Miguel, mas eu vi-te com a Marta.
- **João** (*Confuso*): Mas... Tu disseste que não ias à receção!
- **Maria** (*Desviando o olhar, fria*): Fui, e não tens nada a ver com isso. O que interessa é que me mentiste.
- **João** (*Tentando controlar o tom de voz*): Desculpa?! Se é assim, tu também me mentiste!
- **Maria** (*Perplexa*): Não me compares contigo. Eu sabia que ias fazer porcaria e fui lá ver ... E tinha razão!
- **João** (*Chateado*): Comparar comigo? Estás te a passar? Eu não fiz nada!
- **Maria** (*Encarando-o, furiosa*): Já estou a perder a paciência ... E tu não queres que me passe já aqui!
- **João** (*Levanta ligeiramente a voz*): Eu não fiz nada! Não tens o direito de falar assim comigo e de me acusar, nem tens motivos para isso, já te disse que não fiz nada!
- **Maria** (*Aumentando a agressividade no tom*): Epah, vi-te com a Marta e isso já é fazer muito!

- **João:** Mas nós só trocámos meia dúzia de palavras!

- **Maria** (*Rindo sarcasticamente*): Ah, claro ... Só a falar... Com uma imperial na mão e às gargalhadas ... Achas que sou parva?

- **João:** Mas eu alguma vez te dei motivos para não confiares em mim?!

- **Maria** (*Balançando a cabeça*): Deste-me agora ...

- **João** (*Tentando se justificar, um pouco irritado*): Mas Maria, já disse que não fiz nada! Ela só queria falar comigo acerca do Miguel ... E que eu saiba, eu posso falar com quem eu quiser.

- **Maria** (*Silêncio*).

- **João** (*Tocando no ombro de Maria, irritado*): Estou a falar contigo. Não acreditas em mim?!

- **Maria** (*Olhando-o com raiva*): Não percebes que ela se está a atirar ti?

- **João:** Já te disse, não é isso Maria ... Nunca te dei motivos para desconfiares de mim, também não seria agora!

- **Maria** (*Interrompendo com autoridade*): Não quero falar mais nisto ... E não quero que voltes a falar com ela!

- **João** (*Irritado*): O quê?! Era só o que me faltava, não mandas em mim nem vais começar a mandar agora.

(*João levanta-se e sai da sala, resmungando algo impercetível*).

Anexo IV – Link para Visualização dos Vídeos

Link Vídeo Vítima Masculina Reativa, Agressor Feminino:

<https://youtube.com/shorts/rQWWwwhcq5Q?feature=share>

Link Vídeo Vítima Masculina Passiva, Agressor Feminino:

<https://youtube.com/shorts/rQWWwwhcq5Q?feature=share>

Agradecimentos

Os agradecimentos constituem-se como aquela secção que não parece importante, que ninguém quer, na verdade, saber, afinal, não é aqui que está o trabalho. Sou obrigada a discordar. Para mim, este trabalho não existiria, sequer, sem as pessoas aqui mencionadas.

Aprendi que o percurso académico não é um percurso que se faça sozinho, como tantas outras coisas nas nossas vidas e não teria chegado até aqui sem este conjunto especial de pessoas que tanto contribuíram para o meu trabalho e para a minha vida. Posto isto, gostaria de começar por agradecer ao Ivan, que além de um grande amigo de longa data pelo qual tenho imenso carinho, me ajudou e guiou os meus primeiros passos na Universidade.

Ao “Pipo” e à “Bea”, por serem grandes amigos e por me terem ajudado imenso com todas as minhas questões em torno da Dissertação, e acompanhado todos os meus desesperos.

Ao Miguel Pombinho, cujas circunstâncias de vida nos aproximaram e pelo qual tenho um grande carinho. Obrigada por toda a tua disponibilidade em ajudar-me!

À Rute e à Filipa, as minhas «miguxas», por todo o vosso apoio, todos os nossos cafés e longas tardes de conversa que facilitaram todo este processo!

Ao Luís, por me ter acompanhado todo este processo de perto, por nunca ter saído do meu lado mesmo nos momentos mais difíceis, por nunca ter desistido de mim, por nunca ter desistido de nós, e por me ter mostrado que sou capaz de fazer isto e muito mais.

Um especial agradecimento ao Afonso Esteves e à Júlia Soares, os meus queridos atores! Sem vocês, esta Dissertação perdia um brilho especial!

Aos meus pais, por me terem incentivado a seguir o meu percurso académico.

Por fim, mas não menos importante, à Professora Fátima, pela partilha de conhecimentos, pela sua ínfima paciência na análise dos dados, e pela ajuda dispensada durante todo este processo!

**Perceção da Violência Psicológica entre Parceiros Íntimos e Disponibilidade para
Ajudar: Impacto da Reação da Vítima Masculina**

Resumo

As investigações em torno da violência entre parceiros íntimos são vastas, mas poucas investigações se têm concentrado na violência psicológica exercida por mulheres nos seus parceiros, homens, e quais as diferenças da perceção de um espetador face a uma vítima masculina reativa e uma vítima masculina passiva. Pretende-se – recorrendo-se a dois vídeos como instrumento de manipulação das variáveis - compreender a perceção do espetador quanto a uma vítima do sexo masculino, passiva e reativa, compreendendo como a perceção da gravidade, a atribuição de culpa à vítima e agressor, a responsabilidade percebida, e as experiências passadas de vitimação impactam a resposta do espetador e contribuem para a sua disponibilidade em ajudar. Os resultados desta investigação revelaram que a condição passiva atribui mais culpa ao agressor, do que a condição reativa. A responsabilidade percebida revelou-se o melhor preditor de várias formas de disponibilidade de ajuda.

Palavras-chave: violência psicológica, violência no namoro, violência contra o homem, perceção da vítima, estudantes universitários

Perception of Psychological Violence Between Intimate Partners and Willingness to Help: Impact of the Male Victim's Reaction

Abstract

Investigations into intimate partner violence are extensive; however, few studies have focused on psychological violence perpetrated by women against their male partners, or on the differences in observers' perceptions of a reactive male victim versus a passive male victim. This study aims—using two videos as data collection instruments—to understand observers' perceptions of a male victim, whether passive or reactive, examining how perceptions of severity, attribution of blame to the victim and the aggressor, perceived responsibility, and past experiences of victimization influence observers' responses and contribute to their intention to help. The results of this investigation revealed that passive condition attributed more blame to the aggressor than the reactive condition. Perceived responsibility proved to be the strongest predictor of several forms of helping intention.

Keywords: psychological violence, dating violence, violence against men, victim perception, university students

Índice

Introdução	6
Parte I – Enquadramento Teórico.....	10
1. Violência Psicológica entre Parceiros Íntimos	10
1.1. A Vítima Masculina.....	12
2. Estereótipos de Género.....	14
3. Impacto da Reposta da Vítima Masculina na Perceção da Gravidade, Responsabilidade Percebida, Atribuição de Culpa à Vítima e Agressor e Disponibilidade para Ajudar.....	15
3.1. Impacto das Experiências Prévias do Espetador na Perceção da Gravidade, Responsabilidade Percebida, Atribuição de Culpa à Vítima e Agressor e Disponibilidade para Ajudar	23
Parte II – Estudo Empírico.....	26
1. Método	26
1.1. Participantes	26
1.2. Instrumentos	27
1.2.1. Variáveis da Responsabilidade Percebida, Perceção da Gravidade, Atribuição de Culpa, Disponibilidade para Ajudar, Experiências de Vitimação do Espetador e Fatores Situacionais da Vida do Agressor	27
1.2.2. Escala de Atitudes relativas à Violência no Namoro (EAVN) de Saveedra (2010)	29
1.2.3. Instrumento Audiovisual: Vídeo.....	31
1.3. Procedimento de Recolha de Dados.....	32
1.4. Procedimento de Análise dos Dados	33
2. Resultados.....	34
3. Discussão	44
4. Conclusão	53
Referências.....	56
Anexos	68
Anexo I – Questionário Sociodemográfico	68
Anexo II – Guião Vídeo: Agressor do Género Feminino (Vítima Masculina Passiva) ..	71
Anexo III - Agressor do Género Feminino (Vítima Reativa).....	73
Anexo IV – Link para Visualização dos Vídeos	75

Índice de Tabelas

Tabela 1. Subescala da Violência Psicológica perpetrada pelas Raparigas (VPF)

Tabela 2. Teste t para a Diferença das Médias

Tabela 3. Disponibilidade para Ajudar com Intervenção Direta

Tabela 4. Disponibilidade Para Ajudar Falando Diretamente com a Vítima

Tabela 5. Disponibilidade para Ajudar através de Denúncia Identificada

Tabela 6. Disponibilidade para Ajudar através de Denúncia Anónima

Tabela 7. Disponibilidade para Ajudar através de Falar com a Agressora

Introdução

A violência entre parceiros íntimos é uma área de investigação bastante vasta (Bobato et al., 2021; Costa et al., 2018; Caridade & Machado, 2013; Machado et al., 2003; Neves et al., 2022). Existe uma elevada prevalência de comportamentos violentos no seio das relações íntimas e a sua prevalência tem aumentado, especialmente, em populações mais jovens (Bobato et al., 2021; Machado et al., 2014; Neves et al., 2022), nomeadamente, nas relações íntimas de estudantes universitários (Bobato et al., 2021; Duarte & Lima, 2006; Santos & Rezende, 2021).

A violência psicológica configura-se como a forma de violência mais exercida nas relações íntimas (Bobato et al., 2021; Neves et al., 2022; Silva et al., 2007). As causas subjacentes a este facto, podem estar relacionadas com a dificuldade em identificar a violência psicológica pois, contrariamente à violência física, não existem marcas físicas ou visíveis, mas antes feridas emocionais que vão sendo disfarçadas e justificadas como atos de amor e preocupação (Bobato et al., 2021; Neves et al., 2022).

Exemplos da violência psicológica são os ciúmes e/ou comportamentos de controlo do(a) parceiro(a), que surgem disfarçados como atos de preocupação, de medo e/ou de insegurança face à possibilidade de perder o(a) parceiro(a) e, sendo justificados como uma expressão de amor, a sua incidência no seio relacional aumenta, contribuindo para a perpetuação destes comportamentos no seio das relações íntimas (Bittar & Nakano, 2018; Bobato et al., 2021; Santos & Rezende, 2021).

Ao debruçarmo-nos na prevalência de comportamentos violentos nas relações íntimas, investigações mais datadas reforçam que os principais agressores seriam do género masculino, enquanto as principais vítimas seriam do género feminino (Archer, 2000). A violência praticada por mulheres e raparigas, exercida em homens e rapazes seria, do ponto

de vista social e judicial, desvalorizadas, apoiadas na crença de que não conferiam uma verdadeira ou severa ameaça à integridade física e psicológica do homem (Armond et al., 2020). Investigações mais recentes têm apontado para a progressiva incidência de casos de vitimação masculina e como esses casos são encarados, ainda, como pouco relevantes ou significativos (Armond et al., 2020; Tosta & Cassepp-Borges, 2021). Alertando-se para esta crescente problemática, e verificando-se que ainda existe pouca investigação neste âmbito, compreende-se de que existe uma necessidade de aprofundar este fenómeno.

Parece existir uma multiplicidade de fenómenos e variáveis que podem estar por detrás da prevalência de comportamentos abusivos nas relações íntimas (e.g., estereótipos de género), mais precisamente, da violência psicológica exercida por mulheres e raparigas, nos seus parceiros, de sexo oposto, merecendo este fenómeno uma maior compreensão e investigação.

A percepção da gravidade configura-se como uma variável pertinente para a compreensão deste fenómeno, uma vez que influencia a responsabilidade percebida do espetador e, conseqüentemente, a disponibilidade de ajudar a vítima (Delgado-Alvarez & Sánchez-Prada, 2021). A percepção da gravidade face à violência exercida nas relações íntimas pode variar dependendo de vários aspetos como, por exemplo, o género do agressor e o género da vítima, julgando-se a violência exercida por rapazes e homens mais grave do que a violência exercida por raparigas e mulheres (Herrero et al., 2017; Lippert et al., 2024). O motivo que melhor parece explicar este facto, são os estereótipos de género, pois parece existir consenso de que o género masculino é mais agressivo e violento, comparativamente ao género feminino (Armond et al., 2020; Souza et al., 2022; Silva & Fernandes, 2018).

A percepção de gravidade também influencia a atribuição de culpa que, por sua vez, também é importante na responsabilidade percebida e na disponibilidade de ajuda, pois se o

espetador perceber a vítima como culpada da situação de vitimação, a percepção de gravidade e responsabilidade percebidas serão menores e, assim, também será a disponibilidade em ajudar (Kirby et al., 2022). Por outro lado, se o espectador perceber o agressor como culpado da situação, a percepção da gravidade e responsabilidade percebidas serão maiores, por conseguinte, será a disponibilidade em ajudar também será superior (Gracia et al., 2008; Nardi-Rodríguez et al., 2024).

Outro fator importante na percepção da gravidade, é a visão construída da vítima, quer isto dizer, as vítimas podem ser reativas – assumindo um papel mais ativo nas agressões - ou passivas – assumindo um papel mais passivo e inativo nas agressões, normalmente, apenas aceitam os abusos - e parece que as vítimas reativas são percebidas como “menos” vítimas (Torre Laso & Rodríguez-Díaz, 2022), por este motivo, a percepção da gravidade aumenta quando a vítima assume um papel mais passivo e diminui quando a vítima apresenta um papel mais reativo, considerando-se a vítima reativa como mais capaz de lidar com a situação e de se autonomizar da mesma (Delgado-Alvarez & Sánchez-Prada, 2021).

As investigações em torno da vitimação masculina permanecem escassas, especialmente as investigações que comparam diferenças na percepção da gravidade, responsabilidade percebida e disponibilidade para ajudar, perante estas duas condições: vítima reativa e vítima passiva. Considerando estas circunstâncias, o presente trabalho visa contribuir para o conjunto de investigações que alertam para o aumento de casos de vitimação masculina e para as investigações relativas à violência no namoro de forma global, direcionando-se para uma forma de violência pouco explorada: a violência psicológica. Pretende-se compreender, mais precisamente, a percepção do espectador quanto a uma vítima do sexo masculino, passiva e reativa, compreendendo como estas duas condições influenciam a percepção da gravidade, responsabilidade percebida, atribuição de culpa e disponibilidade para ajudar. Considerou-se, também, se experiências anteriores de vitimação

do espectador, poderiam contribuir para a disponibilidade em ajudar (Nardi-Rodríguez et al., 2024).

Desenvolveu-se uma investigação quantitativa, transversal, que utiliza a exposição a dois vídeos como método de manipulação das variáveis. Os vídeos retratam uma cena de violência psicológica e diferem, apenas, na resposta da vítima: num dos vídeos a vítima, do sexo masculino, reage às formas de violência psicológica (condição reativa) e, no outro vídeo, a vítima não reage (condição passiva).

O recurso a cenários hipotéticos é uma estratégia para manipulação de variáveis, visando despertar no participante algum tipo de emoção e/ou reação (Möller & Husemann, 2006). Embora os cenários lidos possam provocar uma reação no participante, é uma experiência diferente estar de forma presencial, ou se o espectador ouvisse e/ou visualizasse a situação, conforme se pretendeu com os vídeos. Acredita-se que com os vídeos, que se apresentam como aparentemente reais, a percepção da gravidade possa ser superior do que se o espectador lesse um cenário ou história (Barter & Renold, 2000; Cheah et al., 2022; Möller & Husemann, 2006).

Optou-se por elaborar uma situação de violência psicológica entre um casal de estudantes universitários, pois é uma população onde a violência no namoro surge de forma exacerbada (Duarte & Lima, 2006; Santos & Rezende, 2021). A violência psicológica foi a configuração escolhida pois é a mais verificada nas relações íntimas, principalmente, na população universitária (Neves et al., 2022). Ademais, é interessante incluir também a população universitária, pois literatura postula que além de ser uma população onde a violência no namoro surge com frequência, é também a população que mais intervém em situações de violência no namoro (Burn, 2009; Palmer et al., 2016).

Serão aplicadas, após a exposição aos vídeos, as questões desenvolvidas através dos trabalhos de Turgeon & Chamberland (1994, como citado em Chamberland & Laporte, 2010) e Gracia e Colaboradores (2008) e aplicadas no contexto português por Tojo (2017), e a Escala de Atitudes Acerca da Violência Psicológica Perpetrada pelas Raparigas, adaptada para Portugal por Saveedra (2010).

Parte I – Enquadramento Teórico

1. Violência Psicológica entre Parceiros Íntimos

Entende-se por violência o conjunto de comportamentos reativos e proativos que variam em intensidade e duração (Duarte et al., 2014) e que têm a intenção de prejudicar outrem (Costa, 2005).

A violência entre parceiros íntimos é uma expressão da violência doméstica, do ponto de vista da legislação portuguesa, que se traduz na perpetuação de comportamentos violentos exercidos numa relação íntima de afeto, independente da existência, ou não, de coabitação (Bobato et al., 2021). Pode assumir várias configurações, entre as várias manifestações de violência, as mais comuns são a violência física, a violência psicológica e a violência sexual (Neves et al., 2022).

A violência psicológica será alvo de estudo na presente dissertação, uma vez que aparenta ser a mais dominante nas relações conjugais (Costa et al., 2015; Machado et al., 2010; Neves et al., 2022) nomeadamente, nas relações íntimas de estudantes universitários (Bobato et al., 2021; Duarte & Lima, 2006; Santos & Rezende, 2021).

Procedendo à caracterização de violência psicológica, esta corresponde ao ato intencional, não físico, de causar dano a outrem (Duarte & Lima, 2006). Esta forma de violência caracteriza-se pelos atos de desprezar, menosprezar, insultar e/ou humilhar outrem,

em privado ou em público, através de palavras ou de comportamentos como, por exemplo, destruir pertences com valor para a vítima (Manita et al., 2009), impedir ou limitar o acesso da vítima a informações ou a assistência médica (Bobato et al., 2021), o ato deliberado de deixar de falar ou interagir com o(a) parceiro(a), a limitação intencional da ação do(a) parceiro(a) (por exemplo, não deixar o(a) parceiro(a) sair de casa, a proferição de insultos, a humilhação (Duarte & Lima, 2006), a chantagem, discriminação, limitação financeira (impedir que o(a) parceiro(a) utilize o seu próprio dinheiro), entre outras (Silva et al., 2007). Os ciúmes desmedidos e a desconfiança no(a) parceiro(a) são também exemplos de violência psicológica (Santos & Rezende, 2021).

A violência psicológica é a expressão da violência mais difícil de identificar (Silva et al., 2007) e talvez seja por isto que a sua prevalência atinja valores desproporcionais nas relações amorosas, existindo uma multiplicidade de investigações que sustentam este facto: um estudo desenvolvido por Machado e colaboradores (2014) com o objetivo de comparar a prevalência dos comportamentos violentos em casais de namorados e em parceiros casados, verificaram que é nas relações de namoro que se verificam níveis mais elevados de violência física. A violência psicológica é, por outro lado, mais prevalente nos parceiros casados (26%), comparativamente aos casais de namorados (21.1%). Já Costa e colaboradores (2015) constataram que a violência psicológica é a mais preponderante nas relações íntimas dos jovens portugueses, verificando-se que os valores desta incidência rondam os 43.1%, nas mulheres, e os 37.8%, em homens.

Um outro estudo realizado em Portugal, sobre a Violência no Namoro, realizado pela Associação Plano i., entre 2017 e 2020, evidenciou, no que concerne a violência psicológica, cerca de 49.9% ($N = 579$) das mulheres, e 49.7% ($N = 76$) dos homens já sofreram violência psicológica no seio das suas relações, e constatou-se que cerca de 30.8% ($n = 357$) das mulheres e 33.3% ($n = 51$) dos homens admitiram já ter exercido atos de violência

psicológica contra o/a seu/ua parceiro/a. Um estudo conduzido por Neves e colaboradores (2022), revelou que a violência psicológica é a forma de violência mais preponderante nas relações íntimas dos jovens, nomeadamente, em estudantes universitários, seguida da violência sexual, e da violência física.

Além das várias investigações que têm vindo a ser realizadas nas últimas décadas (e.g., Machado et al., 2014; Neves et al., 2022) também nos podemos debruçar nas estatísticas nacionais dos casos de violência doméstica (cf. Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), 2024; Relatório Anual de Segurança Interna (RASI), 2024) compreendendo-se, através dos dados disponibilizados, que a incidência de casos de violência no namoro, nomeadamente, de violência psicológica, têm aumentado ano após ano, surgindo a necessidade de desmistificar o porquê deste fenómeno (cf. Machado et al., 2010; Caridade, & Machado, 2013).

Em suma, compreende-se de que existe, efetivamente, uma grande prevalência de comportamentos violentos nas relações íntimas dos jovens portugueses e, em especial, de formas de violência psicológica (Bobato et al., 2021; Costa et al., 2018; Caridade & Machado, 2013; Duarte & Lima, 2006; Machado et al., 2003; Neves et al., 2022).

1.1. A Vítima Masculina

Investigações iniciais enfatizavam que a vítima era, frequentemente, do sexo feminino, e o respetivo agressor, do sexo masculino (Archer, 2000) e as estatísticas nacionais ao longo dos últimos anos, traçam o homem como o agressor habitual (por exemplo, cf. APAV, 2025), no entanto, algumas investigações neste âmbito começaram a ser conduzidas tanto a nível nacional (e.g., Machado et al., 2014) como internacional (e.g., Archer, 2000; Toscano et al., 2022), reforçando de que os homens também são vítimas de violência por parte das suas parceiras, do sexo feminino.

A escassez, porém, de investigações direcionadas somente às questões da vitimação masculina, têm dificultado a compreensão da dimensão real deste fenómeno, o que dificulta delinear um perfil da vítima masculina, assim como compreender todas as *nuances* relativamente à mesma (por exemplo, quais seriam as diferenças entre uma vítima masculina reativa com uma vítima masculina passiva) (Machado et al., 2016).

O homem, enquanto vítima por parte da sua parceira, mulher, é um assunto relativamente novo na investigação (Machado et al., 2016; Machado et al., 2014), porém, as poucas investigações efetuadas nesta área, revelam alguns pontos em comum: o homem é desvalorizado enquanto vítima (Ambrozewicz et al., 2024; Armond et al., 2020; Archer, 2000), e os motivos parecem ligar-se diretamente aos estereótipos de género, acreditando-se que o homem, pelas suas características físicas e psicológicas, não pode efetivamente ser uma vítima (pois é creditado como mais forte fisicamente e mais resistente mentalmente) (Herrero et al., 2017; Lippert et al., 2024). Por conseguinte, o facto de se caracterizar o homem enquanto mais forte e resistente, origina que as situações de vitimação sejam percecionadas como menos graves, aliadas à crença de que o homem se consegue defender. Sendo a situação de vitimação desvalorizada, a perceção de gravidade é reduzida, assim como a responsabilidade e disponibilidade em ajudar a vítima (Ambrozewicz et al., 2024).

Nos capítulos seguintes, irei aprofundar de forma mais detalhada como os estereótipos de género e como variáveis como a perceção da gravidade, responsabilidade percebida, atribuição de culpa à vítima e agressor, e experiências passadas de vitimação, afetam a perceção de um espetador e, consequentemente, a sua disponibilidade para ajudar a vítima masculina.

2. Estereótipos de Género

O mundo, como o ser humano o conhece, é um lugar repleto de possibilidades, de interações sociais dinâmicas e complexas. Perante esta exigência e, também, complexidade, generalizar torna-se a ferramenta cognitiva predileta para a adaptação do ser humano ao mundo que o rodeia (Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2003).

Com Lippman (1922), conforme explicitado por Garcia-Marques & Garcia-Marques (2003) surgiu, pela primeira vez, o conceito de estereótipo, como resultado de um processo cognitivo, através qual reduzimos o nosso ambiente social ao nível da nossa escala e capacidade cognitiva. Segundo Allport (1954), os estereótipos seriam resultado, de um processo cognitivo básico denominado processo de categorização, possibilitando a organização do mundo interno e externo do indivíduo (Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2003).

Os estereótipos seriam partilhados socialmente, correspondendo a uma parte integrante dos valores sociais de uma determinada cultura ou grupo social (Boira et al., 2017; Fishman, 1956; Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2003). Esta contingência acarreta, porém, um problema: mantém a perpetuação do estereótipo, mesmo quando este se prova errado o que, conseqüentemente, origina uma categorização potencialmente errónea do ser humano (Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2003). Neste sentido, quando falamos em estereótipos de género, falamos na interpretação dos comportamentos dos sujeitos de acordo com o seu género, sendo atribuídas, assim, características distintas a homens e mulheres tendo como fundamentação a sua constituição genital e as crenças sociais profundamente enraizadas numa dada comunidade, conferindo estas as orientações de como cada sexo se deve apresentar e de como se deve comportar (Toscano et al., 2022).

No âmbito das relações íntimas, o estereótipo, pode explicar, pelo menos em parte, a manutenção de comportamentos violentos (Méndez & Lisette, 2023). Literatura científica nesta área tem identificado que as crenças acerca dos papéis de género aparentam justificar a perpetuação de comportamentos violentos em relações íntimas (Delgado-Alvarez & Sánchez-Prada, 2021; Méndez & Lisette, 2023; Souza et al., 2021).

Os estereótipos de género e as características atribuídas a cada sexo explicam, em parte, os contornos da perceção da gravidade, na medida em que o espetador perceciona as situações de vitimação mais graves quando a vítima é do sexo feminino, comparativamente a uma vítima do sexo masculino, estabelecendo como base desta diferenciação, as características estereotipadas de cada género (Herrero et al., 2017; Lippert et al., 2024). Por conseguinte, a disponibilidade em ajudar nestas duas circunstâncias difere, o espetador sente-se mais coagido a ajudar a vítima do sexo feminino, do que a vítima do sexo masculino, considerando a vítima do sexo masculino como mais capaz de se autonomizar, devido à consideração social de que o sexo masculino é mais forte ou, por outro lado, sendo o sexo masculino superior em físico e força, as agressões do sexo oposto não conferem uma verdadeira ameaça (Archer, 2000; Duarte et al., 2014). Todavia, aprofundarei estas questões com maior detalhe no capítulo seguinte.

3. Impacto da Reposta da Vítima Masculina na Perceção da Gravidade, Responsabilidade Percebida, Atribuição de Culpa à Vítima e Agressor e Disponibilidade para Ajudar

Os estereótipos de género, conforme constatado no capítulo anterior, podem funcionar como uma justificação para a manutenção de comportamentos violentos nas relações íntimas (Méndez & Lisette, 2023) e podem explicar, em parte, os contornos da perceção da gravidade, da responsabilidade percebida, atribuição de culpa e

consequentemente, da disponibilidade em ajudar o espectador, conforme explicado (Herrero et al., 2017; Lippert et al., 2024). É, porém, relevante compreender a influência destas variáveis - percepção da gravidade, responsabilidade percebida, atribuição de culpa à vítima/agressor, e disponibilidade em ajudar em determinados cenários – e como, consequentemente, estas variáveis são influenciadas, no espectador, pelo tipo de resposta da vítima. Também se pretendeu averiguar como as experiências de vitimação do espectador impactam a sua percepção e, consequentemente, a sua resposta.

A investigação em torno das diferenças de percepção de uma vítima, entre vítimas do sexo feminino e do sexo masculino, e o impacto das suas respostas, têm-se focado, essencialmente, na violência física (Landstrom et al., 2015; Sorenson & Taylor, 2005), pouco se sabe acerca da violência psicológica ou da diferença entre as respostas de uma vítima e outra, quando a vítima é um homem (Taylor et al., 2022).

As investigações na área da compreensão de respostas de vítimas, na ótica do espectador, postulam que a resposta da vítima masculina não parece ser muito relevante pois, seja esta vítima de violência física (excetuando-se casos muito severos), seja esta vítima de violência psicológica, é menos valorizada enquanto vítima comparativamente a uma vítima feminina (Capezza et al., 2017; Kujiperes et al., 2017).

Parece que a investigação científica direcionada à diferença entre sexos em situações de vitimação, destacam um conjunto de variáveis que pretendem explicar o porquê dessas mesmas diferenças, entre as quais, a percepção da gravidade e responsabilidade percebida, a atribuição de culpa à vítima ou agressor, e a disponibilidade em ajudar (e.g., Bosma et al., 2018; Lippert et al., 2024; Mainwaring et al., 2023; Nardi-Rodríguez et al., 2024). As experiências passadas de vitimação também parecem influenciar a percepção dos espectadores,

face a situações de violência entre parceiros íntimos (Kirby et al., 2022; Mainwaring et al., 2023).

A forma como um sujeito interpreta uma situação é crucial, pois na sua interpretação encontra-se os contornos que justificam o que motiva o sujeito a intervir, ou a não intervir, numa determinada situação (Pilati et al., 2008). No que concerne a violência entre parceiros íntimos, as situações de vitimação feminina são consideradas como mais graves, comparativamente às situações de vitimação masculina. Isto deve-se, por um lado, à prevalência da violência, compreendendo-se de que existem mais casos de violência exercida sob as mulheres e, por estes motivos, a situação é inevitavelmente considerada mais grave (Hohendorff et al., 2015; Taylor et al., 2022).

A configuração da violência perpetrada também influencia a perceção do espetador quanto à gravidade da situação, nomeadamente, as situações de violência física são consideradas mais graves, comparativamente a situações de violência psicológica (Badenes-Sastre et al., 2024), neste sentido, a responsabilidade percebida seria mais elevada e, consequentemente, assim seria a disponibilidade em ajudar.

Curiosamente, quando comparamos a incidência de cada configuração de violência nos sexos opostos, compreende-se de que a mesma não é relevante quando a vítima é do sexo feminino, a situação é sempre considerada como grave. Porém, quando a vítima é do sexo masculino, parece que só formas muito severas de violência é que são consideradas pelo espetador, enquanto severas (Kujiperes et al., 2017).

A violência psicológica, e outras formas menos severas de violência física exercidas sob um homem, não parecem ser alvo de grande valorização. De facto, a vítima do sexo masculino acaba por ser percecionada, pelo espetador, como uma vítima menos legítima e menos credível (Kujiperes et al., 2017). Crê-se que este aspeto se apoie na ideia de que as

agressões exercidas sob homens continuam, socialmente, pouco reconhecidas (Armond et al., 2020; Tosta & Cassepp-Borges, 2021), existindo uma dissonância no espectador perante uma vítima masculina (Kujiperes et al., 2017). Por outras palavras, não existindo muitos casos socialmente reconhecidos de situações de vitimação masculina, quando o espectador é confrontado com uma situação deste género, existe uma sensação de estranheza que o impede de valorizar a situação na íntegra, considerando, por estes motivos, a vítima como menos credível.

Por outro lado, acredita-se que o facto de existirem estereótipos de género inerentes às questões de vitimação acarreta contingências, em particular, os homens vítimas de violência são desacreditados enquanto vítimas pois existe a consideração social de que uma mulher não é fisicamente superior a um homem, pelo que não pode efetivamente constituir um risco à integridade física do homem (Archer, 2000; Sorenson & Taylor, 2005). Porém, ao debruçarmo-nos nas questões da violência psicológica, parece não existirem motivos para a sobrevalorização de um género sob o outro pois, na lógica do estereótipo, a dimensão física não é significativa na violência psicológica (Capezza et al., 2017), mas aquilo que a literatura nos revela é que, independentemente do género e dos estereótipos associados, a violência psicológica exercida sob o homem, perpetrada pela mulher é considerada, pelos espectadores, como pouco ou nada severa (Capezza et al., 2017; Kujiperes et al., 2017).

Capezza e colaboradores (2017), defendem que devido aos estereótipos de género, espera-se que o homem assuma uma postura de maior força e resistência psicológica, pelo que este aspeto pode justificar os resultados da sua investigação, onde a situação de violência psicológica exercida sob o homem, pela sua parceira, foi percecionada, pelos espectadores, como menos graves. Porém, quando inverteram os papéis e era o homem o agressor, embora a situação fosse exatamente a mesma, o espectador considerou a situação mais grave. Crê-se que a ideia de que o homem apresenta uma maior resistência emocional

e psicológica, justifica o porquê de, mesmo enquanto vítima de violência psicológica, o espectador ter considerado a situação como pouco grave e, conseqüentemente, a responsabilidade percebida e a disponibilidade em ajudar serem reduzidas (Capezza et al., 2017).

As emoções da vítima também influenciam a percepção do espectador. Se, por um lado, a vítima se mostrar angustiada, magoada ou lacrimosa, é percebida como mais credível. Considerando a dimensão das emoções apresentadas, inferências são feitas pelo espectador: se, por exemplo, uma vítima masculina apresentar emoções negativas como chorar ou mostrar-se angustiada, existe uma quebra naquilo que é o estereótipo do homem (uma vez que é esperado que este seja austero, frio, que não chore...) e, conseqüentemente, isto provoca dissonância no espectador (Landstrom et al., 2015), existindo uma desidentificação com a vítima.

O espectador identifica-se, tipicamente, mais com a vítima se esta apresentar características pertencentes ao *in-group* do espectador como, por exemplo, o sexo (Ermer et al., 2017). Compreendeu-se que, por este motivo, os participantes do sexo feminino identificam-se com as vítimas do sexo feminino, atribuindo, por isso, mais severidade à situação, comparativamente à vítima do sexo masculino.

A investigação de Kujiperes e colaboradores (2017) revelou que os níveis mais graves de violência física exercidos na vítima masculina, foram percebidos, pelos espectadores femininos, como severos, enquanto as outras formas de violência foram consideradas como pouco ou nada severas. Esta identificação ou desidentificação justificam, em parte, os contornos da disponibilidade em ajudar. Ademais, o facto de as mulheres se encontrarem, estatisticamente, mais propícias a sofrerem violência no namoro, também

aumenta a identificação destas com a vítima, pois reside a ideia de que o mesmo poderia acontecer com as próprias (Walker et al., 2024).

Os espetadores podem também interpretar a expressão da vítima como um indício do seu comportamento durante a vitimação se, por consequência, considerarem a vítima calma e serena, podem assumir que a mesma não merecia a agressão, se por outro lado, a vítima se mostrar muito enraivecida, pode significar que esta teve influência no surgimento da própria situação de vitimação e, por consequência, a empatia é menor, assim como a disponibilidade em ajudar. Sugere-se que os efeitos da expressão emocional da vítima nas reações negativas dos observadores dependem das expectativas concretas dos próprios observadores e de fatores contextuais, como as circunstâncias da vitimação (Bosma et al., 2018). Salienta-se, neste sentido, a pertinência de evitar ao máximo que, no vídeo apresentado aos espetadores - conforme será aprofundado no método - nesta investigação, os atores a protagonizar vítima e agressor, não revelassem as suas faces de ambos.

O facto de a vítima se apresentar mais ou menos reativa é também importante na disponibilidade em ajudar o espetador pois, se por um lado, o espetador percecioner a situação como se a vítima estivesse em controlo da mesma, a percepção da gravidade seria menor, e assim seria também a disponibilidade em ajudar, pois o espetador perceberia que a vítima, na verdade, pode modificar a sua situação sem auxílio de outrem, despertando, no espetador, sentimentos de desidentificação para com a vítima. Por outro lado, se o espetador interpretar a situação como se a vítima não tivesse hipóteses de escapar da situação sem auxílio, a disponibilidade de ajuda seria maior, pois seriam desencadeados, no espetador, sentimentos de empatia e de maior responsabilidade para com a vítima (Pilati et al., 2008).

A percepção de que a vítima apresenta controlo sobre a sua situação, pode levar à culpabilização da vítima, sendo esta responsabilizada pelo que aconteceu (Weiner, 1980).

Em contraste, quando a situação é percebida como estando fora do controlo da vítima, o indivíduo pode ser visto como menos merecedor dessa situação, despertando simpatia no espectador (Wijaya et al., 2021).

Parece que a forma como a vítima reage influencia a disponibilidade em ajudar, não obstante, as suas emoções também influenciam a percepção do espectador e, consequentemente, a percepção da gravidade e disponibilidade de ajuda deste. Se uma vítima se mostrar mais angustiada e menos calma, poderá despertar no espectador uma maior disponibilidade de ajuda, por este perceber a vítima como menos capaz de agir. Se, por outro lado, a vítima se mostrar mais enraivecida, menos angustiada ou calma, a disponibilidade de ajuda é menor, pois o espectador percebe a vítima como capaz de se autonomizar (Pilati et al., 2008; Wijaya et al., 2021).

Autores como Burn (2009) ou Levine e colaboradores (2002) defendem que o facto de existir algum tipo de relação entre o espectador e a vítima, aumenta, no sujeito, uma maior percepção de gravidade e sentimento de responsabilidade pessoal o que, consequentemente, aumenta a probabilidade de o espectador intervir e ajudar a vítima (Weisz & Black, 2008). Por outro lado, Nicksa (2014) postula que o facto de o espectador conhecer o perpetrador dos atos, o/a agressor/a, reduzem as probabilidades de intervir e ajudar a vítima. Outra investigação, porém, revelou o contrário, demonstrando que os espectadores se mostram mais disponíveis em intervir se conhecerem tanto a vítima como o agressor (Palmer et al., 2016).

O Modelo do Cálculo do Observador de Piliavin, Piliavin & Rodin, fornecem uma explicação para a disponibilidade de ajuda do espectador que pode ser influenciada, por um lado, pela percepção da gravidade, quer isto dizer, o espectador visualiza a situação e analisa se é, ou não, uma emergência. Depois, o espectador assume a responsabilidade de, potencialmente, agir, analisando qual o comportamento a adotar e, para tal, quais as suas

competências e recursos disponíveis. Para esta decisão, o espetador analisa, também, quais os custos ou benefícios de intervir diretamente ou indiretamente na situação. A decisão de ajudar pode também ser influenciada pela presença (real ou inferida) de outras testemunhas, nomeadamente, quantos mais espetadores estiverem presentes, menor será a probabilidade de ajuda, pois a responsabilidade de agir não residirá no espetador, mas será antes distribuída por este e os restantes espetadores (Latané & Darley, 1968).

Situações de maior gravidade são reconhecidas, pelo espetador, de forma mais rápida e, quanto mais grave for a situação, maior será a probabilidade de o espetador intervir. Por outro lado, quanto menos grave for a situação, menor será a probabilidade do espetador intervir (Latané & Darley, 1968). Esta atribuição é influenciada por diversos fatores, não só a resposta da vítima influencia a perceção do espetador, se é mais reativa ou mais passiva (Pilati et al., 2008), como as emoções por esta demonstradas (Landstrom et al., 2015; Wijaya et al., 2021).

Um outro fator que poderá influenciar a disponibilidade em ajudar ou, neste caso, a não disponibilidade no sexo masculino, é o facto de não existirem tantas situações de vitimação masculina, o que reduz a responsabilidade social, pois as situações são interpretadas como pouco frequentes e, como tal, pouco importantes (Felson, 2010; Rhatigan et al., 2011). Por outro lado, sendo as situações de vitimação feminina superiores em proporção e gravidade, a responsabilidade social é sentida pelo espetador como maior e, por conseguinte, maior é a disponibilidade do espetador em intervir na situação e ajudar a vítima (Rhatigan et al., 2011).

Para finalizar, uma outra variável que parece influenciar a perceção de gravidade, responsabilidade percebida e disponibilidade em ajudar, é o facto de o espetador ter passado por alguma situação de vitimação, o que parece aumentar a probabilidade de ajudar a vítima

(Beeble et al., 2008). Na investigação de Kirby e colaboradores (2022), porém, os resultados são contrários. Parece que os participantes que vivenciaram situações de vitimação, estigmatizaram os sobreviventes, normalizando a situação.

3.1. Impacto das Experiências Prévias do Espetador na Percepção da Gravidade, Responsabilidade Percebida, Atribuição de Culpa à Vítima e Agressor e Disponibilidade para Ajudar

Uma variável que parece influenciar a Percepção de Gravidade, Responsabilidade Percebida e Disponibilidade de Ajuda, é o facto de o espectador ter passado por alguma situação de vitimação, o que parece aumentar a probabilidade de ajudar a vítima (Beeble et al., 2008). Na investigação de Kirby e colaboradores (2022), porém, os resultados são contrários, parece que os participantes que vivenciaram situações de vitimação, estigmatizaram os sobreviventes, normalizando a situação de violência, desconsiderando, neste sentido, intervir. Os autores atribuíram estes resultados como uma forma de proteção dos espectadores, isto é, estas crenças funcionariam como uma forma dos próprios participantes que sofreram violência no namoro, se protegerem da realidade e do sofrimento que vivenciaram, desvalorizando a situação como forma de amenizar a sua própria dor e angústia.

Numa outra investigação, compreendeu-se de que os participantes do sexo feminino que sofreram violência no namoro, percecionaram as situações de violência como mais severas, comparativamente às participantes que não sofreram violência nas suas relações, mostrando-se mais empáticas e dispostas em intervir (Badenes-Sastre et al., 2024). Outra investigação revelou que, por exemplo, os rapazes tendem a atribuir mais facilmente a violência como culpa das mulheres vítimas (quando o agressor se trata de um homem) ou a

consequências extrínsecas aos envolvidos na situação (e.g., consumo de álcool ou a pobreza) minimizando a violência (Caridade & Machado, 2006).

Também parece que mulheres com crenças estereotipadas em relação aos tradicionais papéis de género, não denunciavam situações de vitimação. Estas mesmas crenças também legitimam a prática de violência em relacionamentos amorosos, normalizando a situação de vitimação o que impacta, consequentemente, a disponibilidade em ajudar (Badenes-Sastre et al., 2024).

As vítimas ou os sujeitos que têm comportamentos violentos, fruto de uma relação familiar marcada por episódios de violência entre os pais ou fruto de uma violência exercida diretamente sob o próprio sujeito enquanto jovem, como forma de punição, apresentam conceções enviesadas de conceitos como a violência e aquilo que é correto ou incorreto numa relação, consequência da sua própria experiência, por exemplo, algumas situações podem ser interpretadas por estes como ameaçadoras ou inapropriadas e o sujeito responde com violência, como forma de se defender ou ripostar. Claro que, em vários contextos, como numa relação íntima, esta forma de resposta é inadequada (Cardia, 1999).

Através destes exemplos, compreende-se como as experiências passadas de vitimação podem interferir na perceção do espetador, face à violência entre parceiros íntimos (Kujiperes, 2017). Como consequência, o entendimento das experiências passadas de um espetador é importante para, precisamente, compreender como a gravidade e responsabilidade percebidas, a atribuição de culpa e a disponibilidade em ajudar são influenciadas.

Considerando os aspetos mencionados ao longo deste enquadramento, o seguinte estudo visa compreender a perceção do espetador quanto a uma vítima do sexo masculino, passiva e reativa, compreendendo como estas duas condições influenciam a perceção da

gravidade, responsabilidade percebida, atribuição de culpa à vítima/agressor, e disponibilidade para ajudar. Pretendeu-se, também, compreender se as experiências passadas de vitimação influenciam a percepção do espectador, assim como fatores contextuais da vida do agressor. Desta forma, estabelecem-se como hipóteses:

- **Hipótese 1:** Espera-se que existam diferenças significativas na percepção da gravidade entre as condições reativa e passiva, sendo a condição reativa percebida como menos grave, comparativamente à passiva.
- **Hipótese 2:** Espera-se que existam diferenças significativas entre as condições reativa e passiva, na responsabilidade percebida, espera-se uma maior responsabilidade percebida na condição passiva, comparativamente à vítima da condição reativa.
- **Hipótese 3:** Espera-se que existam diferenças significativas entre as condições reativa e passiva, na atribuição da culpa à vítima, espera-se uma maior atribuição de culpa na condição reativa em comparação à condição passiva.
- **Hipótese 4:** Espera-se que existam diferenças significativas entre as condições reativa e passiva, na atribuição da culpa ao agressor, espera-se uma menor atribuição de culpa na condição reativa em comparação à condição passiva.
- **Hipótese 5 :** Espera-se que existam diferenças significativas entre as condições reativa e passiva, na disponibilidade para ajudar, esperando-se uma maior disponibilidade para ajudar a vítima da condição passiva, comparativamente à vítima da condição reativa.
- **Hipótese 6:** Espera-se que existam diferenças nas atitudes do espectador face à resposta da vítima reativa e vítima passiva.
- **Hipótese 7:** Espera-se que a percepção de gravidade, a responsabilidade percebida, atribuição de culpa à vítima ou ao agressor, as situações

de vida do agressor, o sexo do respondente, a experiência anterior com situações de violência (como vítima ou espetador, incluindo o facto de o espetador ter, ou não, observado uma situação de violência) contribuam para a disponibilidade para ajudar.

Parte II – Estudo Empírico

1. Método

1.1. Participantes

Para este estudo recorreu-se a uma amostra de estudantes universitários, voluntários. A amostra resultou em 250 inquiridos ($N=250$), 125 participantes na condição reativa e 125 participantes na condição passiva. Não existiram critérios de exclusão para conduzir esta investigação, apenas se pretendia que os participantes fossem estudantes universitários.

A maioria dos estudantes ($n=240$), cerca de 96% da amostra, pertencem à Universidade de Évora, enquanto cerca de 4% dos participantes ($n=10$) pertencem a outras universidades portuguesas.

A maioria dos estudantes ($n=108$) frequenta o curso de Psicologia (Licenciatura e Mestrado), correspondendo a cerca de 43.2% da amostra, enquanto os restantes estudantes pertencem a cursos, maioritariamente, da área da Educação ($n=76$) (viz., Ciências da Educação, Educação Básica ...), correspondendo a cerca de 30.4% da amostra, e os restantes ($n=65$), cerca de 26%, pertencem a outros cursos (viz., Gestão, Bioquímica, Arquitetura...). Um dos participantes não respondeu à questão “Curso que Frequenta”, integrando 0.4% da amostra.

Cerca de 93.6% dos participantes são naturais de Portugal ($n=234$), enquanto cerca de 6.4% ($n=16$) provêm de outros países (Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Equador).

Em relação à experiência passada de vitimação dos participantes, cerca de 68.8% dos participantes admitem não ter sofrido ou perpetrado violência no namoro, na condição reativa. Cerca de 31.2% admitem ter sofrido ou perpetrado comportamentos violentos no âmbito das suas relações.

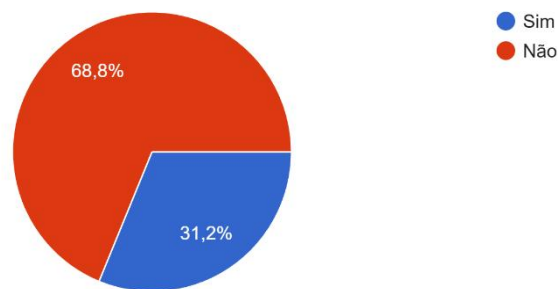


Fig. 1. Experiência Passada de Vitimação: Condição Reativa

Quanto aos participantes da condição passiva, cerca de 74.7% admitem não ter passado ou perpetrado violência no namoro, enquanto 25.6% admitem ter passado ou perpetrado.

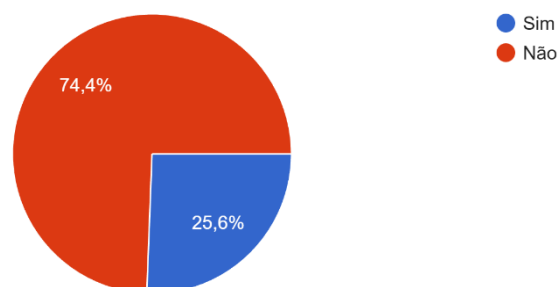


Fig. 2. Experiência Passada de Vitimação: Condição Passiva.

1.2. Instrumentos

1.2.1. Variáveis da Responsabilidade Percebida, Perceção da Gravidade, Atribuição de Culpa, Disponibilidade para Ajudar, Experiências de Vitimação do Espetador e Fatores Situacionais da Vida do Agressor

Para avaliar as variáveis, utilizaram-se as questões desenvolvidas com base nos trabalhos de Turgeon & Chamberland (1994, como citado em Chamberland & Laporte, 2010) e Gracia e Colaboradores (2008) e aplicadas no contexto português por Tojo (2017). Estas questões integram uma escala de resposta de tipo *likert* de 10 pontos, em que 1 significa “Nada” e 10 significa “Muito”.

O *Sentimento de Responsabilidade Pessoal* foi avaliado através de três questões, “Até que ponto é que a pessoa se sentiria responsável por intervir se a vítima fosse seu familiar/sua vizinha/ ou uma pessoa desconhecida”.

A *Percepção de Severidade* foi avaliada através de uma única questão: “Até que ponto esta situação lhe parece grave?”.

A *Atribuição de Culpa* foi também avaliada de três formas, com três questões diferentes: “Em que medida concorda que a culpa da situação seja da vítima?”; “Em que medida concorda que a culpa da situação seja do/da agressor/a?” e “Em que medida concorda que a culpa da situação se deva a outras situações de vida (ex.: divórcio dos pais de Maria, *stress*, etc.)?”.

A *Disponibilidade para Ajudar* foi avaliada através de cinco questões que pretendiam compreender qual a probabilidade de o respondente intervir considerando cinco opções: realizar uma denúncia anónima; realizar uma denúncia identificada; falar/aconselhar a vítima; e falar/aconselhar o/a agressor/a.

Os *Fatores Situacionais da Vida do Agressor* foram avaliados através de uma única questão, “Em que medida concorda que a culpa da situação se deva a outras situações de vida (ex.: divórcio dos pais de Maria, *stress*, etc.)?”.

As *Experiências de Vitimação do Espetador* foram avaliadas através de duas questões que não integravam as questões desenvolvidas por Turgeon & Chamberland (1994,

como citado em Chamberland & Laporte, 2010) e Gracia e Colaboradores (2008) e aplicadas no contexto português por Tojo (2017): “Já alguma vez observou alguma situação de violência no namoro?” e “Já alguma vez passou por alguma situação de violência no namoro como vítima e/ou agressor/a?”.

1.2.2. Escala de Atitudes relativas à Violência no Namoro (EAVN) de Saveedra (2010)

A Escala de Atitudes relativas à Violência no Namoro (EAVN) foi adaptada para Portugal por Saveedra (2010), ajustada da *Attitudes Toward Dating Violence Scales* de Price & Byers (1999).

A EAVN é constituída por 76 itens, distribuídos em seis subescalas: “Violência Psicológica Masculina” (com 13 Itens); “Violência Física Masculina” (com 12 Itens); “Violência Sexual Masculina” (com 12 Itens); “Violência Psicológica Feminina” (com 12 Itens); “Violência Física Feminina” (com 13 Itens) e “Violência Sexual Feminina” (com 12 Itens).

Procedeu-se ao cálculo consistência interna da subescala EAVN recorrendo-se, para este efeito, ao α de *Cronbach*, adquirindo-se um valor de $\alpha = .698$. Na escala original, adaptada por Saveedra (2010), o alfa da escala total é de $\alpha = .94$.

Considerando que este estudo se debruça na vitimação masculina e em formas de violência psicológica, utilizou-se a subescala “Violência Psicológica Masculina” (Tabela 1), também denominada “Atitudes Acerca da Violência Psicológica Perpetrada por Raparigas (VPF)”, cujos itens podem ser consultados em seguida:

Tabela 1. Subescala Atitudes Acerca da Violência Psicológica perpetrada pelas Raparigas (VPF).

Itens da Subescala Atitudes Acerca da Violência Psicológica perpetrada pelas

Raparigas (VPF)

É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a rapariga quer.

Por vezes as raparigas têm de ameaçar os namorados para eles as ouvirem.

As raparigas têm o direito de dizer aos namorados o que fazer.

Um rapaz deve fazer sempre o que namorada lhe diz para fazer.

Uma rapariga pode dizer mal do namorado.

É normal uma rapariga gritar com o namorado quando fica furiosa.

As raparigas têm direito de dizer aos namorados o que devem vestir.

Um rapaz deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos.

Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado.

Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados.

Se uma rapariga gritar e berrar com o namorado, não o magoa a sério.

Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado.

Uma rapariga não deve controlar o que o rapaz veste.

Nota. Escala de Resposta: 1= Concordo Totalmente; 2= Concordo; 3= Não Concordo

Nem Discordo; 4= Discordo; 5=Discordo Totalmente.

Por fim, os participantes responderam ao Questionário Sociodemográfico que visa recolher informações sociodemográficas que permitam caracterizar a amostra (cf. anexo I).

O valor da subescala, “Atitudes Acerca da Violência Psicológica perpetrada pelas Raparigas (VPF)”, utilizada neste estudo, é $\alpha = .79$.

1.2.3. Instrumento Audiovisual: Vídeo

O recurso a cenários hipotéticos é uma estratégia para manipular variáveis ou recolher dados, visando despertar no participante algum tipo de emoção e/ou reação (Möller & Husemann, 2006).

Considerou-se que seria interessante desenvolver uma situação hipotética protagonizada por dois atores e proceder à gravação da situação, como se tivesse sido gravada por um observador anónimo. Pretendia-se, com isto, que a situação aparentasse o mais real possível, como se alguém percebesse a discussão entre o casal e procedesse à sua gravação, discretamente.

O vídeo foi gravado com um dispositivo móvel (Telemóvel Samsung Galaxy S24 Ultra) ainda que existam limites ao nível da imagem e da captura do som, pois considerou-se que levaria a situação a ser interpretada como mais plausível. Um vídeo claramente encenado poderia levar os respondentes a alterar as suas respostas, respondendo o que considerariam como mais correto para aquele cenário, ao invés de responder o que realmente sentiam em relação à cena apresentada (Barter & Renold, 2000; Cheah et al., 2022; Pinheiro et al. 2005).

Num primeiro momento, concebeu-se o guião do vídeo para ser interpretado e encenado pelos atores. Teve-se em consideração a opinião dos colegas que estudam, na área da sua formação, a construção de guiões cinematográficos. Realizou-se um ensaio com os atores para se avaliar a veracidade do guião e se procedeu ao estudo de vários enquadramentos, de forma a encontrar o enquadramento mais realista. Após as gravações e edições, ambos os vídeos ficaram com a duração de cerca de 1 minuto e 30 segundos.

Os dois vídeos eram exatamente iguais, divergindo apenas na reação da vítima: num vídeo a vítima reagia às formas de violência psicológica, enquanto no outro, a vítima não reagia (cf. anexos II e III e cf. anexo IV para *link* de visualização dos vídeos).

1.3. Procedimento de Recolha de Dados

A recolha de dados teve lugar em vários edifícios da Universidade de Évora, mediante as turmas cujos professores aceitaram colaborar na investigação. As salas escolhidas em cada edifício foram previamente equiparadas com dois computadores com um *set* de *headphones*. Os computadores foram colocados lado a lado, mas separados de forma a evitar que cada participante conseguisse ver a reação do/a colega ao vídeo, ou ver/ler as suas respostas ao questionário e subescala.

Os participantes tiveram acesso ao Consentimento Informado, dando a sua autorização ao início da experiência. Primeiramente, assistiram ao vídeo, sendo instruídos de que dúvidas relativas ao mesmo deveriam ser reservadas para o final, e que durante o processo de visualização do vídeo e resposta ao questionário deveriam manter o silêncio.

Cada participante visualizou um dos vídeos onde constava uma situação de violência entre um casal, com formas de violência psicológica (insultos, humilhações, controlo da ação/comportamento do parceiro e ciúmes desmedidos). Após a visualização do vídeo, os participantes responderam ao conjunto de questões adaptadas dos trabalhos Turgeon & Chamberland (1994, como citado em Chamberland & Laporte, 2010) e Gracia e Colaboradores (2008) e aplicadas no contexto português por Tojo (2017), à Escala de Atitudes Sexuais em Relação à Violência no Namoro (adaptada por Saveedra, 2010) e, por fim, ao Questionário Sociodemográfico.

Após o Questionário Sociodemográfico, foram colocadas duas questões de resposta dicotómica (“Sim” ou Não”) aos participantes: “Já alguma vez observou alguma situação de

violência no namoro?” e “Já alguma vez passou por alguma situação de violência no namoro como vítima e/ou agressor/a?”, averiguando a experiência prévia dos participantes em relação ao tópico uma vez que, conforme explicado no enquadramento teórico, esta contingência poderia alterar a perceção dos estudantes.

Antes dos participantes enviarem as suas respostas, constava no documento de resposta uma nota explicativa acerca do vídeo, explicitando que o mesmo foi encenado e criado para atingir os objetivos da investigação vigente com a colaboração de dois estudantes da Licenciatura em Teatro. Ademais, foram incluídos contatos de várias Linhas de Apoio a Vítimas de Violência Doméstica (uma vez que casos de violência no namoro são integrados, de acordo com a legislação portuguesa, no crime de violência doméstica) e Violência no Namoro, ressaltando a necessidade e a pertinência dos participantes pedirem ajuda no caso de se encontrarem em relações abusivas ou de conhecerem alguém que se encontre em designada situação. Todo o procedimento descrito foi aceite pela Comissão de Ética da Universidade de Évora.

1.4. Procedimento de Análise dos Dados

Primeiramente, efetuou-se a exportação das respostas dos participantes da plataforma *Google Forms*, transferindo e convertendo as mesmas para um ficheiro *Excel*.

O ficheiro *Excel* foi limpo, e procedeu-se à sua codificação, preparando o ficheiro para ser introduzido no *IBM SPSS Statistics™ 24 (SPSS)*. No *SPSS*, procedeu-se ao cálculo do teste *t* para amostras independentes, a fim de verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre as condições um e dois (reativa e passiva, respetivamente), considerando-se um nível de significância de $\alpha = .05$. Efetuaram-se, também, Regressões Lineares Múltiplas para averiguar a hipótese sete.

2. Resultados

Para testar as primeiras seis hipóteses, isto é, para testar a diferença entre as duas condições experimentais e as variáveis dependentes, foi realizado um teste de diferença de médias de *t-Student*, cujos resultados são apresentados na Tabela 2.

O teste *t* não permitiu constatar diferenças significativas para as hipóteses 1, 2 e 3, não se verificam diferenças significativas entre as duas condições para as variáveis percepções da gravidade da situação, responsabilidade percebida e atribuição causal à vítima. Em contrapartida, verifica-se a hipótese 4, isto é, verificam-se diferenças significativas para as duas condições na atribuição de culpa pela situação ao agressor. A condição passiva atribuiu significativamente mais culpa da situação ao agressor do que a condição reativa.

Tabela 2. Teste *t* para a Diferença das Médias.

	Condição Reativo (Média)	Condição Passivo (Média)	<i>T</i>	<i>Sig.</i>
Quão grave lhe parece a situação que visualizou?	7.21	7.34	-.565	.573
Até que ponto se sentiria responsável por fazer alguma coisa se estivesse na sala a assistir?	3.81	3.90	-.752	.453
Até que ponto se sentiria responsável por fazer alguma coisa se o João fosse seu familiar?	7.32	7.76	-.1119	.264
Até que ponto se sentiria responsável por fazer alguma coisa se o João fosse uma pessoa desconhecida?	3.65	3.50	-.267	.790

E que medida concorda que a culpa da situação seja do João?	3.21	2.45	1.863	.064
Em que medida concorda que a culpa da situação seja da Maria?	6.42	7.09	-2.064	.040
Em que medida concorda que a culpa da situação se deva a outras situações de vida (ex.: divórcio dos pais de Maria, stress, etc.)?	5.60	5.77	-.296	.767
Qual a probabilidade de intervir diretamente na situação?	3.43	2.99	.572	.568
Qual a probabilidade de falar/aconselhar João?	5.89	5.89	-.199	.843
Qual a probabilidade de realizar uma denúncia identificada (não anónima)?	2.49	2.44	-.051	.960
Qual a probabilidade de realizar uma denúncia anónima?	3.37	3.67	-.892	.373
Qual a probabilidade de falar/aconselhar Maria?	5.78	5.33	.541	.589
<i>Escala de Atitudes relativas à Violência Namoro (EAVN)</i>	5.27	5.88	.362	.718

No que concerne a hipótese cinco, em que se esperavam diferenças significativas entre as condições reativa e passiva na disponibilidade para ajudar, esperando-se uma maior disponibilidade para ajudar a vítima da condição passiva, comparativamente à vítima da condição reativa, o teste *t* não apresentou diferenças significativas entre a condição passiva e a condição reativa.

Quanto à hipótese seis, não se encontraram diferenças significativas nas atitudes do espectador entre as condições passiva e reativa, medidas pela escala EAVN.

No que concerne à hipótese sete, foram conduzidas uma série de Regressões Lineares Múltiplas, com o modelo *stepwise*, para prever as variáveis que contribuíam para os diferentes tipos de disponibilidade para ajudar (variável dependente) para as duas situações estudadas, condição ativa e condição passiva. Foram consideradas as seguintes variáveis: a percepção de gravidade, percepção de responsabilidade, atribuição causal da culpa à vítima e à agressora, sexo do participante e experiência anterior como vítima ou agressor (variáveis independentes).

No que concerne a Disponibilidade para Ajudar com Intervenção Direta, a Tabela 3 apresenta os resultados das análises de regressão linear múltipla para as duas condições distintas: reativa e passiva. Os resultados revelam que o principal preditor da intervenção direta é a responsabilidade percebida ($R^2 = 0.561$), ($\beta = 0.749$), no Modelo 1, tanto na condição reativa como na condição passiva. Na condição reativa (no Modelo 2), a atribuição da culpa à vítima ($\beta = -0.118$), apresenta poder explicativo adicional ($R^2 = 0.574$), quando combinada com a responsabilidade percebida, assim, parece que quanto maior a atribuição de culpa à vítima, menor é a disponibilidade para intervir diretamente. Em ambas as condições, a responsabilidade percebida é elevada e tem um efeito forte e consistente sobre a disponibilidade para ajudar.

Tabela 3. Disponibilidade para Ajudar com Intervenção Direta

Condição		Modelo 1				Modelo 2		
		B	Erro Padrão	Beta	Sig.	B	Erro Padrão	Beta
Reativa	(Constante)	.451	.271			.754	.308	
	Responsabilidade percebida se estivesse na sala a assistir?	.776	.062	.749	.000	.791	.062	.763
	Percepção de Culpa da Vítima					-.116	.059	-.118
	R ²	.561				.574		
	R ² ajustado	.557				.567		
Passiva	(Constante)	.500	.241					
	Responsabilidade percebida se estivesse na sala a assistir?	.669	.053	.754				
	R ²	.568						
	R ² ajustado	.565						

Nota. Considera-se $p < .05$.

Os resultados da Tabela 4 revelam que o principal preditor de falar diretamente com a vítima é, também, a responsabilidade percebida ($R^2=0.101$). Na condição reativa e passiva, a responsabilidade percebida apresenta um efeito positivo sobre a disponibilidade para ajudar, portanto, quanto maior a responsabilidade percebida, maior a probabilidade de falar diretamente com a vítima. Este efeito é mais acentuado na condição passiva ($\beta = .514$). No modelo 2, a responsabilidade percebida mantém-se como um preditor positivo e significativo ($\beta = .358$), enquanto a culpa atribuída à vítima surge como um preditor negativo ($\beta = -.337$), quer isto dizer que quanto mais a vítima é percebida como culpada, menor é a disponibilidade do espectador para ajudar. O efeito negativo da culpa é mais acentuado na condição reativa, do que na condição passiva.

Tabela 4. Disponibilidade Para Ajudar Falando Diretamente com a Vítima

Condição		Modelo 1				Modelo 2			
		B	Erro Padrão	Beta	Sig.	B	Erro Padrão	Beta	Sig.
Reativa	(Constante)	4.53	.400			5.43	.434		
	Responsabilidade percebida se estivesse na sala a assistir?	.341	.092	.318	.000	.384	.087	.358	.000
	Percepção de Culpa da Vítima					-.343	.082	-.337	.050
	R ²	.101				.213			
	R ² ajustado	.094				.200			
Passiva	(Constante)	3.48	.423			4.08	.494		
	Responsabilidade percebida se estivesse na sala a assistir?	.612	.092	.514	.000	.602	.091	.505	
	Percepção de Culpa da Vítima					-.225	.100	-.171	
	R ²	.264				.293			
	R ² ajustado	.258				.282			

Nota. Considera-se $p < .05$.

A Tabela 5 mostra os resultados da disponibilidade para ajudar através da denúncia identificada, e verifica-se que a responsabilidade percebida permanece forte em ambas as condições reativa e passiva, contudo, o efeito é mais pronunciado na condição passiva ($B = .488$; $\beta = .519$). Com a inclusão da variável atribuição de culpa da vítima no Modelo 2, observa-se um aumento considerável do poder explicativo ($R^2 = .400$; R^2 ajustado = .390), este resultado indica que, neste tipo de ajuda, uma maior percepção de culpa atribuída à vítima está associada a uma ligeira tendência de aumento da disponibilidade para agir.

Tabela 5. Disponibilidade para Ajudar através de Denúncia Identificada

Condição		Modelo 1				Modelo 2			
		B	Erro Padrão	Beta	Sig.	B	Erro Padrão	Beta	Sig.
Reativa	(Constante)	.778	.366						
	Responsabilidade percebida se estivesse na sala a assistir?	.457	.084	.441	.000				
	R^2	.195							
	R^2 ajustado	.188							
Passiva	(Constante)	.303	.314			-1.76	.714		
	Responsabilidade percebida se estivesse na sala a assistir?	.557	.068	.591		.488	.069	.519	.000
	Percepção de Culpa da Vítima					.317	.099	.235	.027
	R^2	.350				.400			
	R^2 ajustado	.344				.390			

Nota. Considera-se $p < .05$.

Os resultados da Tabela 6 revelam que a responsabilidade apresenta um efeito positivo ($B = 0.558$; $\beta = 0.463$) na disponibilidade para ajudar, assim, quanto maior a percepção de responsabilidade, maior a predisposição para intervir anonimamente numa situação de violência. No Modelo 1, na condição passiva e reativa, apenas a responsabilidade percebida foi incluída como variável preditora, revelando novamente um efeito positivo e

forte ($B = 0.692$; $\beta = 0.599$). No Modelo 2, foi acrescentada a variável gravidade da situação, observando-se um aumento no poder explicativo do modelo ($R^2 = 0.404$; R^2 ajustado = 0.427). A responsabilidade percebida manteve-se como o preditor mais relevante ($B = 0.612$; $\beta = 0.530$), enquanto a gravidade apresentou um contributo positivo ($B = 0.368$; $\beta = 0.223$). Estes resultados indicam que, mesmo que a percepção da gravidade influencie a disponibilidade para ajudar, a responsabilidade permanece o principal preditor da disponibilidade em ajudar, denunciando anonimamente. No Modelo 3, foi introduzida a variável já passou por situação de violência no namoro, que mostrou um efeito negativo sobre a disponibilidade para ajudar ($B = -1.044$; $\beta = -0.156$), sugerindo que quem vivenciou situações de violência tende a sentir-se menos propenso a intervir anonimamente. Em resumo, tanto na condição reativa como na passiva, a responsabilidade percebida surge como o principal fator explicativo da disponibilidade para ajudar. No entanto, enquanto na condição reativa o efeito é mais direto e isolado, na condição passiva o comportamento de ajuda mostra-se influenciado pela gravidade da situação pela experiência pessoal de violência.

Tabela 6. Disponibilidade para Ajudar Através de Denúncia Anônima.

Condição		Modelo 1				Modelo 2				Modelo 3			
		B	Erro Padrão	Beta	Sig.	B	Erro Padrão	Beta	Sig.	B	Erro Padrão	Beta	Sig.
Reativa	(Constante)	1.20	.421										
	Responsabilidade percebida se estivesse na sala a assistir?	.558	.096	.463	.000				.000				.000
	R ²	.463											
	R ² ajustado	.214											
Passiva	(Constante)	.891	.382			-1.51	.873			.129	1.135		
	Responsabilidade percebida se estivesse na sala a assistir?	.692	.083	.599		.612	.085	.530	.000	.583	.085	.505	.000
	Gravidade					.368	.121	.223	.003	.339	.120	.205	.006
	Já passou por situação de violência no namoro									- 1.04	.473	-.156	.029
	R ²	.359				.404				.427			
	R ² ajustado	.354				.427				.413			

Nota. Considera-se $p < .05$.

Tabela 7. Disponibilidade para Ajudar através de Falar com a Agressora

Condição		Modelo 1				Modelo 2				Modelo 3			
		B	Erro Padrão	Beta	Sig.	B	Erro Padrão	Beta	Sig.	B	Erro Padrão	Beta	Sig.
Reativa	(Constante)	3.72	.437			6.260	.894			4.21	1.281		
	Responsabilidade percebida se estivesse na sala a assistir?	.445	.100	.372	.000	.379	.099	.317	.000	.346	.098	.289	.001
	Sexo					-1.94	.604	-.265	.002	-1.90	.595	-.260	.002
	Gravidade									.294	.134	.177	.030
	R ²	.139				.206				.237			
	R ² ajustado	.132				.193				.218			
Passiva	(Constante)	3.37	.465										
	Responsabilidade percebida se estivesse na sala a assistir?	.456	.101	.376	.000								
	R ²	.141											
	R ² ajustado	.134											

Nota. Considera-se $p < .05$.

Por fim, no que concerne os resultados da Tabela 7, verificado em cima, a variável responsabilidade percebida permanece o principal preditor da disponibilidade em ajudar ($B = 0.445$; $\beta = 0.372$; $R^2 = 0.139$), neste caso, através de falar diretamente com a agressora. No Modelo 2, verifica-se que a variável sexo apresenta um efeito negativo na variável da disponibilidade para ajudar ($B = -1.94$; $\beta = -0.265$), o que parece indicar que os participantes da condição reativa, do sexo masculino, apresentam menor disponibilidade para ajudar. Por fim, no Modelo 3, a responsabilidade percebida permanece positiva e o sexo negativo, o modelo melhora ligeiramente com a inclusão da gravidade ($\beta = 0.177$), o que parece indicar que quanto maior a gravidade, maior a disposição para ajudar.

Em conclusão, a responsabilidade percebida é o preditor mais consistente em todas as formas de ajuda, quanto mais as pessoas se sentem responsáveis, mais estão dispostas a intervir, tanto na condição reativa como passiva. Desta forma, a hipótese 7 é parcialmente corroborada, pois verificou-se, efetivamente, a influência da responsabilidade percebida, em todas as formas de ajuda, o que nos indica que a responsabilidade é, efetivamente, o maior preditor da disponibilidade em ajudar. Quanto à percepção da gravidade, parece que quanto maior é a percepção de gravidade, maior é a disponibilidade em ajudar, nas situações de falar diretamente com a agressora e de denúncia anónima.

No que concerne a atribuição de culpa à vítima, parece que quanto maior a atribuição de culpa à vítima, menor é a disponibilidade para intervir diretamente, na disponibilidade para ajudar com intervenção direta e ao falar diretamente com a vítima, - verificando-se, neste caso, que este efeito é mais acentuado na condição reativa do que na condição passiva. Já na denúncia identificada, a atribuição de culpa apresenta um efeito

positivo, sugerindo que, neste tipo de ajuda, a percepção de culpa atribuída à vítima está associada a uma ligeira tendência de aumento da disponibilidade para agir.

Quanto ao sexo do respondente, parecem existir diferenças significativas entre homens e mulheres na disponibilidade para ajudar, falando diretamente com o agressor. Os homens, na condição reativa, apresentam menor disponibilidade em ajudar.

Por fim, a variável já passou por situação de violência no namoro, revelou um efeito negativo sobre a disponibilidade para ajudar, sugerindo que quem vivenciou situações de violência tende a sentir-se menos propenso a intervir anonimamente. O facto de o espetador ter observado alguma situação de violência no namoro não surgiu como significativa, assim como as situações de vida do agressor.

3. Discussão

Este estudo visa compreender como uma vítima masculina, reativa e passiva, influencia a percepção de gravidade, a responsabilidade percebida, a atribuição de culpa à vítima e/ou agressor e a disponibilidade para ajudar do espetador. Pretendeu-se compreender, adicionalmente, se as experiências passadas de vitimação do espetador, influencia as suas respostas.

Proceder-se-á à discussão dos resultados obtidos considerando-se cada hipótese. No que concerne a primeira hipótese, em que se esperavam diferenças significativas na percepção da gravidade entre as condições reativa e passiva, esperando-se que a condição reativa fosse percecionada como menos grave, o teste *t* para amostras independentes não detetou diferenças entre as duas condições.

Parece que a resposta reativa não influenciou a percepção de gravidade dos espetadores, pois esperava-se, de acordo com a literatura, que a percepção de gravidade fosse menor, aliada à crença de que a vítima reativa apresenta controlo sob a situação

onde se encontra, contrariamente a uma vítima passiva (Delgado-Alvarez & Sánchez-Prada, 2021; Torre Laso & Rodríguez-Díaz, 2022). Sugere-se que os espetadores sentiram tanta empatia pela vítima da condição reativa como da condição passiva, o que vai contra a literatura encontrada, pois esperava-se que a empatia fosse menor para com a vítima reativa (Pilati et al., 2008), pelos motivos explicados acima.

Crê-se que os resultados da H1 se possam dever a três aspetos: primeiramente, talvez o recurso ao vídeo tenha facilitado que a situação fosse considerada grave, pois criou-se a ideia de que se tratava de uma situação real, a que alguém assistiu e gravou, e que poderia, neste sentido, ter acontecido até mesmo com o próprio espetador (Barter & Renold, 2000; Cheah et al., 2022; Möller & Husemann, 2006).

Em segundo lugar, tanto na condição reativa como na condição passiva, cerca de 58.2% dos participantes admitiu já ter assistido a uma situação de violência no namoro. Este aspeto, considerando também que alguns participantes também já sofreram violência no namoro (31.2% dos participantes na condição reativa e 25.6% na condição passiva) pode ter contribuído para que a situação fosse percecionada como grave, o que é coerente com literatura encontrada, portanto, o facto de o participante ter passado por situações de vitimação como vítima ou como observador, parece contribuir para uma menor tolerância a situações de violência e, por conseguinte, a uma maior perceção de gravidade (Kujiperes, 2017).

Por último, ainda que este aspeto também possa ser considerado uma limitação, é facto que grande maioria dos participantes pertence à área das Ciências Sociais, existindo a crença de que estes estudantes tendem a ser mais empáticos e menos benevolentes a situações de violência, pelo que se crê que este aspeto possam ter influenciado as respostas dos estudantes e, consequentemente, os resultados desta hipótese (Ferreira, 2018).

Relativamente à hipótese dois, esperavam-se diferenças significativas entre as condições reativa e passiva, na responsabilidade percebida em intervir, se o espetador estivesse na sala, se a vítima fosse familiar do espetador ou se fosse uma pessoa conhecida, mais precisamente, esperava-se uma maior responsabilidade percebida na condição passiva, mas não se verificaram diferenças entre as duas condições.

Sugere-se que não tenham existido diferenças entre as duas condições porque a situação foi percebida como grave, conforme constatado através dos resultados da H1, assim, não existindo diferenças na percepção de gravidade entre as duas condições, seria expectável que não existissem diferenças na responsabilidade percebida, uma vez que a percepção afeta a responsabilidade (Delgado-Alvarez & Sánchez-Prada, 2021).

Quanto à hipótese três, esperava-se que existissem diferenças significativas entre as condições reativa e passiva, na atribuição da culpa à vítima, esperando-se valores elevados de culpa atribuída à vítima na situação reativa, no entanto, não se verificaram diferenças entre as duas condições. Seria de esperar que a vítima, tratando-se de um homem e reativa, seria considerada como mais culpada não só porque a vítima respondia (Delgado-Alvarez & Sánchez-Prada, 2021) mas também devido aos estereótipos de género do homem enquanto uma figura mais forte ou agressiva, comparativamente a uma mulher (Archer, 2000; Duarte et al., 2014). Por outro lado, podemos também hipotetizar que não existiram diferenças nas duas condições porque, precisamente, esperava-se que uma vítima masculina respondesse.

Não se verificando esta atribuição, crê-se que os participantes desta investigação tenham interpretado a resposta da vítima reativa como uma forma de proteção, talvez, a resposta da vítima reativa não foi agressiva o suficiente para provocar no espetador dúvida em se a vítima reativa seria também culpada pela sua própria situação (Pinciotti & Orcutt, 2019).

No que concerne a hipótese quatro, constatou-se que existem diferenças significativas na atribuição da culpa do agressor, na condição passiva, os participantes atribuíram mais culpa da situação ao agressor, na condição passiva. Este aspeto vai de encontro com a revisão de literatura efetuada, nas situações onde a vítima não reage (vítima passiva) a atribuição de culpa é efetivamente direcionada ao agressor (Torre Laso & Rodríguez-Díaz, 2022), pois a vítima, ao não reagir, é percecionada como incapaz de se defender, de se autonomizar, contrariando a situação onde se encontra, assim, a culpa é direcionada ao agressor. Não obstante, este resultado é importante, pois o homem é tipicamente desvalorizado enquanto vítima e, no polo oposto, é também relevante que a culpa tenha sido atribuída ao agressor feminino pois as infrações cometidas pelas mulheres são desvalorizadas, apoiadas na ideia de que não conferem uma séria ameaça à integridade física e psicológica do homem (Armond, 2020).

Crê-se que os espectadores tenham empatizado mais com a vítima passiva, por um lado, porque esta não manifesta os estereótipos típicos do homem, enquanto indivíduo austero, forte ... O que poderá ter despertado, nos espetadores, sentimentos de empatia. Por outro lado, ainda que as práticas de violência no namoro exercidas por mulheres, sejam desvalorizadas (Archer, 2000), talvez os espetadores, ao depararem-se com a situação, consideraram que, mesmo se tratando a agressora de uma mulher, os seus atos eram severos. Ademais, algumas investigações suportam que as mulheres empatizam mais facilmente com as vítimas em situações de violência no namoro (Grigorova, 2020) e, uma vez que a amostra foi essencialmente constituída por mulheres, talvez o sexo do espetador tenha impacto os resultados desta investigação e, mais precisamente, desta hipótese.

Quanto à hipótese cinco, esperavam-se diferenças significativas entre as condições reativa e passiva, na disponibilidade para ajudar, considerando vários tipos de

ajuda. Esperava-se que os tipos de ajuda fossem superiores na condição passiva, isto é, esperava-se uma maior disponibilidade para ajudar a vítima da condição passiva. Os resultados do teste t para amostras independentes, não revelaram diferenças estatisticamente significativas entre as duas condições. Estes resultados parecem indicar que a situação foi interpretada, por ambas as condições, como merecedora de intervenção por parte de um espectador, independentemente de a vítima ser do sexo masculino e da resposta reativa ou passiva.

O facto de os participantes se sentirem mais predispostos em ajudar a vítima passiva, é coerente com literatura na área (Pilati et al., 2008), porém, não se esperava esta disponibilidade em ajudar na condição reativa, pois existe a crença de que a vítima reativa apresenta maior controlo sob a situação, e é capaz de se defender e autonomizar mais facilmente (Weiner, 1980).

Crê-se que estes resultados se alinhem com a percepção da gravidade, quer dizer que, independentemente de a vítima ser masculina, a situação foi percecionada como grave o suficiente em ambas as condições para merecer ser alvo de intervenção por parte dos espectadores. De facto, literatura científica suporta que quanto maior a percepção de gravidade e responsabilidade percebida, maior a disponibilidade em ajudar (Latané & Darley, 1968).

Também se crê que os participantes consideraram mais pertinente falar com a vítima e/ou agressor acreditando ser esta a melhor opção para ajudar sem, em simultâneo, gerar prejuízos para o próprio como poderiam existir se, por exemplo, interviessem durante a situação (Latané & Darley, 1968). Para melhor justificar este resultado, podemos-nos debruçar no Modelo do Cálculo do Observador, à análise de custo-benefício, onde o espectador analisa quais as consequências individuais de vários cursos de ação (Latané & Darley, 1968). Normalmente, apenas uma pequena percentagem de espectadores

intervém diretamente na situação, a grande maioria age de forma indireta, esperando, por exemplo, que o conflito termine para abordar uma das partes (vítima ou agressor) envolvidas, no sentido de aconselhar e ajudar (Lippert et al., 2024).

Por último, é de destacar que a amostra é unicamente constituída por estudantes universitários, e existe literatura que enfatiza que esta população apresenta, normalmente, índices de disponibilidade em ajudar mais elevados comparativamente a outras populações, nomeadamente, em situações de violência no namoro (Palmer et al., 2016).

Quanto à hipótese seis, esperavam-se diferenças nas atitudes nos espetadores da condição reativa e passiva, face à resposta da vítima, o teste *t* para amostras independentes não mostrou diferenças entre as duas condições.

Várias investigações se debruçaram nas diferenças de género entre homens e mulheres, no que concerne situações de vitimação verificando, na sua maioria, diferenças. Normalmente, as mulheres sentem-se mais predispostas em agir e revelam mais empatia para com as vítimas, independentemente do género (Franklin et al., 2020; Savage et al., 2017). Outras investigações revelam que as mulheres revelam mais empatia com outras mulheres e menos com os homens, demonstrado empatia para com estes apenas em situações de violência física muito grave (Capezza et al., 2017; Kujiperes, 2017).

Quanto aos homens, algumas investigações revelam que estes se sentem mais predispostos em ajudar vítimas femininas do que masculinas. Em termos da gravidade da situação, os homens tendem a interpretar situações de violência contra as mulheres mais graves do que contra os homens (Bosma et al., 2018), porém, curiosamente, algumas investigações também apontam que os homens culpam mais facilmente as vítimas femininas, especialmente, em cenários de violência sexual (Alleyne et al., 2014 cit. por Torre Laso & Rodríguez-Díaz, 2022). Nesta investigação, compreendemos que os

participantes de ambas as condições interpretaram a situação de vitimação como grave, atribuindo a culpa da situação ao próprio agressor.

Sugere-se que os participantes desta investigação não apresentem, na sua maioria, crenças estereotipadas dos papéis de género que pudessem conduzir à normalização da violência, conforme alguns estudos enfatizam (e.g., Afonso & Teixeira, 2015). Por conseguinte, isto justificaria, em parte, os resultados anteriores, quer isto dizer, o facto de a situação ter sido interpretada como grave a culpa ser atribuída ao agressor.

Crê-se que isto possa dever-se a dois motivos: pode dever-se à área de formação dos espetadores, cuja grande maioria é da área de Psicologia, existindo o estereótipo de que os estudantes das áreas das Ciências Sociais se revelam menos benevolentes a situações de violência (Ferreira, 2018); e ao facto de os participantes da investigação terem passado por situações de vitimação, hipotetizando-se que, à semelhança do encontrado na literatura, este aspeto origina que os espetadoras se sintam mais predispostos em agir e a não legitimar a situação de violência (Nardi-Rodríguez et al., 2024).

No que concerne a hipótese sete, espera-se que a perceção de gravidade, a responsabilidade percebida, a atribuição de culpa à vítima ou agressor, o sexo do respondente e a experiência anterior em situações de violência (como vítima ou espetador), contribuam para a disponibilidade para ajudar, as regressões lineares múltiplas efetuadas para todos os tipos de ajuda (intervenção direta; falar diretamente com a vítima; denúncia identificada; denúncia anónima; e falar diretamente com o agressor) revelaram a influência comum da responsabilidade percebida, quer isto dizer, parece que os espetadores se sentem mais dispostos em ajudar quando percebem que são ou que teriam responsabilidade na situação, porém, outras variáveis também apresentaram um efeito significativo, consoante o tipo de ajuda.

Na intervenção direta e na condição de falar diretamente com a vítima, além da responsabilidade percebida que apresentava um efeito positivo na disponibilidade em ajudar, a percepção de culpa da vítima apresentava, nestes dois cenários, um efeito negativo, o que nos parece indicar que quanto maior a percepção de culpa da vítima, menor a disponibilidade de ajuda. Este resultado é congruente com a literatura científica encontrada (Pilati et al., 2008; Wijaya et al., 2021; Weiner, 1980).

Na disponibilidade para ajudar através de denúncia identificada, a atribuição de culpa à vítima também surge, porém, apenas na condição passiva e com um efeito positivo na disponibilidade de ajuda, contrariamente aos resultados anteriores, assim, parece que quanto maior a percepção de culpa da vítima, maior a disponibilidade para ajudar. Face a este resultado, crê-se que o espectador se sentiria compelido em intervir, pois ainda que a vítima seja interpretada como culpada, o facto de se mostrar passiva poderá ter despertado nos espectadores empatia, e a ambiguidade circundante à própria situação de violência, poderá ter despertado dúvidas suficientes no espectador para que, ainda que a vítima seja considerada culpada, exista também a possibilidade de inocência, tornando-se a situação de violência injusta para esta. Com efeito, o espectador efetua a denúncia identificada, como forma de amenizar a sua própria angústia face à situação e trazer clareza à situação.

No que toca à disponibilidade para ajudar através de denúncia anónima, duas variáveis surgem como significativas, na condição passiva, a percepção da gravidade e a experiência prévia em vivências de situações de violência no namoro. Enquanto a gravidade apresenta um efeito positivo na disponibilidade em ajudar, isto é, quanto mais grave a situação, maior a disponibilidade em ajudar, através de denúncia anónima, as experiências prévias do espectador em situações de violência no namoro apresenta um efeito negativo, isto é, quanto maior a experiência do espectador em situações de violência no namoro, menor a disponibilidade.

A influência da gravidade na condição passiva é coerente com literatura encontrada nesta área, parece que quanto mais a situação for percebida como grave, maior a disponibilidade em ajudar (Pilati et al., 2008). Ademais, o facto de a vítima se mostrar passiva, isto é, não reagir ao abuso do seu agressor, desperta no espectador mais empatia (Landstrom et al., 2015; Wijaya et al., 2021).

Quanto às experiências de vitimação do espectador, de acordo com a literatura na área, seria expectável que o fato do espectador ter passado por situações semelhantes à da vítima, despertaria sentimentos de empatia que motivariam o espectador a agir (Nardi-Rodríguez et al., 2024). Uma vez que este resultado não se verificou, crê-se que os espectadores poderão ter considerado que agir de forma anónima não iria conferir realmente uma grande ajuda, mas antes se interviessem diretamente (Beeble et al., 2008). Por outro lado, também existe literatura que sustenta de que sujeitos com crenças enraizadas acerca dos tradicionais papéis de género nas relações íntimas, se mostram mais benevolentes a situações de violência, o que não parece ser o caso destes espectadores devido a resultados anteriores. Porém, é de ressaltar que outro corpo de literatura sustenta que o facto de um sujeito ter passado por situações de vitimação parece permitir que este normalize a própria violência (e.g., Kirby et al., 2022), desvalorizando-a e, considerando que grande parte dos participantes sofreu violência no namoro, poderá esta ser a justificação para os resultados.

Por fim, no que concerne a disponibilidade para ajudar através de falar com a agressora, o sexo do respondente e a percepção da gravidade surgiram como variáveis significativas adicionais, na condição reativa. O sexo do respondente apresenta um efeito negativo na disponibilidade em ajudar, mais precisamente, o sexo masculino, isto é, os homens sentiram-se menos predispostos em ajudar, falando diretamente com a agressora. Sugere-se que, por um lado, os participantes masculinos consideraram que intervir na

situação poderia ser pior (Gustafson, 1998), por outro lado, considera-se que, uma vez que nos estamos a referir à condição reativa, os espetadores masculinos podem ter considerado de que a vítima aparentava estar em controlo da situação, pelo que falar com a agressora poderia não fazer sentido (Pilati et al., 2008).

Já a perceção da gravidade apresenta um efeito positivo, portanto, quanto maior a perceção de gravidade, maior a disponibilidade em ajudar, na condição reativa. Literatura nesta área sustenta que as situações de reatividade são percecionadas, efetivamente, como menos graves, e a disponibilidade em ajudar a vítima é inferior, devido à crença de que a mesma apresenta capacidades para se defender (Pilati et al., 2008), porém, crê-se que a disponibilidade em ajudar o espetador, falando diretamente com o agressor, vise garantir que o conflito não escale, evitando-se consequências para ambas as partes.

4. Conclusão

A investigação vigente pretendeu contribuir para o conjunto de investigações na área da violência no namoro, mais especificamente, de formas de violência psicológica em casais heterossexuais de estudantes universitários, cuja vítima é do sexo masculino e cujo agressor é do sexo feminino. Pretendeu-se compreender se a resposta de uma vítima reativa e de uma vítima passiva, masculina, influencia a perceção de gravidade, a responsabilidade percebida, a atribuição de culpa à vítima e/ou agressor e a disponibilidade para ajudar, do espetador. Averiguou-se, ainda, se as experiências passadas de vitimação do espetador, influenciam as suas respostas.

Em conformidade com as hipóteses desta investigação, os resultados permitiram compreender que as situações de vitimação psicológica, cuja vítima é do sexo masculino, e cujo agressor é do sexo feminino, foram percecionadas pelos espetadores como graves, não se verificando diferenças na perceção dos espetadores face às condições reativa e

passiva. É de ressaltar, porém, considerando-se a dimensão da amostra desta investigação ($N=250$) e existindo uma discrepância entre os participantes do sexo feminino e do sexo masculino, que os resultados desta investigação não podem ser generalizados à população, para tal, seria necessário aumentar a dimensão da amostra e homogeneizar os participantes em termos das suas características sociodemográficas, como o sexo. Não obstante, é um resultado que deverá ser considerando e posteriormente aprofundado em estudos futuros.

No que concerne a disponibilidade em ajudar, em determinadas formas de ajuda, a responsabilidade percebida revelou-se o melhor preditor para intervir em todas as formas de ajuda, porém, à medida que os tipos de ajuda mudavam, surgiram outras variáveis significativas. O sexo do respondente parece ter sido significativo no que concerne falar com o agressor diretamente, apresentando um efeito negativo sob a disponibilidade em ajudar. Já as experiências passadas de vitimação apresentaram também um efeito negativo. Ainda que estes resultados se alinhem em conformidade com os resultados de outras investigações, é pertinente desenvolver mais investigações que englobem todas as variáveis utilizadas nesta investigação e que permitam evidenciar o peso da responsabilidade percebida na disponibilidade em ajudar considerando vários géneros de ajuda.

Não obstante, estes dados merecem atenção, pois a literatura científica na área postula que as situações de vitimação masculina não são tão valorizadas como as situações de vitimação feminina (Herrero et al., 2017; Lippert et al., 2024). Sugere-se que a área de curso dos participantes possa ter influenciado os resultados, uma vez que a maioria dos participantes são do curso de Psicologia, constituindo cerca de 43.2% da amostra. Consequentemente, este aspeto pode ter influenciado os resultados pois existe a conceção de que os estudantes de Psicologia, ou de áreas das Ciências Sociais e

Humanistas (como os estudantes da área da Educação), no geral, se mostrem menos benevolentes à aceitação de situações de violência, independentemente da sua configuração (Ferreira, 2018).

Uma outra limitação desta investigação, é o tamanho da amostra e o desequilíbrio entre participantes do sexo feminino e do sexo masculino. Sugere-se que investigações futuras amplie a dimensão da amostra e procure expandir o número de participantes do sexo masculino, equilibrando ambos os grupos, para melhor compreender diferenças entre os sexos.

Uma vez que esta investigação foi elaborada com o recurso a dois vídeos, crê-se que seria interessante reproduzir a investigação, mas recorrendo a uma encenação cujos participantes assistem diretamente à situação, para melhor avaliar a disponibilidade em ajudar, pois ainda que o uso do vídeo estimule a reação dos participantes, uma situação real e assistida em primeira pessoa estimularia ainda mais a percepção da gravidade, a responsabilidade percebida e, como consequência, disponibilidade em ajudar.

Sugere-se que, para também melhor compreender os resultados desta investigação, seria interessante desenvolver um estudo igual, mas utilizando a vítima feminina e o agressor masculino, para averiguar se existe uma interação entre a reação da vítima e o sexo da vítima.

Seria também pertinente averiguar se as respostas dos participantes mudariam face à presença de um cenário de violência física, pelo que se sugere que estudos futuros incluam outras formas de violência, como a física, compreendendo se existiriam diferenças nas variáveis utilizadas nesta investigação, comparando os vários tipos de violência com as duas condições de resposta, reativa e passiva.

Também se sugere que esta investigação seja replicada com casais homossexuais como protagonistas, para compreender se existem diferenças na perceção da gravidade, na responsabilidade percebida e na disponibilidade em ajudar, compreendendo-se potenciais estereótipos de género.

Para finalizar, crê-se que seria interessante desenvolver um estudo qualitativo que procurasse desenvolver um *focus group* com o objetivo de discutir o motivo das respostas dos participantes, visando-se compreender as variáveis pertinentes através da ótica do espetador.

Em suma, compreende-se que os resultados desta investigação destacaram níveis elevados na perceção de gravidade e disponibilidade em ajudar, utilizando uma vítima masculina e agressor feminino. Em outros estudos, que utilizavam como vítima uma mulher, o estereótipo é mais passivo, enquanto nesta investigação a vítima é um homem, assim, o estereótipo é mais ativo. Neste sentido, a resposta ativa da vítima enquadra-se mais no estereótipo e este facto pode justificar a não existência de diferenças entre as condições passiva e reativa. Por conseguinte, é pertinente estudar a mesma situação com uma vítima feminina, para melhor compreender esta situação.

Referências

- Afonso, J., & Teixeira, F. (2015). Olhares sobre a violência no namoro: um projeto com adolescentes do ensino secundário. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 10(2), 504-523.
- Ambrozewicz, P., Hammond, C., & Fido, D. (2024). Ending the stigma of male domestic violence and abuse victims: A mixed-methods study. *Journal of Criminal Justice*, 93, 1-9. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2024.102222>

Archer (2000). Sex differences in aggression between heterosexual partners: meta analytic review. *Psychological Bulletin*, 26(5). 651-680.

Armond, J., R., da Silva, C. V. F., Rodrigues, C. L., & de Oliveira, J. C. (2020). Uma visão geral de um país em desenvolvimento sobre homens vítimas de violência física e sexual. *Nursing Edição Brasileira*, 23(269), 4741-4750.

Associação Plano i. (2020). *Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro em Contexto Universitário: Crenças e Práticas – 2017/2020*. Secretaria de Estado para a Cidadania e Igualdade; Fundo Social Europeu no âmbito do Programa Operacional Inclusão Social e Emprego (POISE) do Portugal 2020. <https://www.associacaoplanoi.org/estudo-nacional-violencia-no-namoro/>

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). (2025). *Estatísticas APAV | Violência no Namoro 2024*. <https://apav.pt/wp-content/uploads/2025/02/Estatisticas-APAV-2024-Violencia-no-Namoro-1.pdf>

Badenes-Sastre, M., Spencer, C. M., Alonso-Ferres, M., Lorente, M., & Expósito, F. (2024). How severity of intimate partner violence is perceived and related to attitudinal variables? A systematic review and meta-analysis. *Aggression and Violent Behavior*, 76.

Barter, C., & Renold, E. (2000). *Once upon a time [...]”: Stimulating management research through vignettes*. *Contextus –Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 21. <https://doi.org/10.19094/contextus.2023.83246>

Beeble, M. L., Post, L. A., Bybee, D., & Sullivan, C. M. (2008). Factors related to willingness to help survivors of intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(12), 1713-1729. <https://doi.org/10.1177/0886260508314333>

- Bittar, D. B., & Nakano, A. M. S. (2018). Violência simbólica entre adolescentes nas relações afetivas do namoro. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 51 <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2017003003298>
- Bobato, S. T., Alves, B., de Novaes Benvenuti, J., & Becker, A. P. S. (2021). Violência nos relacionamentos amorosos de estudantes universitários. *Psicologia Argumento*, 39(107), 1199-1219. <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.39.107.AO10>
- Boira, S., Chilet-Rosell, E., Jaramillo-Quiroz, S., & Reinoso, J. (2017). Sexismo pensamientos distorsionados y violencia en las relaciones de pareja en estudiantes universitarios de Ecuador de áreas relacionadas con el bienestar y la salud. *Universitas Psychologica*, 16(4), 1-12. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.upsy16-4.spdv>
- Bosma, A. K., Mulder, E., Pemberton, A., & Vingerhoets, A. J. (2018). Observer reactions to emotional victims of serious crimes: Stereotypes and expectancy + violations. *Psychology, Crime & Law*, 24(9), 957-977.
- Burn, S. (2009). A situational model of sexual assault prevention through bystander intervention. *Sex Roles*, 60, 779- 792.
- Capezza, N. M., D'Intino, L. A., Flynn, M. A., & Arriaga, X. B. (2021). Perceptions of psychological abuse: The role of perpetrator gender, victim's response, and sexism. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(3-4), 1414-1436.
- Cardia, N. (1999). *Os impactos da exposição à violência: Aceitação da violência ou horror continuado? O caso de São Paulo*. Núcleo de Estudos da Violência, Universidade de São Paulo.

- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na Intimidade Juvenil: Da Vitimação à Perpetração. *Análise Psicológica*, 24(4), 485-493.
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 27(1).
- Chamberland, C. & Laporte, L. (2010). Spontaneous and Reflexive Cognitions Related to Spousal Abuse: The Role of Experiences of Violence. *Journal of Applied Social Psychology*, 40(9), 2170-2200.
- Cheah, C. W., Cheah, K. Y., & Koay, K. Y. (2022). Knowing the Unknown: Application of Qualitative-Vignette Method in the Social-Political Sensitive Business Environment. *International Journal of Qualitative Methods*, 21. 1-12.
<https://doi.org/10.1177/16094069221074495>
- Costa, A. M., Costa, M. C. O., & Nascimento, O. C. (2018). Percurso amoroso e eventos violentos nas relações de namoro de jovens. *Revista Saúde Coletiva*, 8, 39-45. doi:
<https://doi.org/10.13102/rscdauefs.v8.297>
- Costa, D. M. S. G. (2005). Percepção social de mulher vítima de violência conjugal. *Estudo exploratório realizado no Concelho de Lisboa. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto de Ciências Sociais e Políticas.*
- Costa, D., Soares, J., Lindert, J., Hatzidimitriadou, E., Sundin, Ö., Toth, O., ... & Barros, H. (2015). Intimate partner violence: a study in men and women from six European countries. *International journal of public health*, 60(4), 467-478.
<https://doi.org/10.1007/s00038-015-0663-1>

- Delgado-Alvarez, C., & Sanchez-Prada, A. (2022). Stereotypes about battered women and victim's self-defense: Legal implications. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(21-22). <https://doi.org/10.1177/08862605211055154>
- Duarte, A. P., & Lima, M. L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologica*, 105-124.
- Duarte, V., Cunha, M. I. P. D., & Silva, M. C. (2014). *Violências e Delinquências Juvenis Femininas: Género e (in) visibilidades sociais*. Edições Húmus.
- Ermer, A. E., Roach, A. L., Coleman, M., & Ganong, L. (2017). Deconstructing attitudes about intimate partner violence and bystander intervention: The roles of perpetrator gender and severity of aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(2), 1-21.
- Felson, R. (2010). Academic apartheid: segregation in the study of partner violence. *Partner Abuse*, 1, 61-81.
- Ferreira, B. B. (2018). *Crenças sobre violência nas relações íntimas: Relação com sintomatologia depressiva na população universitária* (Dissertação de mestrado, Universidade da Beira Interior). Universidade da Beira Interior.
- Fishman, J. A. (1956). An Examination of the Process and Function of Social Stereotyping. *The Journal of Social Psychology*, 43(1), 27-64. <https://doi.org/10.1080/00224545.1956.9919199>
- Franklin, C. A., Brady, P. Q., & Ashworth, L. M. (2020). Bystander behaviors following an accusation of rape: The effect of relational distance and participant sex on victim-centered intervention. *Journal of School Violence*, 19(3), 292-308. <https://doi.org/10.1080/15388220.2019.1680558>

- Garcia-Marques, T., & Garcia-Marques, L. (2003). *Estereótipos e Cognição Social*. Lisboa: ISPA.
- Governo de Portugal. (2024). *Relatório Anual de Segurança Interna 2024*.
https://www.portugal.gov.pt/download_ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBQAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNDExwYAs4WfKQUAAAA%3d
- Gracia, E., García, F., & Lila, M. (2008). Public responses to intimate partner violence against women: The influence of perceived severity and personal responsibility. *The Spanish Journal of Psychology*, 12(2), 648-656.
- Grigorova, M. (2021). *Gender Differences in Bystanders' Intention to Help Towards Female and Male Victims of Domestic Violence: A Web-Based Online Survey* (Tese de Doutoramento, Universidade de Essex).
<https://repository.essex.ac.uk/30120/>
- Gustafson, P. E. (1998). Gender Differences in risk perception: Theoretical and methodological perspectives. *Risk Analysis*, 18(6), 805-811.
- Herrero, J., Torres, A., & Rodríguez, F. J. (2017). Gender Differences in Perceptions of Intimate Partner Violence: A Cross-Cultural Study. *Violence and Victims*, 32(5), 789–806.
- Hohendorff, J. V., Santos, S. S., & Dell’Aglio, D. (2015). Estudo de caso sobre a revelação da violência sexual contra meninos. *Contextos Clínicos*, 8, 46-54.
<https://doi.org/10.4013/ctc.2015.81.05>
- Kirby, C. M., Jarnecke, A. M., Leone, R. M., & Flanagan, J. C. (2022). A preliminary exploration of the influence of intimate partner violence victimization on

- perceptions of others' intimate partner violence experiences. *Partner Abuse*, 13(3), 2-19.
- Kuijpers, K. F., Blokland, A. A., & Mercer, N. C. (2017). Gendered perceptions of intimate partner violence normality: An experimental study. *Journal of interpersonal violence*, 36(3-4) <https://journals.sagepub.com/home/jiv>
- Landström, S., Ask, K., & Sommar, C. (2015). The emotional male victim: Effects of presentation mode on judged credibility. *Scandinavian Journal of Psychology*, 56(1), 99-104. <https://doi.org/10.1111/sjop.12176>
- Latané, B., & Darley, J. M. (1968). Group inhibition of bystander intervention in emergencies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 10(3), 215-221.
- Lee, J. (2019). *Examining the intersection of gender and age in victim blaming* (Doctoral dissertation, West Virginia University).
- Levine, M., Cassidy, C., Brazier, G., & Reicher, S. (2002). Self- categorization and bystander non-intervention: Two experimental studies. *Journal of Applied Social Psychology*, 32(7), 1452-1463.
- Lippert, A., Baker, D., Hawk, G., Gongora, N., & Golding, J. (2025). Whom would you help? The impact of perpetrator and victim gender on bystander behavior during a sexual assault. *Violence Against Women*, 31(11), 1-24. <https://us.sagepub.com/en-us/journals-permissions>
- Machado, A., Santos, A., Graham-Kevan, N., & Matos, M. (2016). Exploring help seeking experiences of male victims of female perpetrators of IPV. *Journal of Family Violence*, 32(5), 513-523. <https://doi.org/10.1007/s10896-016-9853-8>

- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in Juvenile Dating Relationships Self-Reported Prevalence and Attitudes in a Portuguese Sample. *Journal of Family Violence*, 25, 43-52.
- Machado, C., Martins, C., & Caridade, S. (2014). Violence in intimate relationships: A comparison between married and dating couples. *Journal of Criminology*, 2014(1), 1-9. <http://dx.doi.org/10.1155/2014/897093>
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. (2003). Violência nas Relações Amorosas: Comportamentos e Atitudes na População Universitária. *Psychologica*, 33, 69- 83.
- Mainwaring, C., Gabbert, F., & Scott, A. J. (2023). A systematic review exploring variables related to bystander intervention in sexual violence contexts. *Trauma, Violence, & Abuse*, 24(3), 1727-1742. <https://us.sagepub.com/en-us/journals-permissions>
- Manita, C., Ribeiro, C. & Peixoto, C. (2009). Violência Doméstica: Compreender para Intervir. Guia de Boas Práticas para Profissionais de Instituições de Apoio a Vítimas. Sersilito: Empresa Gráfica, Lda. Portugal (Lisboa).
- Méndez & R., Lisette. (2023). Violencia basada en género en relaciones de pareja adolescentes: una revisión integral. *Revista Ciencias Humanas*, 16, 17-30. <https://doi.org/10.21500/01235826.6357>
- Möller, J., & Husemann, N. (2006). Internal comparisons in everyday life. *Journal of Educational Psychology*, 98(2), 342–353. <https://doi.org/10.1037/0022-0663.98.2.342>
- Nardi-Rodríguez, A., Sánchez-Prada, A., Delgado-Álvarez, C., Bosh-Fiol, E., Vázquez González, L. I., & Ferrer-Pérez, V. A. (2024). *Willingness to help women victims*

of intimate partner violence in a Spanish context: Differential factors, interactions and predictors. PLoS One, 19(7), 1-23.
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0307274>

Neves, S., Correia, A., Borges, J., Rocha, H., Costa, S., Peixoto, S., Rodrigues, C., Duarte, A., & Allen, P. (2022). *Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro no Ensino Superior: Crenças e Práticas –2020/2021*. Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. <https://www.cig.gov.pt/2022/02/estudo-nacional-demonstra-dados-de-violencia-no-namoro-no-ensino-superior/>

Nicksa, S. C. (2014). Bystander's willingness to report theft, physical assault, and sexual assault: The impact of gender, anonymity, and relationship with the offender. *Journal of Interpersonal Violence, 29(2)*, 217-236.

Ontiveros, G., Cantos, A. L., & O'Leary, K. D. (2023). Differences among perpetrators of intimate partner violence utilizing proactive versus reactive aggression. *Behavioral Psychology/Psicología Coconductual, 31(3)*. 501-523.

Palmer, J. E., Nicksa, S. C., & McMahon, S. (2016). Does who you know affect how you act? The impact of relationships on bystander intervention in interpersonal violence situations. *Journal of Interpersonal Violence, 33(17)*, 2623-2642.
<https://doi.org/10.1177/0886260516628292>

Pilati, R., Leão, M., Vieira, J. N., & Fonseca, M. D. M. (2008). Efeitos da atribuição de causalidade e custo pessoal sobre a intenção de ajuda. *Estudos de Psicologia (Natal), 13*, 213-221.

Piliavin, I. M., Piliavin, J. A., & Rodin, J. (1975). Costs, Diffusion, and Stigmatized Victim. *Journal of Personality and Social Psychology, 32(3)*, 429-438.

- Pinciotti, C. M., & Orcutt, H. K. (2020). It won't happen to me: An examination of the effectiveness of defensive attribution in rape victim blaming. *Violence Against Women*, 26(10), 1-21. <https://doi.org/10.1177/1077801219853367>
- Pinheiro, E. M., Kakehashi, T. Y., & Angelo, M. (2005). O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13(5), 717-722. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692005000500016>
- Rhatigan, D. L., Stewart, C., & Moore, T. M. (2011). Effects of gender and confrontation on attributions of female-perpetrated intimate partner violence. *Sex Roles*, 64, 875-887.
- Saavedra, R. M. M. (2010). *Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis* (Tese de Doutorado). Universidade do Minho (Portugal).
- Santos, J., & Rezende, M. M. (2021). Violência psicológica entre jovens parceiros íntimos: uma revisão bibliográfica. *Revista Uniandrade*, 21(1), 11-22. <http://dx.doi.org/10.5935/1519-5694.20200002/revuniandrade.v21n1p-11-22>
- Savage, M. W., Menegatos, L., & Roberto, A. J. (2017). When do friends prevent friends from hooking up intoxicated? An examination of sex differences and hypothetical intoxication in peer interventions. *Archives of Sexual Behavior*, 46(6), 1819-1829.
- Silva, L. L. D., Coelho, E. B. S., & Caponi, S. N. C. D. (2007). Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface Comunicação, Saúde, Educação*, 11, 93-103.

- Silva, M. (2017). *Violência no Namoro: Estudo com Adolescentes de uma Escola Secundária de Bragança*. Bragança: Relatório de Estágio para obtenção do grau de Mestre, Instituto Politécnico de Bragança.
- Silva, R. S., & Fernandes, A. I. (2018). *Estereótipos de género na publicidade em Portugal: Uma análise de conteúdo*. Instituto Politécnico de Lisboa.
<https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/9530>
- Sorenson, S. B., & Taylor, C. A. (2005). Female aggression toward male intimate partners: An examination of social norms in a community-based sample. *Psychology of Women Quarterly*, 29(1), 78-96.
- Souza, V. M. P. D., Larocca, L. M., Chaves, M. M. N., Fialla, M. D. R. P. M., Durand, M. K., & Lourenço, R. G. (2021). Violência de género no espaço universitário. *Cogitare Enfermagem*, 26, 1-23.
- Taylor, J. C., Bates, E. A., Colosi, A., & Creer, A. J. (2022). Barriers to men's help seeking for intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(19-20),
<https://us.sagepub.com/en-us/journals-permissions>
- Tojo, R. A. G. F. (2017). *Para além do silêncio: Responsabilidade social e intenção de agir em situações de violência entre parceiros íntimos* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Évora (Évora, Portugal).
- Torre Laso, J., & Rodríguez-Díaz, J. M. (2022). The relationship between attribution of blame and the perception of resistance in relation to victims of sexual violence. *Frontiers in Psychology*, 13.

- Toscano, A.; Gutiérrez, R., Hernández Chang, E. A., Barreto, A., & Blanquicet, R. (2023). Estereotipos de Sexo como Predictores de Sexismo Hostil y Benevolente en Hombres y Mujeres Heterosexuales. *Psicología desde el Caribe*, 40(1), 115-132.
- Tosta Souza, A., & Cassepp-Borges, V. (2021). Understanding Intimate Relationships with Abusive Behavior through Attachment Theory. *Revista Interamericana de Psicología*, 55(1), 1-17.
- Van Gelder, J. L., de Vries, R. E., Demetriou, A., Van Sintemaartensdijk, I., & Donker, T. (2019). The Virtual Reality Scenario Method: Moving from imagination to immersion in criminal decision-making research. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 56(3), 451–480. <https://doi.org/10.1177/0022427818819696>
- Walker, J., Kelty, S. F., & Ng Tseung-Wong, C. (2024). Bystander intervention in coercive control: Do relationship to the victim, bystander gender, and concerns influence willingness to intervene? *Journal of Interpersonal Violence*, 39(15-16), 3791-3815. <https://doi.org/10.1177/08862605241234350>
- Weiner, B. (1980). A cognitive (attribution)-emotion-action model of motivated behavior: An analysis of judgments of help-giving. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39(2), 186–200. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.39.2.186>
- Weisz, A. N., & Black, B. M. (2008). Peer intervention in dating violence: Beliefs of African-American middle school adolescents. *Journal of Ethnic & Cultural Diversity in Social Work*, 17(2), 177-196.
- Wijaya, C. N., Roberts, L. D., & Kane, R. T. (2022). Attribution theory, bystander effect and willingness to intervene in intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 37, 13-14.

Anexos

Anexo I – Questionário Sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico

Sexo

Feminino ☐

Masculino ☐

Outro. Qual: _____

Idade

Nacionalidade

Naturalidade

Estado Civil

Solteiro/a

União de Facto

Casado/a

Divorciado/a

Viúvo/a

Outro. Qual: _____

Universidade que Frequenta

Curso que Frequenta

Ano do Curso

Licenciatura 1º Ano

Licenciatura 2º Ano

Licenciatura 3º Ano

Mestrado 1º Ano

Mestrado 2º Ano

Doutoramento

Pós-Graduação

Já alguma vez observou alguma situação de violência no namoro?

Sim

Não

Já alguma vez passou por alguma situação de violência no namoro como vítima e/ou agressor/a?

Sim

Não

Anexo II – Guião Vídeo: Agressor do Género Feminino (Vítima Masculina Passiva)

- **João** (*Confuso*): Como assim?
- **Maria** (*Levantando ligeiramente o tom*): Eu vi-te com aquela gaja!
- **João** (*Perplexo*): Mas que gaja?
- **Maria**: Já te disse.
- **João**: Mas do que é que estás a falar?
- **Maria** (*Em tom acusador*): Na Receção ao Caloiro. Disseste que ias ter com o Miguel e o Marco, mas eu vi-te com a Marta.
- **João** (*Confuso*): Mas... Tu disseste que não ias à receção!
- **Maria** (*Desviando o olhar, fria*): Fui, e não tens nada a ver com isso. O que interessa é que me mentiste.
- **João** (*Tentando controlar a voz*): Mas eu não te menti!
- **Maria**: Eu sabia que ias fazer porcarias e fui lá ver ... E tinha razão!
- **João**: Mas eu não fiz nada! Fala mais baixo ...
- **Maria** (*Encarando-o, furiosa*): Já estou a perder a paciência ... E tu não queres que me passe já aqui!
- **João** (*Baixando a cabeça, quase em sussurro*): Desculpa... Mas eu não fiz nada!
- **Maria** (*Aumentando a agressividade no tom*): Epah, vi-te com a Marta e isso já é fazer muito!
- **João**: Mas nós só trocámos meia dúzia de palavras!

- **Maria** (*Rindo sarcasticamente*): Ah, claro ... Só a falar... Com uma imperial na mão e às gargalhadas ... Achas que sou parva?
- **João** (*Quase implorando*): Era só uma conversa, juro-te...
- **Maria** (*Balançando a cabeça*): Eu não posso confiar em ti.
- **João** (*Tentando se justificar, nervoso*): Mas eu não fiz nada!
- **Maria** (*Silêncio*).
- **João** (*Tocando no ombro de Maria*): Por favor, acredita em mim...
- **Maria** (*Olhando-o com raiva*): Não percebes que ela se está a atirar a ti?
- **João** (*Baixa a cabeça, derrotado*): Não foi isso, Maria...Ela só queria falar comigo acerca do Miguel ...
- **Maria** (*Interrompendo com autoridade*): Não quero falar mais nisto ... E não quero que voltes a falar com ela!
- **João** (*Em sussurro, sem levantar o olhar*): Desculpa...

Anexo III - Agressor do Género Feminino (Vítima Reativa)

- **João** (*Confuso*): Como assim?
- **Maria** (*Levantando ligeiramente o tom*): Eu vi-te com aquela gaja!
- **João** (*Perplexo*): Mas que gaja? Estás te a passar?
- **Maria**: Já te disse.
- **João**: Mas do que é que estás a falar? Não estou a gostar desse teu tom.
- **Maria** (*Suspira*): Na Receção ao Caloiro. Disseste que ias ter com o Marco e o Miguel, mas eu vi-te com a Marta.
- **João** (*Confuso*): Mas... Tu disseste que não ias à receção!
- **Maria** (*Desviando o olhar, fria*): Fui, e não tens nada a ver com isso. O que interessa é que me mentiste.
- **João** (*Tentando controlar o tom de voz*): Desculpa?! Se é assim, tu também me mentiste!
- **Maria** (*Perplexa*): Não me compares contigo. Eu sabia que ias fazer porcaria e fui lá ver ... E tinha razão!
- **João** (*Chateado*): Comparar comigo? Estás te a passar? Eu não fiz nada!
- **Maria** (*Encarando-o, furiosa*): Já estou a perder a paciência ... E tu não queres que me passe já aqui!
- **João** (*Levanta ligeiramente a voz*): Eu não fiz nada! Não tens o direito de falar assim comigo e de me acusar, nem tens motivos para isso, já te disse que não fiz nada!
- **Maria** (*Aumentando a agressividade no tom*): Epah, vi-te com a Marta e isso já é fazer muito!

- **João:** Mas nós só trocámos meia dúzia de palavras!

- **Maria** (*Rindo sarcasticamente*): Ah, claro ... Só a falar... Com uma imperial na mão e às gargalhadas ... Achas que sou parva?

- **João:** Mas eu alguma vez te dei motivos para não confiares em mim?!

- **Maria** (*Balançando a cabeça*): Deste-me agora ...

- **João** (*Tentando se justificar, um pouco irritado*): Mas Maria, já disse que não fiz nada! Ela só queria falar comigo acerca do Miguel ... E que eu saiba, eu posso falar com quem eu quiser.

- **Maria** (*Silêncio*).

- **João** (*Tocando no ombro de Maria, irritado*): Estou a falar contigo. Não acreditas em mim?!

- **Maria** (*Olhando-o com raiva*): Não percebes que ela se está a atirar ti?

- **João:** Já te disse, não é isso Maria ... Nunca te dei motivos para desconfiares de mim, também não seria agora!

- **Maria** (*Interrompendo com autoridade*): Não quero falar mais nisto ... E não quero que voltes a falar com ela!

- **João** (*Irritado*): O quê?! Era só o que me faltava, não mandas em mim nem vais começar a mandar agora.

(*João levanta-se e sai da sala, resmungando algo impercetível*).

Anexo IV – Link para Visualização dos Vídeos

Link Vídeo Vítima Masculina Reativa, Agressor Feminino:

<https://youtube.com/shorts/rQWWwwhcq5Q?feature=share>

Link Vídeo Vítima Masculina Passiva, Agressor Feminino:

<https://youtube.com/shorts/rQWWwwhcq5Q?feature=share>

